

O ESOTERISMO OCIDENTAL: A TRAJETÓRIA DA
SOCIEDADE BRASILEIRA DE EUBIOSE E SUA
REPRESENTAÇÃO NA CIDADE DO RECIFE (1960-1986)



Rodrigo Silva da Costa Bezerra

Recife - PE

2024

O ESOTERISMO OCIDENTAL: A TRAJETÓRIA DA
SOCIEDADE BRASILEIRA DE EUBIOSE E SUA
REPRESENTAÇÃO NA CIDADE DO RECIFE (1960-1986)



Rodrigo Silva da Costa Bezerra

Recife - PE

2024

Copyright © 2024 | Rodrigo Silva da Costa Bezerra.

Autor | Rodrigo Silva da Costa Bezerra

Orientadora | Prof. Dra. Lídia Rafaela Nascimento dos Santos

Revisão | O autor

Design e diagramação | O autor

B574e Bezerra, Rodrigo Silva da Costa.
O esoterismo ocidental : a trajetória da Sociedade Brasileira
de Eubiose e sua representação na cidade do Recife (1960-1986)
/ Rodrigo Silva da Costa Bezerra, 2024.
170 f. : il.

Originalmente apresentado como Relatório técnico de
Mestrado Profissional em História.

1. Ciências ocultas - Recife - História. 2. Historiografia.
3. Pesquisa histórica. 4. Sociedade Brasileira de Eubiose.
I. Título.

CDU 930.2

Pollyanna Alves - CRB4/1002



Dedicatória

Dedico esta obra aos meus filhos queridos, Davi e Julia e aos meus pais José e Azenete por terem sido indispensáveis no apoio e companhia neste tempo de muito trabalho, mas, ao mesmo tempo, tão gratificante na aquisição de novos conhecimentos.

Dedico esta obra, também, a todos os leitores que, movidos pela sede de conhecimento, o encontrem como uma fonte de inspiração e aprendizado. Que cada página deste trabalho seja um passo significativo na sua busca por respostas, reflexões e crescimento intelectual. É minha esperança que esta obra contribua de alguma forma para suas pesquisas e os encoraje a continuar desbravando os caminhos infinitos do saber, com a mesma curiosidade e determinação que guiaram sua jornada até aqui.



Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me fortalecido durante esta caminhada, como também à minha mãe e ao meu pai, pois sem eles nada do que está escrito neste trabalho seria factível.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em História, Mestrado Profissional, 6ª turma, da Universidade Católica de Pernambuco Unicap, que em muito me ajudaram a entender a riqueza que é compreender os percursos de cada história.

Por fim, agradeço aos colegas de turma pela ajuda quando precisei e a todos os membros do departamento local do Recife da Sociedade Brasileira de Eubiose, por terem sido amplamente solícitos desde o primeiro momento em que comuniquei a pretensão da realização deste trabalho.



Apresentação

O presente trabalho científico é fruto de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) no período de 2022/2024, sob a orientação da Professora Doutora Lídia Rafaela Nascimento dos Santos. Este trabalho visa a analisar a trajetória da Sociedade Brasileira de Eubiose, uma organização esotérica, destacando sua presença na cidade do Recife e sua representação nos meios de comunicação locais durante o período de 1960 a 1986.

A pesquisa foi estruturada com base em uma revisão teórica detalhada sobre o Esoterismo Ocidental, em especial a Eubiose, suas raízes históricas e sua difusão na sociedade contemporânea, especialmente no contexto brasileiro. A análise deteve-se especialmente na cobertura jornalística da época, em que a Sociedade Brasileira de Eubiose foi frequentemente mencionada e discutida em veículos como o Diário de Pernambuco e o Jornal Diário da Manhã.

Apresenta-se neste trabalho uma perspectiva sobre o Esoterismo Ocidental e o fenômeno da Nova Era, aliado ao contexto do Fenômeno da Contracultura, especialmente das décadas de 60 e 70, como arcabouço para a compreensão do tema. Da mesma forma, é exposto os aspectos históricos, culturais e filosóficos, tanto do Esoterismo Ocidental, como também da Sociedade da Eubiose. Por fim, será abordado a trajetória da Sociedade Brasileira de Eubiose e sua representação na Capital Pernambucana, levando-se em conta os efeitos regionais do Esoterismo Ocidental e da Contracultura.



*"Onde está o sábio? Onde está o escriba?
Onde está o inquiridor deste século?
Porventura não tornou Deus louca a
sabedoria deste mundo?" - Paulo de
Tarso.*



Índice de Figuras

- 01 | Figuras 1, 2 e 3: Capar do trabalho com representação do espaço, símbolo da SBE e vista panorâmica noturna da Terra.
- 20 | Figura 4: Templo Sede da Sociedade Brasileira de Eubiose em São Lourenço - MG
- 21 | Figura 05 : Símbolo do Zodíaco com Mão de Cartomante e Cristais de Cura
- 25 | Figura 06 e 07: DP, 30 de maio de 1980, a-9 e DP, 12 de set. de 1972, 2º Caderno, p.6
- 26 | Figuras 08, 09, 10 e 11: Davi de Michelangelo, O Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci, 1492 , a Escola de Atenas de Rafael Sanzio, 1511 e Moisés de Michelangelo, 2018.
- 27 | Figura 12: Hermes Trismegistus, Mosaico de piso na Catedral de Siena, atribuído a Stefano di Giovanni, 1488.
- 29 | Figura 13: Corpus Hermeticum, 1ª ed. em Latim, por Marcílio Ficino, Edição pertencente à Biblioteca Philosophica Hermetica, Amsterdã, 1471.
- 29 | Figura 14: Introdução de Marsilio Ficino à sua tradução latina do Corpus Hermeticum em um manuscrito dedicado a Lorenzo il Magnífico, 1491. Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença, Itália.
- 31 | Figura 15: Foto ilustrativa do Panteão de Roma, 2024
- 32 | Figuras 16: - Foto ilustrativa do Coliseu de Roma, Itália, 2024
- 34 | Figuras 17 e 18: - Jovem *Hippie* e cartas de Tarô.



35 | Figura 19: Mulher Hippie segurando o símbolo da Paz e Amor, década de 60, que representou a prevalência da paz sobre a guerra.

36 | Figuras 20 e 21: Capa do poema Howl e o seu autor, o americano Allen Ginsberg, em 1979.

37 | Figura 22 : Multidão de jovens no Festival Woodstock.

37 | Figura 23 : Pôster oficial do evento do Woodstock, agosto de 1969.

37 | Figura 24: Caetano Veloso e Gilberto Gil no movimento Tropicália, 1960.

38 | Figura 25:- Caetano Veloso canta “Alegria, Alegria”, 1967.

38 | Figura 26: Grupo de meditação New Age no Festival Snoqualmie Moondance, em Snoqualmie Pass, estados Unidos, 1992.

42 | Figura 27: Diagrama informativo das ordens esotéricas expoentes da Nova Era no Brasil

43 | Figura 28 : Símbolos de religiões no mundo: Islã ; Roda do Dharma do Budismo, Estrela de Davi do Judaísmo, lua crescente e estrela do Islã, o “Om”, um dos mais sagrados do hinduísmo e a Cruz latina do Cristianismo.

49 | Figura 29 : Comunidade espiritualista de Findhorn, década de 1970 no Findhorn Bay Holiday Park, Escócia.



50 | Figuras 30, 31 e 32: O alquimista, pintura de Joseph Wright, de 1771, Fantasia dos Alpes 1822, pintura de Carl Gustav, de 1822 e a Disputa do Santíssimo Sacramento, de Rafael Sanzio (1509-1510). Fonte: commons.wikimedia.org, 2011.

52 | Figuras 33 e 34: Fotos ilustrativas dos filósofos renascentistas Marsilio Ficino e Giovanni Pico Della Mirandola.

54 | Figura 35 : Retrato presumido do médico Paracelso (1493-1541).

55 | Figura 36 : Quadro representando os Componentes fundamentais do Esoterismo Ocidental e respectivos afluentes.

58 | Figura 37 : Foto de Helena Petrovna Blavatsky, 1887.

63 | Figuras 38 e 39 : Antoine Faivre e sua Obra - O Esoterismo - 1ª edição de 1994.

64 | Figuras 40 e 41 : Wouter Hanegraaff, 2006. Fonte: wikipedia.org, 2006 e sua Obra New Age Religion and Western Culture: Esotericism in the Mirror of Secular Thought de 1998.

67 | Figuras 42 e 43: Representação do Brasil, e foto de HJS. Fontes: mundogeo.com, 2018 e facebook.com/mestrejhs, 2020.

68 | Figura 44: Diário de Pernambuco de 31 de outubro de 1971, 1º caderno, p. 2.

70 | Figura 45: Festa do Bumba Meu Boi , uma das festas folclóricas mais importantes do Brasil.

72 | Figura 46: Revista Aquarius, edição nº 3 de 1975.



72 | Figura 47: Capítulo referente ao Mamulengo, Origem e Etimologia, (Moysés Jakubovicz, 1975).

72 | Figuras 48: Matéria sobre o Mamulengo, DP, 13 de jan. de 1976, 2º ed., p. 10.

78 | Figuras 49, 50 e 51: Rio de Janeiro, chapada dos Guimarães - MT e Salvador - BA

80 | Figuras 52, 53 e 54: Obras Clássicas de HJS: O Verdadeiro Caminho da Iniciação, Ocultismo e Teosofia e Os Mistérios do Sexo.

85 | Figura 55: Quadro de HJS

86 | Figuras 56 e 57: O Teatro São João na Bahia, Século XIX, que já não existe, o qual foi destruído em um incêndio.

87 | Figura 58: Henrique e Hercília Gonçalves.

90 | Figuras 59 e 60: Foto da contracapa do Livro “Dos Mundos Subterrâneos para os Céus: Discos Voadores”, 1956.

94 | Figura 61: Estátua de Shree Krishna no Templo Sri Mariamman, Singapura.

94 | Figura 62: Ritual da Fogueira no Departamento da Eubiose na cidade do Recife/PE.

96 | Figura 63: Foto do Templo do obelisco na Ilha de Itaparica.

98 | Figura 64: Relato de fatos extraordinários em São Lourenço (1921).

100 | Figura 65: Relato de fatos extraordinários em São Lourenço (1921).



- 101 | Figura 66: Foto tirada em São Lourenço/Sul de Minas Gerais, 1924. No local foi erguido o primeiro templo da Eubiose, São Lourenço/Sul de Minas Gerais, 1928. Atrás a Pensão São Benedito.
- 102 | Figura 67: Vista aérea da Esplanada dos Ministérios em Brasília-DF.
- 103 | Figuras 68 e 69: Companhia energética de Brasília em 2016 e Pirâmide de Saqqara, a primeira do Egito antigo.
- 104 | Figuras 70: Rodovia do Plano Piloto, Brasília, 2014.
- 104 | Figuras 71: Congresso Nacional.
- 105 | Figura 72: Memorial JK.
- 106 | Figura 73: Busto de Akhenaton, oriundo da XVIII Dinastia Egípcia e JK, como sua reencarnação, conforme atribuem os eubiotas.
- 108 | Figuras 74 e 75: Juscelino Kubitschek e Helena Jefferson de Souza em ritual no Templo da Eubiose de São Lourenço em 1972 e ao lado na capa da revista JK! JK! A Conexão Esotérica.
- 109 | Figura 76: Foto do Dr. César do Rego Monteiro Filho, então Presidente da STB, condecorando JK. (SBE, 1963).
- 111 | Figura 77: Foto de membros do Vale do Amanhacer, doutrina originada em Brasília, 2019.
- 113 | Figuras 78, 79 e 80: Quadro de HJS da Biblioteca da Ordem local, interior do Departamento e a Avenida Guararapes na década de 50.



117 | Figura 81: Diário da Manhã de 08 de abril de 1968, p. 5.

118 | Figuras 82 e 83: Livro “A Contracultura” de 1972 da editora vozes e sua versão em inglês.

119 | Figura 84: Matéria sobre o Livro “A Contracultura” de Theodore Roszak, DP, 07 de maio de 1972.

120 | Figura 85: Matéria sobre o Tarô, DP de 1974, edição 00074.

121 | Figura 86: Matéria do DP, 16 de junho de 1973, caderno classificados, p. 6.

122 | Figura 87: Anúncio comercial do DP, 16 de junho de 1973, caderno classificados, p. 6.

123 | Figura 88: Matéria DP de 29 de maio de 1973, primeiro caderno, p. 1.

124 | Figura 89: Matéria DP, 28 de julho de 1973, p. 6

125 | Figura 90: Matéria de 12 de janeiro de 1973.

127 | Figura 91: Boletim da Fundação da Eubiose no Recife. Dhâranâ nº 03 – julho - agosto de 1954 – Ano XXIX p.09.

128 | Figuras: 92 e 93 - Uma das sedes anteriores da Eubiose, o Edifício Ieda, 2023.

128 | Figura 94: Foto do Departamento de Eubiose, localizado na Rua do Sossego, nº 101, ano 2024.

129 | Figura 95 :Foto de Antônio Leolino (esquerda da foto), início dos anos 1960. Fonte Biblioteca do Dpto local.



- 131 | Figuras 96 e 97: Fotos ilustrativas dos jornais Diário da Manhã e Diário de Pernambuco.
- 132 | Figura 98: Matéria do Diário de Pernambuco de 12 de outubro de 1972, terceiro caderno, p. 12.
- 133 | Figura 99: Matéria do Diário de Pernambuco de 13 de maio de 1980, caderno B, p.8.
- 133 | Figura 100: Matéria do Diário de Pernambuco de 21 de maio, 1980, caderno B-8.
- 134 | Figura 101: Matéria do Diário de Pernambuco de 01 de junho de 1978, P.8, caderno E.
- 135 | Figura 102: Ivane dos Anjos, Década de 90 - Sede da Eubiose em São Lourenço.
- 136 | Figura 103: Matéria do Diário de Pernambuco, matéria de 01 de fevereiro de 1979, caderno c.
- 136 | Figura 104: Matéria do Diário de Pernambuco, matéria de 19 de abril de 1979, caderno A-8.
- 137 | Figura 105: Matéria do Diário de Pernambuco de 07 de julho de 1980.
- 138 | Figura 106: Matéria do Diário de Pernambuco de 21 de julho de 1977.
- 139 | Figura 107: Matéria do Diário de Pernambuco, 10 de fevereiro de 1977, p. 6.
- 140 | Figura 108: Membros do Departamento local, na Convenção Nacional na Cidade de São Lourenço/MG no ano de 1993 .



140 | Figura 109: Matéria do Diário de Pernambuco, 19 de novembro de 1979, A - 2.

141 | Figura 110: Matéria: Eubiose, Uma filosofia da pré-história, Diário de Pernambuco de 6 de outubro de 1978.

144 | Figuras 111 e 112 . Pedra da Gávea e a suposta inscrição fenícia “Ietbaal primogênito de Badezir” na parte lateral.

144 | Figura 113: Tradução da inscrição da Pedra da Gávea.

145 | Figuras 114: Obra "Inscrições e Tradição da América Pré-histórica Especialmente do Brasil.

146 | Figuras 115: Revista Dhâranâ on-line - Edição dos cem anos da Eubiose.

146 | Figura 116: 1ª ed. da Revista Aquarius.

147 | Figura 117: Mural dos Grandes Iniciados na sede local, entre eles H.J.S e H.P.B. Foto de 2023.

148 | Figura 118: Matéria do Diário da Manhã, 16 de outubro de 1972, p. 10.

150 | Figura 119: Foto de Helena Jefferson de Souza, 2000.

150 | Figura 120: Foto de Leonardo Faria Jefferson de Souza, 2022.

151 | Figura 121: Selo Comemorativo do Centenário de Fundação Material da Sociedade Brasileira de Eubiose. Fonte: eubiose.org.br.



151 | Figura 122: Placa da Eubiose na entrada do Departamento local, 2024.

154 | Figura 123 : Brasão da SBE na entrada do Templo sede em São Lourenço - Minas Gerais (MG), 2023.



Lista de Abreviaturas e Siglas

AMORC - Antiga e Mística Ordem Rosa Cruz

BA - Bahia

DP - Diário de Pernambuco

Dpto - Departamento

HJS - Henrique José de Souza

HPB - Helena Petrovna Blavatsky

JHS - Como era chamado também Henrique José de Souza

MT - Mato Grosso

próx pág. - próxima página

SBE - Sociedade Brasileira de Eubiose

STB - Sociedade Tesófica Brasileira

JK - Juscelino Kubitschek



Sumário

21 | INTRODUÇÃO

26 | I - ORIGENS DO ESOTERISMO OCIDENTAL

27 | A Renascença e o ressurgimento do Conhecimento Hermético

34 | O Fenômeno da Contracultura e o Movimento da Nova Era

43 | Análise histórico-cultural do Esoterismo Ocidental

50 | II - A EUBIOSE E SUA RELAÇÃO COM O ESOTERISMO OCIDENTAL

51 | Eubiose e a *Prisca Theologia*: Herança da Tradição Esotérica Ocidental

59 | O Esoterismo e seu Estudo Acadêmico

67 | A Eubiose como Campo Acadêmico de Estudo

73 | Definições e conceitos do Esoterismo Ocidental

78 | III - A EUBIOSE NO BRASIL: HISTÓRIA, CRENÇAS E DIFUSÃO

79 | Contexto histórico-filosófico

91 | A Fundação Cíclica da Eubiose (1899)

96 | Fundação Espiritual da Obra (28 de setembro de 1921, São Lourenço, MG)

99 | Fundação Material da Obra (10 de agosto de 1924, Niterói, RJ)

102 | O Crescimento da Eubiose no Brasil



113 | IV - A TRAJETÓRIA DA EUBIOSE NA CIDADE DO RECIFE

114 | As representações do Esoterismo Ocidental e da Contracultura na cidade do Recife

126 | O início da trajetória em Recife

131 | As representações da Eubiose no Recife

150 | LINHA DO TEMPO

152 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

154 | REFERÊNCIAS



Figura 4: Templo Sede da Sociedade Brasileira de Eubiose em São Lourenço - MG. Fonte: tripadvisor.com, 2014.

Figura 5 : Símbolo do Zodíaco com Mão de Cartomante e Cristais de Cura. Fonte Autoria própria, 2024



INTRODUÇÃO

Apesar do esoterismo ter suas raízes em antigas tradições místicas e filosóficas, foi no século XV, no Ocidente, que o tema recrudesceu, impulsionado pela influência do pensamento mágico-hermético e pela busca incessante por respostas sobre o divino, refletindo em ensaios que buscavam dar sentido ao presente, através de um olhar voltado para o passado. Nesse cenário, o Renascimento trouxe de volta a magia do pensamento greco-romano, fato este que contribuiu para o surgimento de diferentes correntes esotéricas.

O tema, com o tempo, especialmente desde segunda metade do século XX despertou o interesse no campo historiográfico, inspirando uma fértil produção acadêmica, sobretudo em virtude do contexto histórico-cultural que marcou o período. Um dos expoentes desse movimento é o professor de História da Filosofia Hermética e correntes relacionadas de Amsterdã - Holanda, Wouter Hanegraaff, que já observava:

O esoterismo tem muitos nomes, mas nenhum deles parece ter um nome claro e um significado direto, e cada um carrega associações que são, de alguma forma, questionáveis ou confusas. E, ainda assim, todos esses nomes – “esoterismo”, “hermetismo”, “o oculto”, “mágica”, “misticismo”, “superstição”, “o irracional” e assim por diante, referem-se a algo que inquestionavelmente parece existir, em nossa história. (Hanegraaff, 2012, p. 1).



Assim, a fim de Justificar o esoterismo na análise da história cultural das religiões, foi importante considerar que, assim como as religiões tradicionais, o mesmo consiste numa expressão significativa da busca humana pelo entendimento do divino e pelo sentido da existência, princípios estes contidos nas religiões. A História Cultural das Religiões permite abordar, seguindo esse entendimento, o esoterismo e a eubiose como tradições que, embora não sejam religiões oficiais, apresentam princípios e práticas espirituais que se aproximam de questões teológicas e aspectos simbólicos presentes nas religiões estabelecidas, confirmando a legitimidade do presente debate sobre os diferentes caminhos na busca pelo transcendental.

Ademais, para tal justificativa é patente a forte influência que o esoterismo teve nas sociedades, levando-se em conta o transcurso temporal desde o Renascimento até os dias atuais, o que resultou em mudança no sistema de valores de cada época. Nesse sentido, a disciplina da história cultural das religiões contribuiu para a abordagem do presente trabalho, pois percebeu-se o ligamento das crenças esotéricas com sistemas de valores envolvidos dentro de cada determinado espaço e tempo, mormente as diversidades que haviam em cada período. Nesse sentido, Adone Agnolin:

Trata-se, sinteticamente, do momento histórico, no qual a Europa decidia, em Berlim, a divisão da África (1878); é a época na qual o Império Britânico tornava-se o maior Império da história; conseqüentemente, é ainda o momento no qual a civilização europeia manifestava sua mais completa convicção de superioridade (em termos raciais, vale a pena repetir. E é justamente nesta conjuntura que alguns pensadores, -ligados, de algum modo, à história de seu próprio País, à sua cultura, a incentivos acadêmicos que permitiam determinados percursos de pesquisa etc. - começam a se interessar pelas culturas dos outros povos da terra, sistematizando seus estudos sobre as religiões (Agnolin, 2013, p. 17)

A abordagem é defendida também por pesquisadores, a exemplo de Diego Chaves, que seguiu o entendimento sobre a influência da História Cultural no



campo esotérico e teológico, principalmente na virada cultural da década de 60. O trabalho de Diego Chaves “Esoterismo Ocidental e Nova Era: a tradição inventada presente na trajetória da antiga e mística Ordem Rosacruz (AMORC) na cidade do Recife (1959-1981)”, além do seu artigo “Um Recife Esotérico”, defendido no PPGH da UNICAP, contribuem para o amadurecimento da discussão historiográfica na área.

Nesse contexto, a presente obra visa expor a trajetória e influência da Sociedade Brasileira de Eubiose, uma organização esotérica de grande relevância no cenário brasileiro, com influência na Capital Pernambucana, mormente no período de 1960 a 1986, quando se observou maior divulgação sobre o grupo, particularmente nos jornais Diário de Pernambuco e Diário da Manhã. O enfoque do trabalho na cidade do Recife, no período assinalado, se deu devido à diversidade religiosa, além de ter sido um ponto de convergência para diferentes correntes esotéricas, teosóficas e espiritualistas. A atuação da Eubiose na cidade, amplamente difundida por meio de palestras públicas e outras atividades abertas à comunidade, reflete tanto sua adaptabilidade ao contexto brasileiro quanto sua aceitação como filosofia da vida no ambiente místico recifense.

Doutrinariamente, o trabalho abordou a didática dos ensinamentos do seu fundador, Henrique José de Souza, que estão disponíveis até hoje nos respectivos departamentos, os quais mantêm um acervo rico em manuscritos, palestras e textos originais que documentam a filosofia eubiótica que, assim como a Teosofia, é uma ciência integrativa que une conhecimentos ancestrais com sabedoria moderna. Seus ensinamentos, contidos principalmente em livros clássicos do seu fundador, abordam diferentes temas relativos à ordem com aspectos espirituais e científicos, abrangendo desde os princípios básicos até dimensões mais complexas da evolução espiritual e do desenvolvimento humano, permitindo um aprofundamento sistemático nos conceitos fundamentais da doutrina. Essa sabedoria antiga tem sido revelada ao longo do tempo por correntes esotéricas



como a Teosofia, e, entre elas, a Eubiose. Henrique José de Souza, justificando a origem desses ensinamentos, aduz:

Entre elas estão, certamente, as que lhe garantem a existência de uma ciência desconhecida; uma ciência que, tendo tido sua origem muitos milhões de anos antes do nascimento da raça a que pertencemos, se mostra inalterável até hoje e serviu em todos os tempos de anteparo à total degradação da humanidade. No entanto, do estudo comparativo das religiões, ressalta a certeza de ter existido, desde que o mundo é mundo, uma Sabedoria Única, anterior a todas as filosofias religiosas e a todas as ciências. A ela se refere Frank no prefácio à sua Cabala, denominando-a "chave de todos os sistemas religiosos" (Souza, 2001, p. 15)

Além disso, a profundidade do aspecto doutrinário da Sociedade Brasileira de Eubiose encontra-se, em grande medida, na influência da Teosofia, uma corrente esotérica ocidental que visa integrar saberes filosóficos, científicos e espirituais em uma visão holística da existência, além de propor um estudo comparativo das religiões e a busca de uma verdade universal, temas que foram absorvidos e reinterpretados pela Eubiose.

O presente trabalho, assim, buscou examinar como a Eubiose, enquanto ordem esotérica, consolidou sua presença na Capital de Pernambuco, destacando o papel fundamental que os meios de comunicação exerceram na disseminação e legitimação deste movimento junto à população local. A representação de seus ensinamentos eram difundidos através de palestras abertas ao público em jornais da época, como o Diário de Pernambuco e o Jornal Diário da Manhã, como uma forma de popularizar o seu nome, a exemplo do contido nas Figuras 11 e 12 das matérias do Diário de Pernambuco de, 30 de maio de 1980, a-9 e 12 de setembro de 1972, 2º Caderno, p.6, respectivamente, como pode ser demonstrado a seguir:



EUBIOSE — O Departamento de **Eubiose** está realizando palestras sobre o Homem e sua Origem Divina, as sextas-feiras, na Rua 24 de Maio, 74, Centro, com início às 20 horas. Segundo o secretário do Departamento, Mário dos Anjos, as referidas palestras servirão como matéria para um curso que será em breve ministrado.

EXATORES PROMOVEM PALESTRAS

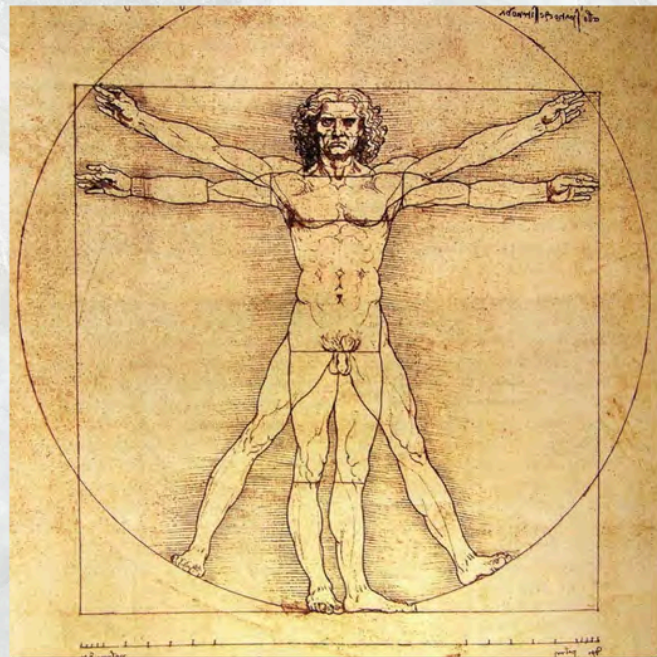
O sr. Nonato Magalhães, presidente da Associação dos Exatores do Estado de Pernambuco, comunica que está programada uma série de palestras a serem realizadas na sede daquela entidade.

Domingo último, sob sua presidência, efetuou-se a primeira, que versou sobre o tema "A Sociedade Brasileira de **Eubiose**". No próximo domingo, terá lugar outra palestra sobre tema semelhante.

Figuras 06 e 07: DP, 30 de maio de 1980, a-9 e DP, 12 de set. de 1972, 2º Caderno, p.6. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.

Vale ressaltar que essas publicações não apenas documentaram a expansão da Eubiose no cenário recifense, mas também evidenciaram o interesse crescente da sociedade pernambucana pelas matérias sobre ocultismo e esoterismo que eram constantemente veiculadas nos jornais citados durante aquele período histórico marcado pela crescente difusão de ideais libertários em vários aspectos de uma sociedade que vinha caminhando sobre os efeitos de movimentos que pregavam a “liberdade a todo custo”, como a Contracultura.

Assim sendo, o presente trabalho procurou compreender e expor a trajetória da Sociedade Brasileira de Eubiose no Recife no período compreendido entre 1960 a 1986, a qual, como organização esotérica, pouco foi explorada academicamente, oferecendo, assim, uma perspectiva única sobre o Esoterismo Ocidental no Brasil, abordando tanto seu impacto local, através dos meios de comunicação da época, quanto ressaltando sua interação no cenário brasileiro, fato este importante para a compreensão dos aspectos da ordem destacada.



Origens do Esoterismo Ocidental



Fonte das figuras 08, 09, 10 e 11 na lista de figuras

I

A Renascença e o ressurgimento do Conhecimento Hermético

O termo Esoterismo Ocidental surgiu na Idade Moderna, durante o Renascimento, e se difundiu no Ocidente por meio de humanistas, filósofos, pensadores e alquimistas. De fato, em 1460, o filósofo renascentista Marsílio Ficino recebeu do seu patrono, Cosmo de Médici, um pacote de textos enigmáticos, detentores de saberes ocultos, escritos em grego, que ficaram conhecidos como *Corpus Hermeticum*, sendo considerado uma série atribuída a uma figura mítica da antiguidade para uns, e para outros um homem real e histórico e divinamente inspirado que viveu em tempos remotos, chamado de Hermes Trismegisto.

Figura 12: Hermes Trismegistus, Mosaico de piso na Catedral de Siena, atribuído a Stefano di Giovanni, 1488. Fonte: www.meisterdrucke.pt, s.d





Segundo os antigos, Trismegisto era um contemporâneo do profeta Moisés que havia vivido no antigo Egito e era conhecido pelos egípcios como o deus “*Thoth*”, que segundo eles, atingiu uma sabedoria divina sobre a filosofia, a teologia e as mais diversas artes, como alquimia e a magia. A circulação desses textos místicos, por sinal, nas cortes italianas e renascentistas da Europa naquele período, trazia a relevo um aspecto de rupturas que existia em vários campos do conhecimento, entre eles o teológico. Nesse sentido, segundo Francis Yates:

com o aval de excelentes autoridades, a Renascença aceitou Hermes Trismegisto como uma pessoa real, de grande antiguidade e autor dos escritos herméticos. Isso estava implícito nas crenças dos principais Padres da Igreja, em particular nas de Lactâncio e de Agostinho. Naturalmente, não ocorreu a ninguém duvidar de que esses autorizados escritores estivessem com a razão. É realmente um testemunho notável da eminência e importância dos escritos herméticos e do êxito precoce e total da lenda de Hermes Trismegisto, no que diz respeito à sua autoria e antiguidade, que, no século IV, Lactâncio e Agostinho tenham aceitado essa lenda sem questioná-la (Yates, 1995, p. 18).

Assim, dentro desse contexto, foi inserido o chamado Corpus Hermeticum, textos que formam a base do hermetismo, hoje sinônimo associado ao Esoterismo Ocidental e que discute o divino, o cosmos, a mente e a natureza, bem como a alquimia, a astrologia e conceitos esotéricos relacionados. O Hermetismo daria base mais à frente ao aparecimento cíclico de várias formas de pensamentos e movimentos ocultos, como a Teosofia e, entre eles, a SBE. Esses textos herméticos, que circularam intensamente durante o Renascimento, tiveram um papel fundamental na difusão e na resignificação de conceitos místicos da antiguidade. Os estudos e traduções de humanistas, como Marsilio Ficino, foram decisivos para a preservação e disseminação desses conhecimentos, permitindo que ideias filosóficas e espirituais, anteriormente restritas, ressurgissem com novo vigor intelectual. Exemplares da tradução de Fici



no, a exemplo de sua Introdução traduzida do latim do Corpus Hermeticum (Figura 14 abaixo), podem ser encontrados em bibliotecas históricas da Europa, como a Biblioteca Medicea Laurenziana, em Florença, Itália.



Figura 13: Corpus Hermeticum: 1ª ed. em Latim, por Marsilio Ficino, Edição pertencente à Bibliotheca Philosophica Hermetica, Amsterdã, 1471. Fonte: commons.wikimedia.org, 2015.



Figura 14: Introdução de Marsilio Ficino à sua tradução latina do Corpus Hermeticum em um manuscrito dedicado a Lorenzo il Magnifico, 1491. Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença, Itália. Fonte: commons.wikimedia.org, 2018.

Como o próprio nome diz, o Renascimento foi um movimento que fez ressurgir o que a sociedade da época apreciava, que era o passado greco-romano, a glória da antiguidade greco-romana. Esse motivo era que os cidadãos da época viviam ainda diante do resplendor e da grandeza da cidade de Roma, ou em outros locais que tinham sido sedes de grandes cidades do Império Romano e que, por isso, estavam cercados por ruínas de grandes anfiteatros, de estradas e de coisas absolutamente monumentais que faziam brilhar os olhos dos cidadãos da época, o que levava os mesmos a reverenciar períodos que se antecederam.



Dessa forma, aquela sociedade concluía por óbvio, munida da decepção advinda da idade das trevas, termo alcunhado dos humanistas do Século XVII, que o passado havia sido muito mais interessante do que o tempo em que aqueles cidadãos estavam vivendo, o qual abrangia o despertar não só das artes, da arquitetura e da literatura greco-romana, mas também das línguas e visões de mundo e de si mesmo. Havia uma crença, na época, de que o ressurgimento das tradições clássicas restauraria valores perdidos e esquecidos, resultando num avanço social, cultural e espiritual, trazendo à tona a era de do “verdadeiro conhecimento”. Nesse sentido, David Pessoa de Lira pontua que:

essa busca apaixonante de fontes pelos renascentistas pressupunha que a anterioridade era sinônimo de superioridade. Nesse sentido, o mesmo cita com proeminência entre os renascentistas os teólogos mais antigos como Hermes Trismegistos, como também o filósofo Marcílio Ficino que destacava a superioridade de Hermes entre todos os outros por ser “Fons et Origo” (fonte e origem) dessa tradição. (Lira, 2016, p. 1).

A historiadora Francis Yates, da mesma forma, destacou que todos os grandes movimentos de vanguarda da Renascença tiraram vigor e impulso emocional do olhar que lançavam ao passado, como um de um tempo cíclico que trazia de volta a idade clássica como a mais pura e verdadeira. Esses movimentos imaginavam a história não como uma linha reta, mas como uma espiral onde os momentos mais luminosos do passado puderam ser não apenas revisitados, mas ressuscitados com uma intensidade criativa e regeneradora, transformando o presente através de uma reconexão profunda com as origens do pensamento ocidental. Nesse sentido, a busca pela antiguidade não era um exercício estéril, mas uma jornada de ressignificação, onde cada texto resgatado, cada fragmento de sabedoria antiga descortinada, representava um “sopro de vida” em um corpo cultural que se imaginava adormecido durante os períodos medievais tardios.



Para Yates, a história do homem não representa uma evolução da primitiva origem animal para a complexidade e o progresso, sempre crescentes, pois o passado era sempre melhor que o presente, e o progresso era a revivescência, o renascimento da Antiguidade. O humanista clássico recuperava a literatura e contemplava os monumentos da Antiguidade Clássica com os sentimentos de retornar ao ouro puro de uma civilização melhor e mais elevada que a sua. (Yates, 1995, p. 13). O Panteão de Roma ou “Panteão de Agripa”, como também é chamado, no latim “*Pantheon*” (Figura 15), é a obra arquitetônica mais bem preservada da Roma Antiga, erguido há cerca de 2.000 anos e simbolizava precisamente essa busca dos renascentistas pela perfeição clássica.

Nos tempos da Renascença, o mesmo Panteão já proporcionava aos moradores das redondezas da Itália renascentista um forte vislumbre ao passado, com arquitetura que exerce influência até os dias atuais. Sua cúpula perfeitamente proporcional, com 43,3



Figura 15: Foto do Panteão de Roma. Fonte: www.arquidiocesedegoiania.org.br, 2023.

metros de diâmetro e seu óculo central que permite a entrada da luz natural, não apenas inspiraram numerosos arquitetos ao longo dos séculos, mas também simbolizaram a busca renascentista pela harmonia entre o humano e o divino, entre a técnica e a estética clássica.

Por sua vez, o Coliseu de Roma, ou Anfiteatro Flaviano, é um grandioso monumento histórico e arquitetônico de formato cilíndrico que foi construído



sob o governo do imperador Vespasiano, em 72 d.C, e que, da mesma forma, preconizava a majestade e opulência do antigo Império Romano. Apesar do abandono dos séculos seguintes à sua construção, foi durante o Renascimento que o anfiteatro se fortaleceu como uma obra imponente, devido ao resgate dos valores clássicos.



Figura 16 : Foto ilustrativa do Coliseu de Roma, Itália.,
Fonte: commons.wikimedia.org., 2020.

Naquele contexto de rompimento de valores, a memória das atrocidades cometidas pela Igreja Católica Romana na Idade Média forçava, da mesma forma, aquela sociedade a pensar o divino e o sagrado. Assim, houve um esforço pelo retorno da “religião original”, um retorno à *prisca theologia* (teologia antiga), a busca de uma nova religiosidade, que levou o pensamento ao retorno à Antiguidade Clássica, quando as culturas gregas, latinas, árabes, hebraicas e egípcias conviviam com constantes trocas e aproximações, apesar do fato de que conceitos esotéricos eram tidos como sinônimo de heresia e feitiçaria, em que homens e mulheres eram condenados à fogueira pela Santa Inquisição, a exemplo de Giordano Bruno, um frade dominicano italiano que, no ano de 1600, foi condenado à morte na fogueira pela Inquisição romana, devido ao fato de se contrapor a dogmas essenciais da Igreja Católica, visto ter sido profundamente influenciado pelo hermetismo renascentista.

Num cenário de extremo dogmatismo exercido pela Igreja Católica Romana, muitas das ordens esotéricas, inclusive, permaneciam reclusas, a despeito da di



fusão crescente dos seus ensinamentos. O que evidencia o fato é que ordens como os rosacruzes, não existiram de maneira formal durante o período mais intenso da Inquisição. A tradição Rosacruz, por exemplo, só começou a ser mencionada nos manifestos do início do século XVI, como a *Fama Fraternitatis* de 1614. Nesse sentido, Francis Yates:

A evidência quanto às ideias dos rosacruzes é torturantemente imprecisa, não havendo nenhuma certeza de que eles tenham sido uma seita organizada. Os rosa-cruzes representam uma tendência do hermetismo renascentista e de outros ocultismos que caíram na clandestinidade, no século XVII, transformando o que havia sido um modo de ver o mundo, associado às filosofias dominantes, em preocupações de sociedades secretas e grupos minoritários. (YATES, 1964, p. 449).

A despeito disto, os ensinamentos do Esoterismo Ocidental continuavam a influenciar as sociedades e, séculos mais tarde, mostrariam sua tendência de fazer surgir doutrinas e ensinamentos que bebiam da mesma fonte, a exemplo das várias sociedades iniciáticas que surgiram na Europa e nas Américas, impulsionadas pela expansão do pensamento hermético, como a Sociedade Teosófica no século XIX, a ordem eubiótica e o círculo esotérico da comunhão do pensamento, ambos surgidos oficialmente no século XX.

O Renascimento, assim, ao valorizar a investigação e a busca por novos conhecimentos, proporcionou um ambiente fértil para a reinterpretação de textos antigos e a emergência de diversas correntes esotéricas. A circulação de obras como o *Corpus Hermeticum*, aliado ao interesse por culturas antigas e ao afastamento de dogmas religiosos, impulsionou o desenvolvimento de crenças, influenciando profundamente a espiritualidade, o que se consolidou nas correntes esotéricas que se seguiram.



Figura 17: Jovem Hippie.
Fonte: www.todamateria.com.br, s.d.



Figura 18: Cartas do Tarô.
Fonte: correio braziliense.com.br, 2024.

O Fenômeno da Contracultura e o Movimento da Nova Era

A difusão do Esoterismo Ocidental seguiu a linha de tempo e o contexto das transformações pelas quais as sociedades passavam, entre elas a mudança de pensamento e comportamento. Nesse sentido, o século XX foi um período de transformações e mudanças que se firmavam contra os valores tradicionais da sociedade, bem como presenciou o surgimento de uma nova consciência, de um novo ciclo. Naquele cenário, os veículos de massa começavam propagar um termo novo: a Contracultura.

Nos anos 60, a Contracultura surgia como um ideal profundamente questionador de jovens rebeldes nascidos na década de 40. Esse cenário envolveu, primeiramente, setores significativos da população dos Estados Unidos através do Movimento *Hippie* e, posteriormente, outros países, por meio de um modo de vida e uma cultura underground. Isso significava também novas maneiras de pen



sar e de se relacionar com o mundo; um novo universo de significados e valores que questionavam as normas hegemônicas como forma de indicar que algo na cultura estava errado e deveria ser modificado.

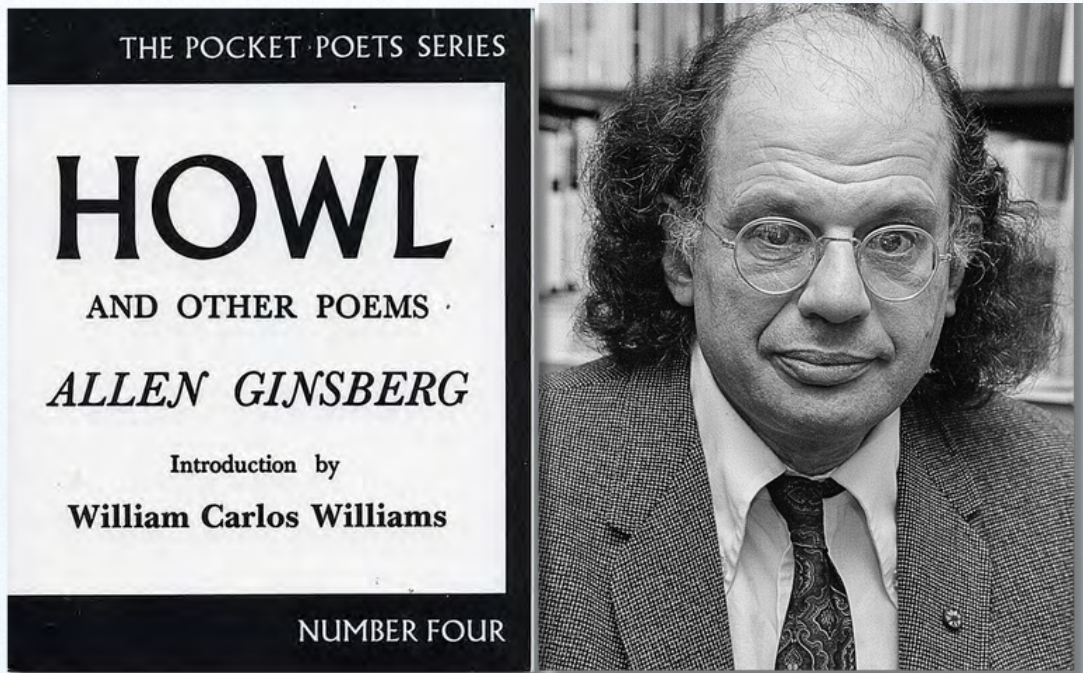
A Cultura *Híppie* surgia, assim, tendo como principal inspiração o movimento *beat* ou *beatnik*, uma geração de poetas que defendiam a liberdade criativa, a busca pelo prazer (hedonismo) e a contrariedade aos padrões sociais e culturais vigentes. A filosofia *híppie* desenvolveu e aprofundou muitos dos ideais dos *beatniks*, incorporando elementos como o pacifismo, a vida em comunidade, o amor livre e uma forte conexão com a natureza e liberdade de pensamento.



Figura 19 : Mulher Híppie segurando o símbolo de Paz e Amor, década de 60, que representou a prevalência da paz sobre a guerra. Fonte: mundoeducacao.uol.com.br, s.d.

Um dos símbolos do movimento foi o poema “*Howl*”, escrito em 1956 pelo americano Allen Ginsberg, que traduziu a força e a intensidade com que o autor denunciava as mazelas da sociedade americana da época. O poema representava crítica à opressão contra minorias, como homossexuais e usuários de drogas, e expressa a angústia de uma geração em busca de liberdade e autenticidade.

Teóricos como Eric Hobsbawm, na obra “A Era dos Extremos, o breve Século XX (1914-1991)” usou o termo revolução cultural para se referir às transformações que aconteciam com a contracultura. Para ele: A cultura jovem tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma convenção de modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais (Hobsbawm, 1995, p. 323).



Figuras 20 e 21 : Capa do poema *Howl* e o seu autor , o americano Allen Ginsberg , em 1979. Fonte: commons.wikimedia.org, 2014.

Ademais, o Movimento *Híppie* influenciou fortemente vários quadros da sociedade daquela época, entre eles o cenário musical, promovendo ideais de paz, liberdade e amor que ecoavam nas letras e no estilo de vida de muitos artistas da daquele período. Além do Woodstock (figuras 22 e 23, página seguinte) , festivais como Monterey Pop em 1967 e Isle of Wight em 1970 também simbolizaram essa convergência de estilo e resistência social, marcando a história do rock e consolidando a música como uma ferramenta de expressão e transformação.

O Festival de Woodstock, realizado em agosto de 1969 em Bethel, Nova York, por sinal, tornou-se um marco da contracultura dos anos 60 e um símbolo do Movimento *Híppie*. Anunciado como "Uma Exposição Aquariana: 3 dias de paz & música", o evento reuniu cerca de 400.000 pessoas em um espírito de liberdade e fraternidade.



Figura 22: Multidão de jovens no Festival de Woodstock, 1969. Fonte: commons.wikimedia.org, 2005.



Figura 23: Pôster oficial do evento do Woodstock, agosto de 1969. Fonte: commons.wikimedia.org, 2011.

No cenário cultural Brasileiro, os expoentes do movimento no período descrito foram algumas figuras importantes da música brasileira como Caetano Veloso e Gilberto Gil (Figura 24 ao lado), representantes do Tropicalismo na época, um movimento cultural Brasileiro da segunda metade da década de 1960, que refletia a fusão da tradição Brasileira com tendências



Figura 24: Caetano Veloso (esq.) e Gilberto Gil (dir.), no movimento Tropicália, 1960. Fonte: novabrazilfm.com.br, 2023

estrangeiras da época, entre elas a Contracultura. Não por acaso, essa tendência encontrou ressonância em boa parte da sociedade, que vivia sob o período de forte repressão da ditadura militar no final da década de 1960.

Da mesma forma, através da arte militante, como a música “alegria, alegria” de Caetano Veloso (figura 25), eram destacadas preocupações típicas da juventude da década de 1960, entre elas a violência da época de repressão e um desejo de inovar, de romper barreiras.



Em período de Ditadura Militar, as canções evidenciavam os problemas do país e eram uma forma que os artistas encontravam para fugir da censura existente num cenário de repressão aos direitos individuais e foram, dessa forma, importantes para a criação de um espaço de contestação e inovação.



Figura 25: Caetano canta “Alegria, Alegria”, 1967. Fonte: culturagenial.com, s.d.

Por outro lado, o movimento da Contracultura, por conter um forte caráter místico, também mostrou seus efeitos no campo da espiritualidade e na forma de como o ser humano se via dentro das religiões. O movimento possibilitou que o “novo pensamento”, a “nova espiritualidade”, a “nova religiosidade”, representações que o esoterismo ocidental adquiriu, ganhasse adeptos e simpatizantes. Dentro desse contexto, houve uma forte propagação das ordens esotéricas no



Figura 26: Grupo de meditação New Age no Festival Snoqualmie Moondance. Fonte: commons.wikimedia.org, 2007.

Brasil, consequência da difusão do Esoterismo Ocidental e da Contracultura. A busca de uma espiritualidade alternativa contribuiu para a propagação de grupos iniciáticos e do próprio esoterismo, no qual o ambiente efervescente da época facilitava a formação de grupos de estudo e a circulação de livros e ideias sobre misticismo, astrologia e alquimia.



Esse cenário atraía um público diversificado, desde jovens questionadores a intelectuais, numa mistura de espiritualidade que ajudou a consolidar, no imaginário brasileiro, uma religiosidade mais plural, conectada a práticas esotéricas e que valorizava a busca pessoal pela “verdade”. Durante a década de 1970 no Brasil, por exemplo, houve um movimento significativo em torno de uma busca livre que se distanciava das práticas religiosas convencionais e se aproximava de conceitos místicos e esotéricos, o que facilitou a expansão de diversos grupos secretos e práticas consideradas ocultas, que passavam a ganhar maior visibilidade nessa época, entre eles a Eubiose.

A contracultura, dessa forma, foi o movimento que correlacionou o Esoterismo Ocidental com as mudanças culturais que a sociedade enfrentava. Segundo Carlos Alberto Messeder Pereira,

o movimento consistiu num certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante, um tipo de crítica anárquica, que, de certa maneira, “rompe o jogo”, (Pereira, 1985, p. 20).

O movimento, assim, impactava na forma de como o indivíduo concebia os valores espirituais, fazendo com que muitas pessoas procurassem respostas sobre a fé, religião, criação do mundo e vida pós-morte em outras correntes religiosas além das convencionais. Foi nesse momento que o esoterismo floresceu como uma alternativa de espiritualidade, sendo cada vez mais procurado pelas pessoas que sequer tinham um dia ouvido falar sobre o assunto, colocando-se, assim, em campos antagônicos, uma concepção de mundo envolvendo rompimento de valores e a rigidez encontrada nas estruturas das igrejas, cujo moralismo era uma das marcas que essa nova sociedade desejava romper. O movimento serviu, dessa forma, co



mo pilar para incentivar a difusão do esoterismo, uma vez que as mudanças culturais ocorridas no período tornaram o contexto fértil para que elementos ligados à tradição esotérica pudessem ser acessados pelo público que não fosse adepto do esoterismo e que se interessavam por novas formas de pensamento (Chaves, 2020, p. 19).

Por outro lado, isso não significava uma ausência de espiritualidade, tampouco que os indivíduos deixavam de acreditar em uma força divina, mas sim que suas crenças, em concepção de sociedade, bem como aspirações e pensamentos, divergiam em muitos elementos da tradição judaico-cristã. (Chaves, 2020, p.54).

Academicamente, esse contexto de quebra de padrões no campo religioso passou a ser chamado de “Nova Era ou nova espiritualidade” e, no que diz respeito a esta mudança, Pereira aduz:

[...] A Nova Era emerge assim como processo de convergência discursiva, mas também de práticas, que possibilitam diversos arranjos performáticos. No cenário Brasileiro, o movimento também se delineou a partir da segunda metade do século XX, com a disseminação do conhecimento esotérico, ainda que possamos apontar a existência de sociedades iniciáticas, no caso a maçonaria, já no século XVIII. No entanto, é a partir do período posterior ao citado que temos a proliferação das sociedades iniciáticas como a Sociedade Teosófica, dos rosa-cruzes, entre outras. (Pereira, 2011, p.70-71)

A visão esotérica de mundo, que não abordava um conceito único de Deus, mas sim o conceito individual de cada pessoa como ser superior, fazia que a espiritualidade da Nova Era fosse apelidada, muitas vezes, de “religião do Self” (Hanegraaff, 1999, p. 403). Nas palavras do sociólogo Paul Heelas, o aspecto mais abrangente e significativo da língua franca da Nova Era é que uma pessoa é, essencialmente, espiritual. Experimentar o 'Eu' em si é experienciar 'Deus', a “Cons



ciência Crística”, o “eu interior”, a “espiritualidade interior” (Heelas, 1996, p. 16).

As práticas espiritualistas da Nova Era, influenciava, uma visão alternativa, fortalecendo o individualismo no campo da espiritualidade, o olhar interno com o fim de se obter conhecimento ou percepção da verdadeira natureza da humanidade como divina, a exemplo da prática da Meditação Transcendental, introduzida no Ocidente pelo guru Maharishi Mahesh Yogi, prática popularizada entre os anos de 1960 e 1970 e uma das principais ferramentas para o autoconhecimento e a expansão da consciência no período. A técnica, que consistia em uma meditação repetitiva com o uso de mantras, pretendia ajudar muitas pessoas a aprofundarem sua conexão interior e a experimentarem o "divino" dentro de si, refletindo a ideia de que a nova espiritualidade e o contato individual com o espiritual sem mediação institucional era pessoalmente um progresso, o que atraía rapidamente seguidores entre artistas, intelectuais e praticantes da *New Age*, termo popular em inglês.

Por outro lado, no contexto das correntes esotéricas, dentre as manifestações de religiosidade alternativa do período, a Sociedade Teosófica, fundada em 1875 por Helena P. Blavatsky (1832-1907), é certamente a mais influente. Era a manifestação arquetípica da espiritualidade ocultista até a década de 1970 e oferecia respostas sobre si e sobre o mundo que não havia nos dogmas firmados (Hanegraaff, 2005, p. 8). Na cidade do Recife, além da Sociedade Teosófica desde 1916, os grupos esotéricos que foram expoentes da Nova Era na Capital que podemos citar são a Antiga e Mística Ordem Rosacruz (AMORC), presente desde 1959, o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento desde 1921 e a Sociedade Brasileira de Eubiose, desde 1954.

O diagrama informativo da página seguinte descreve a respeito das três primeiras correntes esotéricas citadas no parágrafo anterior, ligadas ao Esoterismo Ocidental e que estão presentes na Capital Pernambucana.



Figura 27: Diagrama informativo das ordens esotéricas expoentes da Nova Era no Brasil

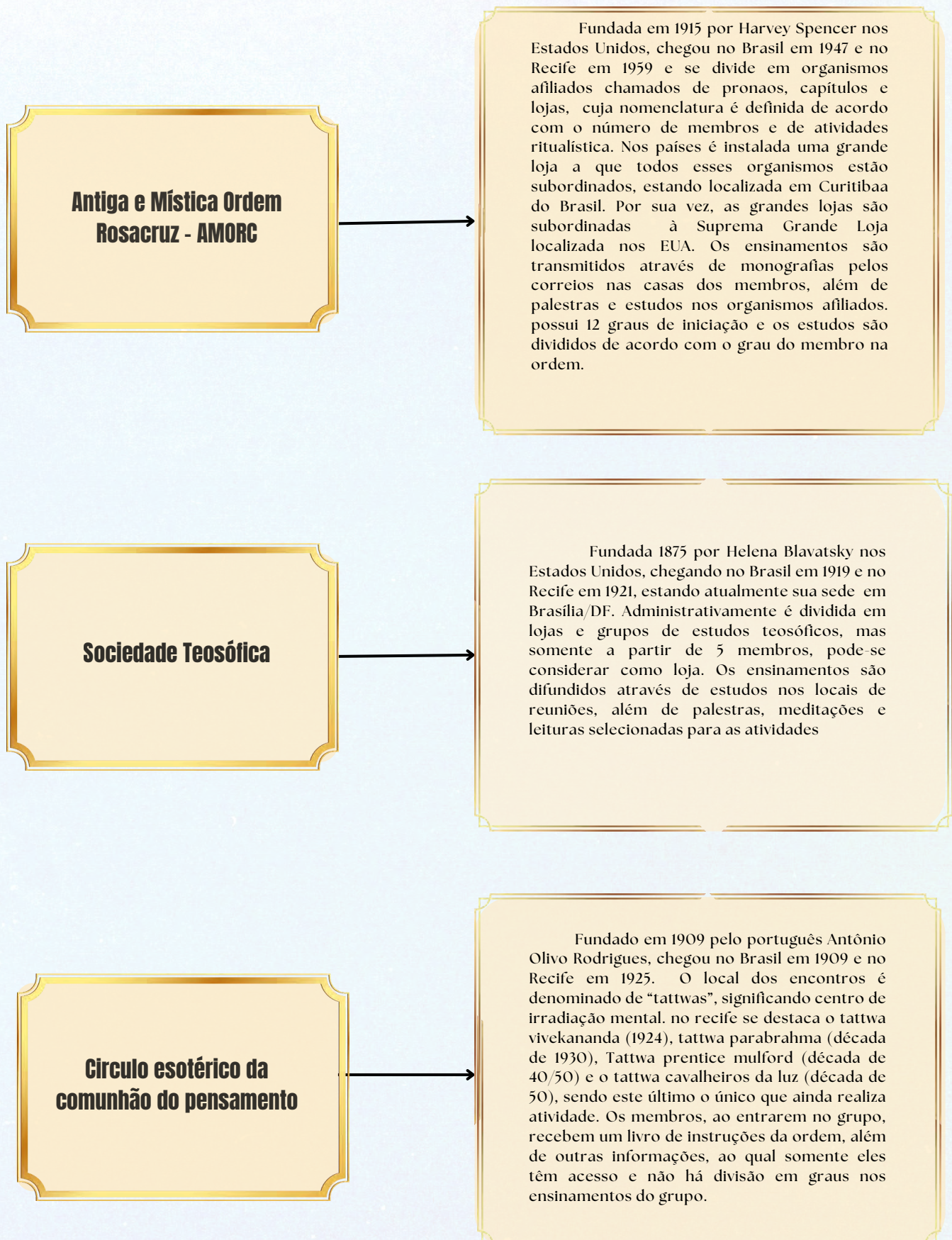




Figura 28: Símbolos de religiões no mundo: Islã ; Roda do Dharma do Budismo, Estrela de Davi do Judaísmo, lua crescente e estrela do Islã, o “Om”, um dos mais sagrados do hinduísmo e a Cruz latina do Cristianismo. Fonte: Autoria própria, 2024.

Análise histórico-cultural do Esoterismo Ocidental

O estudo teórico do esoterismo, antes de se consolidar como um campo historiográfico, esteve durante grande tempo restrito à abordagem fenomenológica. Na visão de Pierre Riffard, autor do livro “O Esoterismo”, tratava-se de um fenômeno social sem ser um fenômeno cultural (Riffard, 1996, p.27). Para Riffard, o esoterismo foge das características culturais típicas porque transcende as especificidades de qualquer tempo ou lugar, apresentando-se como algo que não se insere facilmente nas convenções culturais, como conjunto de valores e conceitos, de comportamentos e técnicas transmitidos por uma sociedade.

Contudo, com a virada cultural dos anos 70, o estudo das religiões passou a ser visto pelos historiadores como um produto cultural de seu tempo, de modo que a religião estaria inserida na sociedade e, portanto, relacionada com os aspectos culturais. Emergia, assim, a discussão histórico-cultural das religiões, passando a se considerar que “toda religião é um produto histórico, culturalmente condicionado pelo contexto e, por sua vez, capaz de condicionar o próprio contexto em que opera”, (Massenzio, 2005, p.149). Ainda, segundo Benatte:



a religião pode ser compreendida como um sistema mais ou menos aberto de crenças e práticas transmitidas historicamente (tradições) e que orientam comportamentos, ações e relações de indivíduos e coletividades; ela compõe estilos de vida, modos de pensar, sentir e agir de conceber a vida, o mundo, a morte e o além” (Benatte, 2014, p.65).

Consequentemente, a abordagem cultural da História das Religiões incidiu na forma como os historiadores compreenderam, a partir de então, o Esoterismo Ocidental, analisando-o no tempo histórico e relacionando-o com a cultura, ou, em outras palavras, em termos metodológicos, podemos encarar o esoterismo ocidental como elemento integrante da cultura ocidental que, desde o Renascimento, teria sofrido transformações no tempo histórico, no aspecto cultural e doutrinário, como as interações entre o pensamento esotérico e as diversas correntes intelectuais, artísticas e científicas que moldaram a modernidade ocidental. Desse modo, segundo Diego Chaves:

Em dado contexto sociocultural então, caberia ao pesquisador historicizar e investigar como se deram as manifestações esotéricas do período analisado. Assim, podemos trabalhar o esoterismo na sua historicidade pela história cultural das religiões. Esse aspecto mostra que o esoterismo não é um elemento estático, mas sofre transformações e adaptações (Chaves, 2020, p.45).

Assim sendo, embora o esoterismo tenha suas raízes desde o Renascimento, o seu crescimento, a sua propagação e o modo de atuar dos esoteristas não são o mesmo unicamente na história, mas sim relacionado a acontecimentos dentro da sua historicidade. Um dos exemplos foi o fenômeno da Nova Era analisado, no qual a contracultura trouxe o esoterismo no século XX aos holofotes, propiciando não só o crescimento das ordens esotéricas, mas também um diálogo cultural, dado o momento em que pessoas pertencentes a outros credos, como católicos e evangélicos, passavam a frequentar as ordens esotéricas ou lerem um conteúdo ligado ao esoterismo, como a astrologia.



Desse modo, podemos inserir o Esoterismo Ocidental em sua historicidade e considerá-lo, assim como as religiões, um produto do seu tempo. Essa análise da História Cultural das Religiões foi fundamental para delimitação do presente trabalho, uma vez que há pesquisadores da história das religiões que partem também desse mesmo pressuposto. Um deles, Silas Guerriero, destaca, por exemplo, sobre a popularização de correntes ligadas ao esoterismo ocidental na Nova Era. Segundo Guerriero, um caso bastante interessante é o do Tarô, o qual no meio da Nova Era foi um instrumento bastante poderoso de desvelamento do oculto e, principalmente, de autoconhecimento (Guerriero, 2016, p.218). Nos tempos atuais, por sinal, muitas livrarias possuem, em geral, uma seção especializada em livros sobre o Tarô.

Além disso, há também importantes contribuições acadêmicas sobre a influência da cultura esotérica na sociedade, a exemplo da tese de Amurabi Oliveira: *Entre Caboclos, Pretos-Velhos e Cores: A imersão dos Sujeitos no Universo Místico-Religioso do Vale do Amanhecer* (2011), na qual é destacado, além do Esoterismo Ocidental, a contribuição da Nova Era para a popularização de outros grupos espiritualistas místicos, como o Vale do Amanhecer-VDA, que, segundo o pesquisador, embora não seja considerado um grupo do Esoterismo Ocidental, teria, junto a outras correntes como o kardecismo, ganhado espaço no Brasil da “Era Aquariana”, servindo de exemplo do quão rico foi esse período na história religiosa do Brasil. Nesse sentido, Carlos Alberto Messenger Pereira aduz que:

a Nova Era no Brasil adquire uma face própria que culmina com o que chamaremos de New Age Popular – NAP –, presente em movimentos como o Vale do Amanhecer, as religiões ayahuasqueiras de modo geral, a Umbanda Mística, a Legião da Boa Vontade, entre outros – emergindo de forma plural e eminentemente sincrética, em constante diálogo com as religiões já estabilizadas no campo religioso” (Pereira, 2011, p. 74).



Da mesma forma, a segunda metade do Século XX, época na qual, como vimos, houve maior interesse sobre os assuntos relacionados a temas esotéricos, também trouxe, por isso, importantes contribuições de autores sobre o aspecto teórico e histórico-cultural como, por exemplo, o historiador alemão Kocku Von Stuckrad, um dos principais estudiosos contemporâneos no campo da religião comparada e do Esoterismo Ocidental. Stuckrad contribuiu para a compreensão do esoterismo como uma especificidade cultural e discursiva, que interage com a ciência, a filosofia e a religião no contexto europeu.

Em sua obra “Esoterismo Ocidental: Uma Breve História do Conhecimento Secreto”, em inglês “Western Esotericism: A Brief History of Secret Knowledge”, Stuckrad discute o conceito de história cultural no que se refere ao esoterismo, enfatizando a interconexão das tradições esotéricas com outros domínios culturais, como a religião, a filosofia e as ciências naturais, dentro da história europeia. Sua análise posiciona o esoterismo como um fenômeno cultural em evolução que contribuiu significativamente para moldar a história intelectual da Europa. Em vez de ver o conhecimento esotérico como um sistema autônomo, Stuckrad o apresenta como um "elemento de discurso" que se entrelaça e influencia narrativas culturais mais amplas (Stuckrad, 2014 p. 26).

Outras importantes contribuições sobre o aspecto histórico e cultural são de esoteristas proeminentes como Antoine Faivre, Wouter Hanegraaff e Frances Yates, três teóricos fundamentais para o estudo do esoterismo e que foram, por esse motivo, indispensáveis para o entendimento e compreensão de vários aspectos ligados ao tema. A historiadora inglesa Frances Yates, foi pioneira ao descrever o esoterismo como uma força central na história cultural do Ocidente, e na sua obra mais famosa, Giordano Bruno e a Tradição Hermética, de 1964, Yates destacou o papel do hermetismo e da magia como influências na sociedade renascentista, discorrendo, por exemplo, que o astrônomo Johannes Kepler tinha a clara consciência de que a teoria pitagórica estava igualmente implícita nos escritos herméticos (Yates, 1995, p. 175)



No mesmo sentido, para Yates, Copérnico com sua teoria heliocêntrica (que coloca o Sol no centro do sistema solar), usou matemática rigorosa e métodos científicos para desenvolver sua ideia. No entanto, ele também tinha uma visão espiritual do Sol, influenciada pelo hermetismo, que o via como um símbolo de importância mística.

O frade dominicano italiano Giordano Bruno, por sua vez, pegou a teoria de Copérnico e foi além da ciência: ele descreveu o modelo heliocêntrico como um símbolo místico, um "hieróglifo" com significados espirituais profundos, vendo o universo como cheio de mistérios divinos a serem revelados (Yates, 1995, p. 179), confirmando a mistura entre ciência e misticismo como sendo típica do período renascentista. A magia e o esoterismo não eram vistos como opostos da ciência; pelo contrário, eles influenciaram novas maneiras de pensar, ajudando a transformar a visão das pessoas sobre o mundo.

Por seu turno, o historiador holandês Wouter Hanegraaff argumentou que o esoterismo teve uma influência cultural significativa na sociedade ocidental, especialmente ao longo da modernidade, visto que passava por grandes transformações intelectuais e culturais que abriram espaço para alternativas às visões do mundo tradicional. Hanegraaff, citando Hans Sebal, um sociólogo e pesquisador que fez contribuições importantes para o estudo de movimentos sociais e religiosos alternativos, mencionou que o movimento da Nova Era deve ser visto, no contexto da história das religiões, como um produto do sincretismo religioso de cada época, não havendo justificativa histórica para ver a espiritualidade da Nova Era como um sinal de superficialidade ou decadência, mas um cenário alternativo que anunciava o nascimento de uma nova forma de religiosidade na sociedade. (Hanegraaff, 1996, p. 370). Segundo o mesmo, os efeitos da "nova espiritualidade" impactou a sociedade do período respectivo; no modo de ver e interagir com a realidade em que viviam, fazendo-as acreditar que podiam transformar o mundo em um lugar mais harmonioso e equilibrado.



Os pensadores da Nova Era, acreditavam que essa mudança de perspectiva individual, baseada em uma visão holística que valorizava a unidade global, quanto a diversidade e a liberdade individual, levava a uma sociedade mais justa, sustentável e inclusiva. Para seus adeptos, a transformação do mundo exterior dependia, antes de tudo, da transformação interior dos indivíduos.

Só a partir de um novo estado de consciência, que privilegiava a cooperação entre todos e o respeito à natureza, as pessoas estariam prontas para construir estruturas sociais que reflitam esses valores – como economias que respeitem tanto o desenvolvimento local quanto as interconexões globais, sistemas de saúde que integra o bem-estar físico, mental e espiritual, e formas de governo que promovem uma governança participativa e a preservação das liberdades individuais. Com isso, eles esperavam promover um mundo em que as diferenças seriam vistas como forças complementares, onde o crescimento coletivo aconteceria de forma inclusiva, respeitando o papel único de cada ser e cultura, e onde o desenvolvimento humano estivesse alinhado com o desenvolvimento espiritual.

Esse ideal impulsionou o crescimento de diversos movimentos e organizações que em sua essência foram influenciados pelo movimento aquariano, como por exemplo a Fundação Findhorn, fundada em 1962 na Escócia, sendo uma das comunidades espirituais mais conhecidas e influentes do movimento da Nova Era no período e que se expandiu e se transformou em um centro internacional de espiritualidade, sustentabilidade e desenvolvimento pessoal. Entre os amigos e apoiadores importantes da comunidade no começo estavam o pioneiro da Nova Era inglesa George Trevelyan, antes professor da Universidade de Oxford, que logo depois mostraria seu interesse pela espiritualidade e o levaria a explorar temas não convencionais, especialmente inspirados pelas obras de Rudolf Steiner, o fundador da antroposofia.



A partir dessa influência, Trevelyan criaria a Wrekin Trust uma organização educacional fundada em 1971, cujo objetivo era promover o desenvolvimento espiritual e a educação holística, abordando temas como consciência espiritual, ciência, ecologia, artes e o estudo de filosofias esotéricas.



Figura 29: Comunidade espiritualista de Findhorn, década de 1970 no Findhorn Bay Holiday Park, Escócia. Fonte: www.findhorn.org, s.d.

Dessa forma, em cada quadro social, os contextos históricos levavam a legitimar o discurso cultural e histórico e evidenciavam o esoterismo na construção da identidade cultural. No caso do Brasil e, especialmente, da cidade do Recife, as imagens e representações apresentadas nos relatos jornalísticos sobre a Sociedade Brasileira de Eubiose, por exemplo, reforçavam o papel do esoterismo como parte integrante do imaginário social e cultural da época.



A Eubiose e sua relação com o Esoterismo Ocidental



II

Eubiose e a *Prisca Theologia* : Herança da Tradição Esotérica Ocidental

A Renascença propiciou que o esoterismo ocidental encontrasse terreno fértil para se desenvolver, impulsionando a redescoberta, além da reunião de textos e documentos antigos. Naquela época, obras atribuídas a figuras místicas como Zoroastro, Hermes Trismegisto e o poeta Orfeu foram examinadas e valorizadas, percebendo-se que os mesmos textos eram carregados de saberes religiosos e filosóficos antigos, como o estoicismo, o gnosticismo, o hermetismo e o neopitagorismo, servindo de base para aquilo que mais tarde faria parte de conceitos relacionados ao Esoterismo Ocidental.

Ademais, filósofos renascentistas como Marsílio Ficino e Giovanni Pico Della Mirandola, ao terem acesso a tais documentos, perceberam, ao analisá-los, frente à grande similitude material, que eram complementares uns dos outros e continham denominadores comuns, tendo Mirandola, por exemplo, se aprofundado no estudo da cabala, um conhecimento místico judaico que é considerado transmitido desde o século X a.C. na primitiva Israel pelos patriarcas e profetas, entre eles Moisés. Com os textos em mãos, houve uma profunda atividade hermenêutica, na qual se buscava explicar os mistérios da vida e da natureza, da divindade e da origem e propósito do universo, ou seja, o oculto não contido nos textos oficiais e que, no entender de Mirandola, confirmavam a verdade de importantes tradições estabelecidas como o próprio Cristianismo, (Yates, 1995, p. 101).



Ficino e Mirandola verificaram, nos seus estudos comparados, uma harmonia e analogia entre os textos citados e o direito canônico, colocando em diapásão essas tradições. Ficino percebia a pré-existência nos seus estudos de uma “*Prisca Theologia*”, conceito renascentista que postula a existência de uma sabedoria espiritual primordial, uma "religião original" ou "teologia antiga" que teria se originado nos tempos mais remotos da humanidade e inspiraria as tradições religiosas e filosóficas subseqüentes, que da mesma forma se diluiu e se enfraqueceu com o tempo. Para o filósofo renascentista, essa teologia nada mais era do que uma *Philosophia Perennis*, isto é, a origem da qual todo o conhecimento esotérico e doutrinal se desdobraram, que na prática estaria tão somente se manifestando periodicamente em diferentes tempos e lugares, como uma tradição, e que agora se desnudava no período italiano. (Yates, 1995, p. 101).



Figuras 33 e 34 Fotos ilustrativas dos filósofos renascentistas Marsilio Ficino e Giovanni Pico Della Mirandola. Fonte: commons.wikimedia.org, 2015 e 2014.



Segundo seus estudos, esses saberes ocultos derivavam da articulação entre princípios metafísicos e da cosmologia, que se consubstanciaram na alquimia, magia e astrologia — ciências cujo surgimento está envolto em mistérios. A alquimia, por exemplo, era praticada por diversas civilizações da antiguidade, como a China, a Grécia Antiga e o Egito, tendo migrado mais tarde para a Europa no século XII, através de traduções de textos árabes para o latim. Esses conhecimentos ocultos alimentavam cada vez mais o interesse por uma "sabedoria universal", comum a diferentes tradições. Frances Yates, discorrendo sobre a origem dessas ciências, pontuou:

a Alquimia é a ciência oculta por excelência e a famosa Tabela de Esmeralda que deu origem ao conhecimento alquímico é atribuída a Hermes Trismegisto, apresentando, de uma forma misteriosamente compacta, a filosofia do “Todo e do Um” que significa: “O que está acima é igual ao que está abaixo e, como todas as coisas originaram-se de uma, assim todas as coisas nascem dela”. A Hermes Trismegisto é atribuída, ainda, as bases da literatura astrológica e mágica, fontes estas que viriam influenciar nobres pensadores da Idade Moderna, (Yates, 1995, p. 174).

Marcilio Ficino, a propósito, como médico e sacerdote, escreveu a “*Libri de Vita*” de 1489, tratados de medicina que utilizaram pressupostos astrológicos, universalmente aceitos na época como axiomas e demonstrava também uma tentativa de interligar o pensamento pagão com ideias cristãs. As prescrições médicas eram normalmente baseadas em pressuposições como a de que os signos governavam as partes do corpo, ou a de que os diferentes temperamentos estavam vinculados aos diferentes planetas (...) Ainda assim, apresentou em sua obra um tipo sutil e imaginoso de magia, que envolvia o uso de talismãs (Yates, 1995, p. 75).

Todos esses conjuntos de textos enigmáticos, assim, iam se constituindo num vasto campo com características fundamentais, um corpus histórico e multiforme dotado de uma harmonia universal, na qual a alquimia, magia e astrolo



gia passaram a ser consideradas os “três rios’ ou ciências tradicionais que dariam origem mais tarde às correntes de pensamento esotérico como a cabala cristã (adaptação da cabala judaica), o Hermetismo Neo-Alexandrino, a *Philosophia Perennis*; a Filosofia Natural (*Naturphilosophie*) e o *Paracelsismo*, correntes que influenciariam várias áreas do conhecimento. O Médico Paracelso, por exemplo, inspirou a medicina na época e mencionava soluções e abordagens inspiradas pela alquimia, integrando aspectos espirituais e naturais ao tratamento das doenças, defendendo uma visão mais holística da saúde.



Figura 35: Retrato presumido do médico Paracelso (1493-1541).
Fonte: commons.wikimedia.org, 2010.

Séculos mais tarde, essas mesmas bases dariam origem às novas correntes de pensamento esotéricas, como a Teosofia, o Rosacruzianismo, assim como as sociedades iniciáticas posteriores, entre as quais se destaca a Eubiose. Porém, embora tenham bebido dessas mesmas fontes, essas correntes passariam a apresentar características próprias que as diferenciariam, mostrando que o esoterismo é dotado de harmonias e contrastes (Faivre, 1994, p. 8).

Além disso, devido a essas similitudes básicas, essas correntes surgiriam fundamentadas em termos teóricos, ao que se denominaria de "Tradição Esotérica Ocidental", tendo em comum, além da influência do Esoterismo Italiano, os elementos definidores que o historiador francês Antoine Faivre chamou de características ou componentes fundamentais do esoterismo (Faivre, 1994, p. 17), e que serão percorridos mais adiante. Na Figura 36, da próxima página, encontra-se um quadro exemplificativo do fluxo contínuo e interligado da Tradição Ocidental.

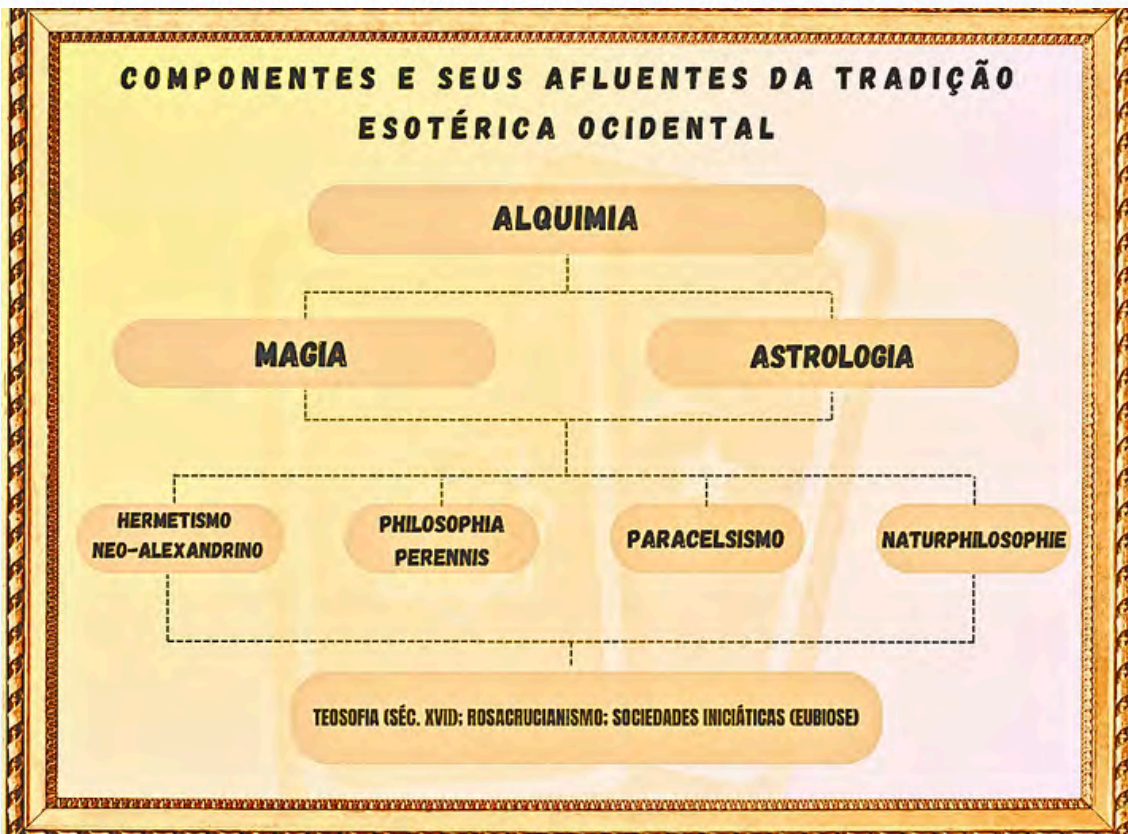


Figura 36: Quadro representando os Componentes fundamentais do Esoterismo Ocidental e respectivos afluentes. Fonte: Autoria própria, 2024.

Nesse contexto, a Eubiose, como grupo esotérico que é, está profundamente incursa na Tradição Esotérica Ocidental e nas correntes esotéricas de pensamento que emergiram e evoluíram ao longo dos séculos. A ordem brasileira, inclusive, detém forte influência da Filosofia da Natureza (*Naturphilosophie*), visto a mesma nutrir o entendimento sobre a integração de aspectos espirituais, naturais e cósmicos, os quais estão interligados na natureza como um organismo vivo dotado de uma força vital que une todos os seres em profunda harmonia com o cosmos. Esse conceito de unidade, por sinal, é central na sociedade eubiótica, visto que ensina o equilíbrio entre o microcosmo (o indivíduo) e o macrocosmo (o universo), como essencial para a evolução espiritual.



Um fator que os pesquisadores do esoterismo destacam diz respeito ao fato de que, apesar de haver várias correntes esotéricas, isso não quer dizer que elas tenham a mesma forma de compreender o mundo e de transmitir os seus ensinamentos, tampouco que elas tenham surgido no mesmo tempo. Cada grupo esotérico, contudo, tem a sua própria base de pensamento, como é o caso da Eubiose. Cada escola ou ordem esotérica desenvolveu sua própria base filosófica e cosmológica distintiva, surgidos em diferentes contextos históricos e culturais. A Teosofia, por exemplo, fundada no século XIX por Helena Blavatsky, enfatiza uma síntese entre a sabedoria oriental e ocidental, incorporando conceitos como karma e reencarnação, enquanto o Rosacruzianismo tradicional, surgido no século XVII, fundamenta-se principalmente na Tradição Hermética Ocidental e no Cristianismo Esotérico. A Antroposofia de Rudolf Steiner, por sua vez, desenvolveu-se como uma "ciência espiritual" com aplicações práticas em campos como educação e medicina e a Eubiose, desenvolvida por Henrique José de Souza no contexto brasileiro, apresenta sua própria interpretação dos ciclos evolutivos da humanidade e da geografia esotérica, diferenciando-se significativamente de outras correntes.

As diferenças também se manifestam nos métodos de transmissão de conhecimento, pois enquanto algumas ordens, como a Golden Dawn, enfatiza um sistema específico de iniciação e práticas mágicas cerimoniais, outras, como a AMORC, utiliza um sistema de monografias e práticas individuais estruturadas, que são lições escritas enviadas regularmente aos membros para estudo individual em casa, contendo ensinamentos teóricos e práticos sobre diversos aspectos do misticismo, incluindo meditação, visualização, experimentos metafísicos e princípios filosóficos.

Ademais, a Sociedade Teosófica e a Sociedade Brasileira de Eubiose optaram por uma abordagem mais aberta, com palestras públicas e literatura acessível. Cada corrente também possui seus próprios rituais, práticas meditati



vas e objetivos espirituais específicos. Esta diversidade reflete não apenas diferentes interpretações do conhecimento esotérico, mas também adaptações a diferentes contextos culturais e necessidades espirituais ao longo do tempo, sendo assim, fundamental compreender que o termo esoterismo abrange um conjunto heterogêneo de tradições, cada uma com sua própria identidade, metodologia e compreensão dos mistérios espirituais.

Por outro lado, a despeito das diferenças existentes, a Eubiose tem como vertente a Teosofia, fundada por Helena Petrovna Blavatsky no ano de 1825, reconhecida por muitos esoteristas como uma das grandes mestras do esoterismo. A importância de Blavatsky para o esoterismo ocidental reside na sistematização da Teosofia, concebida como a “sabedoria divina” ou a “doutrina e o conhecimento de Deus”. Em suas obras, Blavatsky menciona a existência de “mestres”, figuras mediadoras que serviam como elos entre o divino e a humanidade (Blavatsky, 1969, p. 32). Esses mestres, muitas vezes descritos como possuidores de elevados graus de conhecimento espiritual, foram apresentados por ela como guias da evolução da consciência humana, consolidando a Teosofia como uma corrente filosófica e espiritual de alcance global. Seus discípulos acreditavam que ela tinha contato com esses “mestres cósmicos”, que a inspiraram a escrever alguns de seus livros como “A Doutrina Secreta” em 1888, um grande legado para o estudo do esoterismo e “Ísis sem Véu”, em 1877, uma crítica à ortodoxia religiosa, ao materialismo científico, à fé cega, ao ceticismo e à ignorância. No livro, ainda, ela destinou o capítulo “A Infalibilidade da ciência moderna: coisas novas com nomes velhos”, no qual ressaltava que muitos dos ensinamentos transmitidos do Cientificismo residiam na metafísica ou, em outras palavras, na magia.

A presença de Helena Blavatsky no Esoterismo Ocidental desafiava os preconceitos enfrentados por mulheres na sociedade do século XIX, mas ao mesmo tempo, destacava uma figura feminina avessa ao tradicionalismo da época



ca. De família nobre Russa, nascida em 1831 com o nome de Helena Petrovna Von Hahn, aos 17 anos se viu obrigada a casar com Nikifor Blavatsky, de idade bem mais avançada; porém ela nunca aceitou o casamento e resolveu fugir pouco tempo depois para a Europa Oriental, e agora como Helena Blavatsky, percorreu inúmeros países contando com o apoio de parentes para viajar para lugares como Constantinopla, Egito, Grécia e Índia, a fim de obter e compartilhar conhecimentos esotéricos (Cranston, 2022, p. 85).



Figura 37: Foto de Helena Petrovna Blavatsky, 1887. Fonte: commons.wikimedia.org, 2009.

Ademais, a ideia de conhecimento do oculto em oposição ao materialismo cientificista do século XIX é uma das justificativas pela qual ela julgava necessário difundir os ensinamentos do Esoterismo Ocidental naquele período. Para isso, a Sociedade Teosófica foi criada, com a finalidade de identificar os mistérios da natureza e assim transmitir os ensinamentos dos mestres cósmicos a homens e mulheres. Ela utilizava, em termos teóricos, a mesma concepção quanto à ciência oculta que norteava Papus (1865–1916), um médico, ocultista e autor francês amplamente reconhecido como uma das figuras mais influentes do Esoterismo



Ocidental no final do século XIX e início do século XX. Papus, inclusive, era um leitor de Blavatsky e chegou a se afiliar à sociedade teosófica (Papus, 1973, p. 14).

É importante pontuar que a relação entre a Teosofia e a Eubiose revela-se profundamente intrincada na trajetória intelectual e espiritual de Henrique José de Souza, que transformou os princípios teosóficos em uma filosofia existencial única e adaptada ao contexto nacional. Suas viagens pela Europa e Oriente, se assemelhando nisto à HPB, não foram meras incursões turísticas, mas peregrinações filosóficas que o aproximaram dos ensinamentos da Teosofia e do teósofo espanhol Roso de Luna, permitindo-lhe absorver uma complexa rede de conhecimentos esotéricos, herméticos e ocultistas que posteriormente seriam reinterpretados e ressignificados através da Sociedade Brasileira de Eubiose. Essa abordagem singular permitiu que a Eubiose se configurasse como mais do que um movimento filosófico, mas como uma verdadeira ponte entre tradições esotéricas existentes e as necessidades de compreensão espiritual da sociedade brasileira que estava em franca transformação no início do século XX, consolidando Henrique José de Souza como um importante intérprete e tradutor de conhecimentos teosóficos para o contexto nacional, cujo legado ultrapassa fronteiras geográficas e temporais.

O Esoterismo Ocidental e seu estudo acadêmico

A visão do esoterismo como um tema válido para a pesquisa acadêmica é relativamente nova. O estudo acadêmico do esoterismo apresentava, porém, certas dificuldades no campo das Ciências das Religiões, pela posição marginal atribuída durante muito tempo a práticas espiritualistas que fugiram ao domínio do tradicionalismo cristão, além de que, o pensamento filosófico esotérico, assim como as atividades místicas, foram considerados por muito tempo como



movimentos heréticos, pagãos ou cismáticos. Por isso, o esoterismo era visto apenas como algo meramente especulativo, sem que houvesse uma institucionalização acadêmica específica.

Além disso, por muito tempo, questionou-se a possibilidade de estabelecer uma metodologia e conceitos válidos para o estudo do esoterismo, dada a dificuldade de abordar esse tema de forma rigorosamente científica, especialmente diante do forte racionalismo da Era da Razão e do Iluminismo dos séculos. XVII e XVIII. Durante esse período, o racionalismo se consolidava como um movimento que priorizava a razão, a lógica e a experiência científica como as principais formas de entender e explicar o Universo. A crença crescente na objetividade científica e na prova empírica gerou uma visão de mundo que buscava se distanciar de qualquer tipo de saber considerado místico, subjetivo ou não verificável.

Esse contexto gerou uma dificuldade significativa para o estudo do esoterismo, pois práticas como a alquimia, a astrologia, o hermetismo, além das correntes tradições esotéricas passaram a ser vistos como formas de conhecimento "irracionais" ou arcaicos, incompatíveis com o espírito racionalista do período. Como resultado, o esoterismo foi frequentemente marginalizado e tratado como superstição ou pseudociência, passando a ser desconsiderado nas instituições acadêmicas e científicas. O racionalismo impôs, então, uma barreira tanto no acesso quanto na legitimidade de estudos relacionados a temas até então considerados ocultos, dificultando que esses saberes fossem levados a sério como objeto de investigação científica.

Porém, contrariando essa lógica, os estudos sobre as religiões foram se consolidando no século XIX, especialmente a partir de 1860. Nesse período, houve um crescente interesse em estudar as religiões de forma sistemática e comparativa, motivado pela expansão colonial e pelo forte crescimento e difusão



de diferente culturas e religiões. Nesse quadro, a Escola Italiana das Religiões já começava no final do século XIX a introduzir uma base para abordagem empírica e comparativa ao estudo das tradições religiosas, enfatizando a análise dentro de seus contextos históricos e culturais específicos.

Essa abordagem pioneira, defendida por estudiosos como Raffaele Pettazzoni (1883-1959), ajudou a abrir caminho para uma compreensão mais ampla e inclusiva das práticas esotéricas. Essa consciência de pesquisa emergia aos poucos desde o século XIX, ganhando mais força a partir do começo do século XX, época em que houve maior amadurecimento de uma perspectiva científica e que, há tempo, continha uma manualística histórico-religiosa transcendente, movida pelo contexto teológico-protestante, mas que vinha mudando através da análise dos estudos sistemáticos, essencialistas, teológicos e fenomenológicos de autores como Max Muller (1823-1900), Edward Burnett Tylor (1832-1917), Émile Durkheim (1858-1917) e Bronisław Malinowski (1884-1942).

A influência de estudiosos como Raffaele Pettazzoni e Angelo Brelich, que buscavam entender as religiões em seus contextos culturais e simbólicos específicos, atraíram abordagens acadêmicas posteriores que se dedicaram mais diretamente ao estudo de temas esotéricos e ocultos. Essa abertura metodológica foi essencial para que, no século XX, a Ciência das Religiões e outros campos de estudo começassem a considerar o esoterismo como um campo legítimo de investigação acadêmica, despertando interesse e curiosidade por suas tradições e simbolismos respectivos. Nesse contexto surgiram importantes estudos historiográficos sobre o tema, podendo ser citado o "paradigma de Yates", introduzido por Frances A. Yates na década de 1960, considerado um marco inicial nesses estudos e que orientou abordagens acadêmicas ao longo do tempo. Em seu trabalho, Frances Yates destacou a influência de tradições herméticas e místicas no desenvolvimento da ciência moderna durante o Renasci



mento. Suas ideias sobre o papel do hermetismo no Renascimento produziram um enorme interesse público por essa temática e atraíram a simpatia tanto de intelectuais, quanto de adeptos do esoterismo tradicional e das novas correntes espirituais do Movimento Nova Era. Esse crescente interesse, sobretudo na segunda metade do Século XX, somado à popularização de autores esotéricos como Helena Blavatsky, Eliphas Levi, Aleister Crowley, Papus e de ordens esotéricas como a Ordem Rosacruz, a Sociedade Teosófica e a Ordem Hermética da Aurora Dourada (Golden Dawn), fez que a academia percebesse a necessidade de se compreender ainda mais esse tema. Nesse sentido, conforme Silva e Campos:

Desde a década de 1960, o tema do esoterismo ocidental vem despertando o interesse de pesquisadores e, particularmente no campo historiográfico, inspirando uma fecunda produção acadêmica, a partir de estudos sobre o Renascimento Italiano e o contexto histórico-cultural que marcou o nascimento da modernidade. (Silva e Campos, 2016, p. 8).

Nesse contexto, Antoine Faivre, um dos primeiros estudiosos a se dedicar ao esoterismo como objeto acadêmico, comentou em sua obra "O Esoterismo" sobre a ampla difusão do tema, pois observava que o esoterismo era amplamente explorado e visível nas prateleiras das livrarias, nas imagens e nos discursos da mídia. Nas palavras de Faivre, jornalistas e comerciantes misturavam, por conveniência de organização, elementos diversos como: parapsicologia, tarô, ioga, zen, ao lado da franco-maçonaria, teosofia e alquimia. (Faivre, 1994, p. 7), o que mostrava que o interesse pelos temas esotéricos cada vez mais tinha se expandido, em virtude da difusão da Tradição Esotérica Ocidental.

Assim, a disseminação do tema abriu caminho para estudiosos sobre o assunto, a fim de vê-lo, não como um conjunto periférico de crenças, mas como uma tradição que explorava símbolos, ritos e experiências profundas, similares aos das religiões convencionais. Na construção de uma nova perspectiva acadê



mica sobre o esoterismo, Antoine Faivre (1934 - 2021), deu uma contribuição fundamental para elaborar um modelo sistemático que concebeu o esoterismo enquanto uma forma específica de compreensão.



Figuras 38 e 39: Antoine Faivre e sua Obra - O Esoterismo - 1ª edição de 1994. Fontes: www.fulgur.co.uk, s.d. e amazon.com.br, 2024.

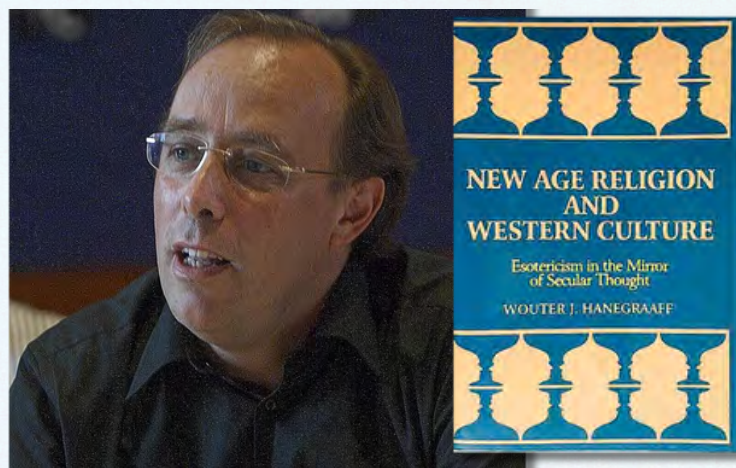
Em sua análise, Antoine Faivre incluiu componentes centrais que, a partir de então, desde que existentes em cada corrente, as caracterizariam como esotéricas, convergindo elas para uma harmonia que estaria presente na chamada “Tradição Esotérica Ocidental”. Em 1979, Faivre assumiu um importante posto acadêmico ao ser nomeado para a Cátedra de História das Correntes Esotéricas e Místicas na Europa Moderna e Contemporânea na França. Esta posição lhe estimulou a desenvolver a abordagem sistemática para o estudo do esoterismo, a fim de propor sua compreensão como uma forma específica de pensamento, que estaria focada nos elementos fundamentais citados, com o fim estabelecer pontos em comum entre diferentes tradições herméticas ao longo da história, conforme será visto mais adiante.



Após as contribuições pioneiras de Frances Yates e Antoine Faivre ao estudo acadêmico do Esoterismo Ocidental, o campo continuava a se expandir e a se consolidar, especialmente na Europa. Em 1984, um marco importante foi a criação da Biblioteca Filosófica Hermética em Amsterdã, na Holanda, na qual se destacou o historiador holandês Wouter Hanegraaff, especializado em história cultural e história das religiões, que logo se destacaria como um dos principais expoentes de um novo momento dos estudos do esoterismo. Hanegraaff foi um dos primeiros a explorar como o esoterismo se relacionava com a modernidade e a secularização, defendendo que o Esoterismo Ocidental não desapareceu com o surgimento da ciência e da racionalidade, mas, ao contrário, adaptou-se às transformações culturais, científicas e sociais.

Em seu trabalho *New Age Religion and Western Culture: Esotericism in the Mirror of Secular Thought* - Religião da Nova Era e Cultura Ocidental: Esoterismo no Espelho do Pensamento Secular, Hanegraaff analisou como o movimento New Age refletia e criticava a modernidade secular. Ele sugeriu que o surgimento da Nova Era serviu como uma resposta a aspectos do pensamento secular que negligenciavam a espiritualidade e o sentido existencial. Para ele, a Nova Era adaptava elementos da cultura secular, como o individualismo e a autonomia pessoal, para oferecer um caminho espiritual alternativo.

Figuras 40 e 41: Wouter Hanegraaff, 2006. Fonte: wikipedia.org, 2006 e sua Obra *New Age Religion and Western Culture: Esotericism in the Mirror of Secular Thought* de 1998. Fonte: sebersraridades.com.br, s.d.





Ademais, cada vez mais, os termos 'espiritual' e 'psicológico' na Nova Era tornavam-se intercambiáveis, pois para Hanegraaff a “psicologização da religião” refere-se à tendência de reinterpretar conceitos e experiências religiosas tradicionais em processos internos da mente humana, tornando-os psicológicos em vez de sobrenaturais (Hanegraaff, 1998, p. 495) . Termos como espiritualidade e psicologia começavam a ser tornar comutáveis , especialmente por movimentos como o “Novo Pensamento”, surgido no final do século XIX nos Estados Unidos, inspirado parcialmente no mesmerismo e no transcendentalismo. O movimento enfatizava o poder da mente para moldar a realidade e alcançar saúde, prosperidade e felicidade. Hanegraaff destacou que a modernidade assimilou ideias espirituais com viés psicológico, sem que isso fosse visto como algo redutivo ou que desvalorizasse o religioso. Pelo contrário, o processo de sacralização da psicologia foi bem recebido, já que elevava a psicologia a um status transcendental, capaz de responder a questões existenciais e espirituais. No final do século XIX, a psicologia era frequentemente vista como conectada a questões espirituais e práticas de meditação começaram a ser interpretadas como métodos para alcançar estados mentais superiores, em vez de apenas formas de comunicação com Deus.

Além disso, segundo Hanegraaff, nos estudos modernos sobre a matéria, o esoterismo evoluiu para integrar práticas e ideias a fim de fazerem sentido em um mundo moderno. Para o historiador, movimentos como a Nova Era eram exemplos dessa secularização, onde práticas esotéricas eram adaptadas e oferecidas de maneira que focassem no desenvolvimento pessoal, bem-estar como, por exemplo, práticas de cura energética como o Reiki e as chamadas autoajudas. A modernidade promoveu, segundo ele, ao invés de uma transformação espiritual por meio de uma religião formal ou mestre espiritual (como era comum em tradições esotéricas antigas), a ideia de que cada pessoa poderia, por conta própria, acessar e desenvolver sua espiritualidade, além do crescente oferecimento de livros, cursos e técnicas que permitiram a busca e ori



entação espiritual de forma particular, refletindo na adaptação do esoterismo a um contexto de maior autonomia no campo transcendental.

O debate sobre o Esoterismo Ocidental nos estudos de Wouter Hanegraaff trouxe assim questões pertinentes às relações reversivas entre as características da modernidade e da secularização, sendo que um dos méritos dos estudos do autor é o fato de restituir ao seu contexto histórico toda uma tradição cultural importante que havia sido relegada ao esquecimento pelo discurso de uma modernidade exclusivamente racionalista. Essa perspectiva não apenas reforçou o valor das práticas esotéricas, mas também questionou os limites de um pensamento centrado apenas na razão, levando-se em conta que as correntes herméticas, alquímicas e místicas desempenharam um papel fundamental na construção do saber ocidental. Ao evidenciar a relevância da tradição esotérica na formação das ideias modernas, os estudos de Hanegraaff permitiram uma reavaliação crítica dos paradigmas que moldaram a modernidade.

O Esoterismo Ocidental, assim, surge como um espaço legítimo de investigação acadêmica, que oferece novas lentes para interpretar os processos históricos, culturais e filosóficos, desafiando a fragmentação entre razão e fé e revelando a riqueza de um pensamento que integra dimensões racionais, simbólicas e transcendentais. Como corrente de estudos, passou a se firmar academicamente no século XX e consolidou-se por meio de contribuições fundamentais de renomados historiadores e do surgimento de destacados centros de estudo ao redor do mundo, como o Instituto Warburg em Londres, no qual, por sinal, destacou-se a inglesa Frances Yates, cujo trabalho, especialmente o livro *Giordano Bruno e a Tradição Hermética*, de 1964, foi um marco para os estudos acadêmicos modernos sobre o tema.



Fonte das imagens 42 e 43 na lista de figuras

A Eubiose como campo acadêmico de estudo

A abordagem sobre a Eubiose, por ser uma ordem com poucos estudos acadêmicos, além de que, entre todas as ordens esotéricas, ser a única cujos ensinamentos visam trabalhar o esoterismo do ponto de vista nacional, despertou curiosidade para a conclusão do presente trabalho, mormente pela ampla função soteriológica que se dá ao território brasileiro, atribuindo ao país uma função central no processo de evolução espiritual. Não à toa, por isso, que os eubióticos consideram o Brasil como o país da prosperidade futura, como o berço de uma nova civilização.

Nesse sentido, vale ressaltar que, durante a década de 1970, período em que a Sociedade Brasileira de Eubiose (SBE) ganhou visibilidade na cidade do Recife, Capital Pernambucana, o então vice-diretor da SBE, Coronel Britto, respondia a várias perguntas esclarecendo o papel do Brasil diante das demais nações, como mencionado anteriormente. Além disso, ele fornecia informações sobre os princípios e crenças da ordem eubiótica. Essa participação foi destacada em uma reportagem publicada no Diário de Pernambuco de 31 de outubro de 1971, conforme mostrado na Figura 44 da página seguinte.



Brasil comandará o mundo por ordem divina

RIO (Meridional-DP) — "Dentro de 34 anos, precisamente, o Brasil será o núcleo central da civilização terrena. Não é ficção. Nem há exagero. O trabalho de preparação do povo brasileiro para essa posição começou no princípio deste século, e prossegue em ritmo normal. No ano 2.005 — podemos garantir e que ninguém duvide! — a humanidade estará iniciando a nova e grandiosa etapa de sua evolução. Maytréia surgirá então na face da Terra, como um novo portador da mesma essência divina que já nos chegou com Buda e Jesus.

Estas palavras foram ditas com a maior naturalidade pelo Vice-Diretor da Sociedade Brasileira de Eubiose, no Rio de Janeiro, coronel Britto, que falava como se estivesse prestando uma informação muito rotineira... Sem a menor emoção. Sem procurar fazer o mínimo exagero. E com plena convicção.

Figura 44: Diário de Pernambuco de 31 de outubro de 1971, 1º caderno, p. 2. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.

As matérias jornalísticas ajudavam, assim, o leitor da sociedade recifense a ver a Eubiose como uma organização que contribuía com o desenvolvimento espiritual do país e posicionava o Brasil como protagonista de uma nova fase evolutiva. Dessa forma, a mídia, ao abordar a Eubiose, não exerceu um papel passivo de mera transmissora de informações, mas atuou como um agente ativo que moldava e definia percepções do cidadão pernambucano. Assim, ela contribuía para a construção da realidade social e influenciava a percepção pública sobre o esoterismo, promovendo sua compreensão como parte integrante da identidade espiritual e cultural do Brasil, confirmando que as representações do mundo social assim construídas [...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. (Chartier, 2002, p. 17)



Dessa forma, ao ler essas representações, o público pernambucano passava a perceber a Eubiose não como algo exótico ou marginal, mas como uma filosofia relevante e nacionalista, alinhada a valores de esperança e progresso. Os jornais, da mesma maneira, também influenciavam aquele público leitor a enxergar a ordem como uma instituição espiritual e cultural relevante, o que facilitava o acesso aos assuntos relativos à filosofia eubiótica como uma parte legítima e significativa da identidade cultural do Brasil, tornando os valores e a visão da Eubiose mais compreensíveis e acessíveis ao público em geral.

Além disso, segundo o entendimento que as realidades sociais são construídas por meio de classificações e práticas que ajudam grupos a definir suas identidades e a se posicionarem na sociedade (Chartier, 2002, p. 107), a Sociedade Brasileira de Eubiose (SBE) criou ao longo do tempo uma identidade esotérica e espiritual singular. Essa concepção contribuiu para a visão do Brasil como um país dotado de uma missão especial no campo espiritual. Assim, a SBE, dentre os vários grupos herméticos que existem, trabalhou para se inserir dentro do universo esotérico brasileiro, promovendo a ideia de uma espiritualidade nacionalista, ao mesmo tempo que se consolidava através das atividades respectivas, o que permitiu que permanecesse relevante e visível na cultura pernambucana e brasileira até os dias atuais, fato que pode ser evidenciado pelos estudos e palestras disponíveis até os dias atuais.

Ademais, a utilização da mídia e a realização de atividades públicas fizeram com que a Eubiose fosse percebida não apenas como uma organização esotérica restrita a um grupo de iniciados, mas se apresentava como uma filosofia acessível que oferecia uma visão ampla e esperançosa do futuro. Essa construção de identidade, promovida pelos veículos de comunicação e pelas práticas abertas, contribuíram para firmar a Eubiose no imaginário cultural e espiritual, fortalecendo sua posição como um movimento que buscava não só a elevação espiritual individual, mas também a transformação coletiva do país.



Nesse sentido, para a compreensão do seu papel, os jornais e os livros internos da ordem forneceram materiais para o conhecimento de sua missão institucional, os quais podem ser consultados e estão presentes nas bibliotecas dos vários departamentos espalhados pelo Brasil. Assim, o acervo da Revista Dhâranâ e Revista Aquarius, revistas oficiais da SBE, fomentaram o presente trabalho pelo vasto repertório de assuntos esotéricos correlacionados e permitiram a compreensão e o sentido de como a ordem concebe a sua visão de mundo, além de aspectos culturais da sociedade direcionados ao público em geral, a fim de que se compreenda a visão esotérica do grupo.

Nesse sentido, a Revista Aquarius, vale destacar, trouxe em sua edição trimestral do ano 1, nº 3 de 1975 uma matéria a respeito do “Mamulengo”, cultura popular nordestina, especialmente do Estado de Pernambuco de autoria de um membro e palestrante da época, Moysés Jakubovicz, na qual fazia uma explanação da origem e do significado do termo, descrito também como “Boi de Mamão”, uma manifestação folclórica típica do litoral do Estado de Santa Catarina, e que trazia elementos comuns com outro personagem folclórico, o “Bumba-Meu-Boi” nordestino (Figura 45 ao lado), o que destacava a aproximação da identidade do grupo com elementos culturais brasileiros.



Figura 45: Festa do Bumba Meu Boi , uma das festas folclóricas mais importantes do Brasil. Fonte: escolaepocaserrana.com.br, 2023.



A princípio, a matéria destacou que seu autor, Jakubovicz, apresentou a didática do professor Henrique José de Souza para explorar a etimologia e o simbolismo oculto por trás da forma sânscrita do termo. O sânscrito, por sinal, descrito como a língua-mãe de sabedorias ancestrais, carrega consigo uma profundidade mística, sendo derivado de um dialeto primordial originário do Tibete e da Mongólia, regiões reconhecidas como berços de culturas espirituais e filosóficas de influência imensurável. De acordo com os estudos eubióticos, essa linguagem ancestral teria fornecido uma base para a estruturação de outras línguas fundamentais da humanidade, como o grego e o latim, que por sua vez deram origem às línguas indo-europeias que moldam o pensamento ocidental contemporâneo.

Seguindo esse entendimento, a matéria descreveu que no sânscrito a palavra Mamulengo é composta de “Mama” e “Lungo”, na qual Mama significa “Mãe”, a matriz geradora e o aspecto visível da criação, ao passo que “Lungo” significa “Lha”, que traduzido para o idioma matemático descrito, quer dizer “Espírito”, como referência às coisas espirituais, da inteligência e da mente e que, dessa forma, segundo ensina o texto, possui uma linguagem oculta que faz menção à origem do homem até o seu desenvolvimento psíquico e espiritual com o fim de haver a perfeita harmonia com o cosmos, fato este que remete ao significado do que os eubiotas creem, como o surgimento de uma nova raça. Esse simbolismo sugere que o Mamulengo transcende sua faceta cultural, levando consigo um vínculo profundo com o mistério da criação universal e os ciclos de evolução espiritual, tema central em praticamente todas as correntes esotéricas.

Por curiosidade, as respectivas figuras 46, 47 e 48 da próxima página mostra a capa da revista Aquarius já mencionada, edição que foi adquirida na sede da Sociedade Brasileira de Eubiose em Minas Gerais, o conteúdo da Revista citado anteriormente e a mesma matéria exposta no ano de 1976 no Diário de Pernambuco, ambas relacionadas à cultura do Mamulengo.

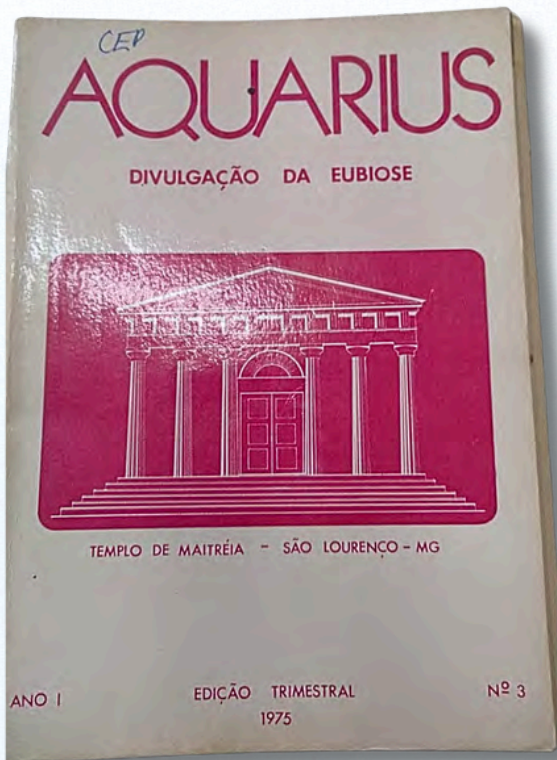


Figura 46: Revista Aquarius, edição nº 3 de 1975. Fonte: Departamento Sede da Eubiose em Minas Gerais, 2023.

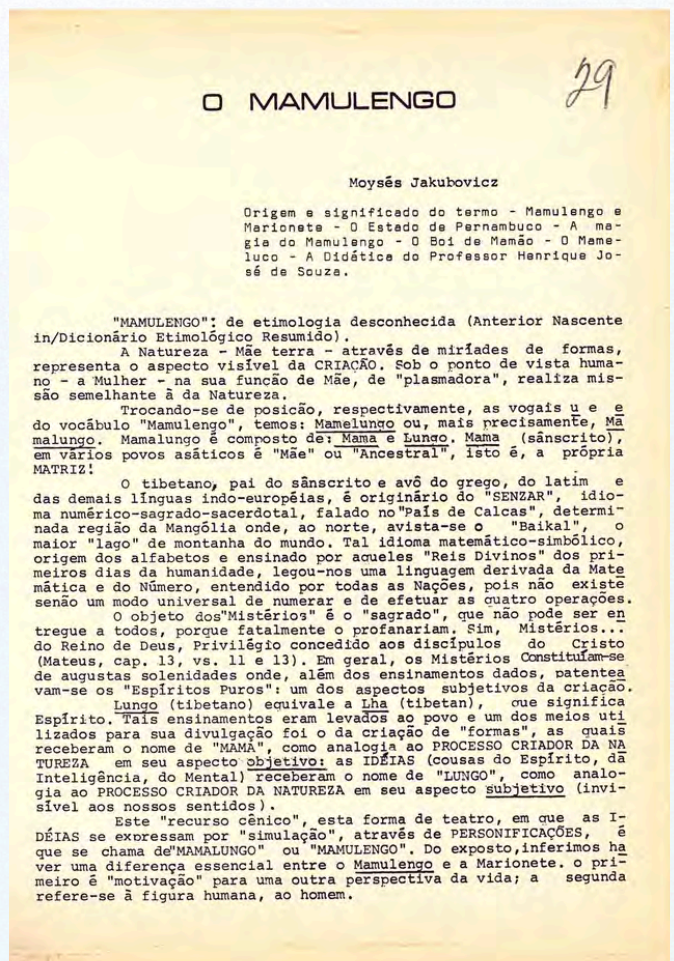


Figura 47: Capítulo referente ao Mamulengo, Origem e Etimologia, (Moysés Jakubovicz, 1975). Fonte: Departamento Sede da Eubiose em Minas Gerais, 2023.

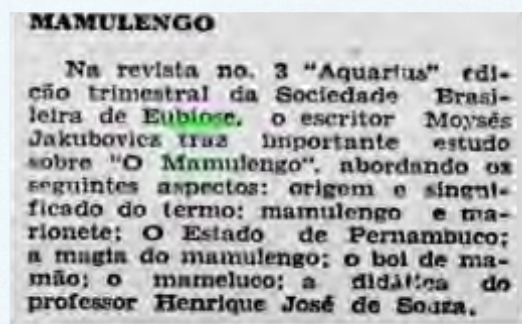


Figura 48: Matéria sobre o Mamulengo, DP, 13 de jan. de 1976, 2º ed., p. 10. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d



Percebe-se que a utilização da mídia na época, como evidenciada na reportagem da página anterior, era importante para moldar uma percepção que conectava o esoterismo ocidental a valores regionais. Do mesmo modo, publicações como a Revista Aquarius mostrava como a Eubiose procurava difundir conceitos complexos de filosofia e espiritualidade, levando em conta as aspirações culturais e espirituais locais em um período de forte propagação de conhecimentos até então desconhecidos para a sociedade brasileira, especialmente a pernambucana.

Dessa forma, para a inserção da ordem em um contexto de estudo acadêmico, levou-se em conta, além da sua rica ligação com elementos de identidade nacional, a sua posição dentro do Esoterismo Ocidental e, embora o Recife tenha tido diversas ordens esotéricas e um cenário de ampla difusão de assuntos relacionados, principalmente durante a Nova Era, este tema ainda tinha sido pouco comentado, em se tratando do Brasil e em especial da cidade do Recife, tendo apenas menções em trabalhos acadêmicos que não aprofundavam a matéria.

Definições e Conceitos do Esoterismo Ocidental

Para a compreensão conceitual do esoterismo ocidental exigiu-se uma análise minuciosa de suas múltiplas dimensões, desde suas origens históricas até suas manifestações contemporâneas, pois o mesmo não se constitui num mero conjunto de práticas místicas isoladas, mas numa rica tradição intelectual e espiritual que permeou significativamente o desenvolvimento do pensamento ocidental. Esta herança intelectual não apenas influenciou o desenvolvimento das



artes e das ciências durante o período moderno, mas também continuou a exercer sua influência em diversos movimentos contemporâneos, desde sociedades iniciadas até correntes da Nova Era, o que demonstrou sua notável capacidade de adaptação e renovação ao longo dos anos.

Por isso, devido à grande dificuldade de se estabelecer um inventário exaustivo do que seria o Esoterismo Ocidental, por conta de vários elementos incomuns e diversos quanto à origem e natureza, somado à mistura de várias tradições com práticas e simbolismos variados, além da necessidade de valoração de diferentes aspectos culturais, autores, acadêmicos perceberam a necessidade de se procurar denominadores comuns, harmonias e contrastes existentes entre elementos contidos num universo esotérico fortemente variado.

Seguindo essa tendência, o historiador Antoine Faivre descobriu que não seria viável, para estabelecer uma base teórica, partir do que seria o esoterismo “em si” (Faivre, 1994, p. 8), acrescentando que no Ocidente, diferente das religiões orientais, o esoterismo se desenvolveu fora das religiões abraâmicas, resultando em corpo multifacetado com aspectos também não religiosos e seculares. Dessa forma, a separação e diversidade explicam por que era mais difícil conceituar o esoterismo ocidental de forma unificada. Percebia-se, assim, que não havia uma “essência única” ou um vínculo direto com um sistema religioso principal que ao menos tentasse delimitá-lo como uma religião. Em razão disso, verificou-se que a forma mais apropriada de conceituá-lo era delimitá-lo com base nas correntes e nos vários discursos existentes. Para tanto era necessária uma definição do que seria esoterismo ocidental, a partir de quais movimentos integravam essa corrente de ideias e como se podia identificar um grupo esotérico. Evidenciou-se que a definição em si, não necessariamente busca conceituar o etimologicamente o esoterismo, mas sim compreender os elementos que identificam a chamada “Tradição Esotérica Ocidental”. Antes, é importante estabelecer o termo como



uma corrente de pensamentos que se difundiu no ocidente durante o período renascentista, motivo pelo qual é chamado de Esoterismo Ocidental. (Faivre, 2022).

Dessa forma, a definição mais aceita sobre esoterismo foi sobre as componentes do esoterismo que estariam presentes nos mais variados movimentos herméticos identificáveis, levando-se em conta a presença, assim, de seis características fundamentais, distribuídas de acordo com uma dosagem variável, dentro de seu vasto contexto histórico e concreto (Faivre, 1994, p. 17), nas quais quatro são intrínsecas, no sentido de sua presença simultânea ser necessária e suficiente para que um material em análise pertença ao esoterismo, e a elas vêm acrescentar-se duas, chamadas secundárias, isto é, não fundamentais, cuja presença é frequente ao lado das outras quatro.

Nesse sentido, essas componentes seriam: (I) a ideia de correspondência com o universo ou com o todo; (II) a ideia de Natureza viva; (III) a importância ou papel das mediações e da imaginação; (IV) a experiência da transmutação; (V) a prática da concordância; e (VI) a ideia de transmissão. Das seis componentes apresentadas, Faivre definiu as quatro primeiras como componentes fundamentais. Isso consiste em dizer que elas se fazem presentes em todas as correntes esotéricas, independente de quais sejam. As duas últimas, por sua vez, concordância e transmissão, são chamadas de componentes secundárias ou não fundamentais, pois suas presenças não são indispensáveis na definição do esoterismo ocidental, embora presentes em diversas ordens. (Faivre, 1994, p. 22).

Conforme esse entendimento, a Ideia de correspondência, segundo Faivre, expressa a visão de que o universo está interligado com todas as coisas que nele ocorrem, desde os aspectos do micro para com o macrocosmo. Para o autor, essa compreensão parte da noção de que “o universo inteiro é um grande teatro



de espelhos, um conjunto de hieróglifos, a decifrar”. Por sua vez, a correspondente da natureza viva, ou macrocosmo parte do entendimento de que o universo é um “ser vivo” dotado de leis, forças e princípios, no qual todos os aspectos da natureza estão interligados, entre eles os seres humanos, chamados de microcosmos.

Ademais, o papel da terceira componente, no que tange às mediações e imaginações, envolve o ensinamento de como anjos, espíritos e guias espirituais exercem influência sobre a humanidade. Modernamente são dotados de forte simbologia e significado imagético que, somados à *Gnose* do pensamento, trabalham para o desvelamento dos mistérios da natureza e do cosmos. A quarta componente, por seu turno, aduz como a experiência da transmutação simboliza o momento, no qual o buscador esotérico através do conhecimento místico molda o seu interior, moral e espiritualmente através das práticas e meditações, das quais Faivre cunhou o termo “segundo nascimento”, a mudança do “antigo eu” e o “novo eu” (Faivre, 1994, p. 21)

Por fim, no que tange às duas últimas componentes, ditas relativas, como a prática da concordância e a ideia de transmissão, a primeira destaca a busca por identificar denominadores comuns entre diferentes tradições esotéricas ou entre todas, a fim de alcançar uma gnose superior e integrada, o “tronco vívido”, eliminando as diferenças e encontrando harmonias entre elas, consideradas como ramos visíveis desse tronco (Faivre, 1994, p. 23). Essa tendência, mencionada no livro de Faivre, por sinal, reflete o desejo de unificar diversas linhas esotéricas sob uma "Tradição primordial" e ganhou ênfase a partir do Século XIX, sobretudo pelo estudo das religiões comparadas. A segunda e última componente mencionada, por sua vez, enfatiza o papel essencial do ensino esotérico, que deve ocorrer por meio de uma cadeia ininterrupta de mestre e discípulo, garantindo a transmissão e a regularidade dos conhecimentos transmi



tidos, através do processo de iniciação, presente nas sociedades iniciáticas ou secretas.

Uma questão importante a destacar é que, a despeito de muitas correntes esotéricas assinalarem a presença simultânea dos vários componentes citados, estes podem estar distribuídos de maneira diferenciada nos grupos existentes, visto que cada corrente esotérica dá mais importância a uns, enquanto outros podem ser menos destacados. Isso acontece porque o propósito ou foco principal de cada tradição varia, podendo até mesmo ganhar contornos específicos, como é o caso da Eubiose, na qual se destaca com mais ênfase a ideia da Natureza Viva. Esse entendimento é evidenciado pela própria característica de estudo da vida em si que o grupo possui, pois para os eubióticos, o planeta Terra é um imenso ser vivo que evolui em constante interação e união com os seres que a compõe e com o cosmos, indo além de uma abordagem ecológica, pois conecta a Terra aos planos espirituais superiores e à Hierarquia Planetária.



A Eubiose no Brasil: história, crenças e difusão



III

CONTEXTO HISTÓRICO-FILOSÓFICO

Desde início do Século XIX, a Sociedade Brasileira de Eubiose fundamenta-se em uma visão integrada do desenvolvimento humano, que une aspectos espirituais e sociais. Como escola iniciática, orientada pelos ensinamentos do Professor Henrique José de Souza, assinala desde sua origem uma proposta de transformação que transcende o campo puramente esotérico, abrangendo também questões práticas da evolução social e cultural da humanidade. Esta perspectiva foi salientada pelo seu fundador, que assim aduziu:

Do vasto programa que vem empreendendo desde sua fundação, em 1921, a ordem, institucionalmente, também tem como fins comuns o combate ao analfabetismo, aos vícios e maus costumes sociais, ao fanatismo, à superstição, à mentira, ao erro e tudo o mais quanto possa entrar a evolução humana. Cultiva a fraternidade universal; dedica-se ao estudo comparado das ciências, artes, filosofias e religiões de todos os povos, através das idades (evoluções cíclicas); estimula o desenvolvimento do espírito de livre investigação e crítica, único caminho capaz de transformar o homem em um ser superior, consciente de si mesmo e de seu destino". (Souza, 2001, p. 7).

Nesse sentido, as fontes que embasam a respeito da sua história, assim como sobre os seus ensinamentos, foram matérias de jornais, especificamente, o Diário de Pernambuco e o Diário da Manhã, que retratam esse feito e fontes internas, que abrangem as revistas Dharârana e Aquarius, livros produzidos pela sociedade, além de trabalhos acadêmicos, que fizeram referência à ordem. Parte dos livros, inclusive, foram escritos pelo seu fundador, Henrique José de Souza.



As suas obras são consideradas de grande importância para os membros, estando presentes no acervo bibliográfico do grupo e, muitos dos seus trabalhos inclusive, eram restritos aos próprios adeptos; hoje, porém, podem ser acessados por não membros que se interessem em conhecer os princípios contidos na filosofia espiritualista em questão.

Dentre os trabalhos de HJS, três se destacam, sendo considerados clássicos pelos membros, os quais são: O Verdadeiro Caminho da Iniciação; Ocultismo e Teosofia e Os Mistérios do Sexo (Figuras 52, 53 e 54 abaixo), dos quais só tivemos acesso ao primeiro e ao último da sequência iconográfica abaixo.



Figuras 52, 53 e 54: Obras Clássicas de HJS - O Verdadeiro Caminho da Iniciação; Ocultismo e Teosofia e os Mistérios do Sexo. Fonte: estantevirtual.com.br, 2024.

O livro O Verdadeiro Caminho da Iniciação foi escrito durante os treze dias que antecederam a Segunda Guerra Mundial, período este que ficou registrado como um dos mais violentos e sangrentos de toda a humanidade. A obra descreve a existência, desde a criação do mundo, de uma Sabedoria Única, anterior a todas as filosofias religiosas e a todas as ciências, denominada "chave de todos os siste



mas religiosos". Esta antiga sabedoria, segundo HJS, teria sido preservada ao longo dos séculos pelos mestres iniciados, que a transmitiram de geração em geração por meio de símbolos e rituais sagrados. O autor sugeriu na Obra que este conhecimento ancestral contém as respostas para os principais questionamentos da humanidade, incluídas as fases mais difíceis, entre elas, curiosamente, o cenário de guerra mundial em que vivia HJS, já perto da Segunda Guerra Mundial. Dentro desse contexto, o livro descreve a importância dos chamados "avatars", que seriam seres espirituais que passaram a ocupar um corpo de carne, representando assim uma manifestação divina na Terra, a fim de preparar o caminho de evolução da Humanidade. Por isso, segundo HJS:

Das suas Escolas, espalhadas pelos quatro cantos do mundo, na China como no Japão, na Índia como na Mongólia, pelos vários rincões da Europa como pelas montanhas da América do Sul, saíram os Hermes, os Orfeus, os Krishnas, os Budhas e os Cristos, os Fohis e os Kukulkans, depois de ali terem bebido os conhecimentos de que precisavam para fazer voltar à prístina pureza e adaptar às novas necessidades evolutivas da humanidade as religiões e filosofias corrompidas pelo orgulho, pela superstição e pela mentira (...) Nenhum deles se propôs de ensinar qualquer coisa nova, revelar uma nova verdade, mas tão somente expor a mesma Eterna Verdade latente em todas as mitologias e escrituras sagradas, (Souza, 2001, p.15).

Nesse contexto, o livro explana o verdadeiro caminho da iniciação como aquele encontrado pelos homens que, ao penetrarem nos colégios iniciáticos, saem com o título de "Grandes Iluminados", como foi o caso, segundo a crença eubiótica e teosófica, de Henrique José de Souza e Helena Blavatsky, os quais, a partir de então, estariam aptos na missão de fomentar a evolução humana.

Por outro lado, na obra *Os Mistérios do Sexo*, também de autoria de HJS, mostra como tudo se criou, desde as partículas cósmicas do chamado "*Big Bang*"; como se deu a mecânica que dirige a criação e reprodução dos seres em todas as escalas universais dos elementos químicos que hoje se conhecem até os



níveis que hoje existem de matéria densa, descrevendo da mesma maneira a formação e concepção desses corpos. O autor estabeleceu paralelos entre os processos cósmicos de criação e os mecanismos biológicos de reprodução, revelando uma intrigante representação entre o macrocosmo universal e o microcosmo, dito humano. Através de uma abordagem singular, a obra propõe uma compreensão holística da criação, unificando conhecimentos científicos e esotéricos em uma síntese original que busca explicar os fundamentos da existência material e espiritual.

No começo do livro, o autor apresentou uma visão da Terra como um organismo vivo integrado ao cosmos, destacando sua conexão vital com o Sol, o qual atua como fonte primordial de energia para todo o sistema planetário. No entanto, ele descreveu que ainda estamos longe de compreender completamente os mistérios do nosso planeta, especialmente no que diz respeito à origem das diversas formas de vida que existe. (Souza, 2001, p. 13).

No que tange à reprodução, é descrito que os sexos não existiam na primeira raça dos seres humanos denominada “Lemuriana”, mas apenas a partir da segunda Sub-Raça, tendo aspectos andrógenos, ou seja, sem características masculinas e femininas determinadas. Na terceira sub-raça, os indivíduos passaram a nascer de estruturas ovoides ou em estágios ainda mais primitivos, com formas de geração espontânea ou assexuada. Nesse estágio, predominavam hermafroditas bem desenvolvidos, marcando o início de uma diferenciação sexual mais evidente, mas pelo fato de ainda deterem uma mente pouco desenvolvida, se encontravam em um estado mais instintivo, o que de acordo com o autor, motivou a chamada "queda do sexo". Esse evento marcou a transição da androginia inicial para a separação definitiva dos sexos, que culminaria na Quarta Sub-Raça com a diferenciação completa em macho e fêmea.



Nesse sentido, foi na quarta sub-raça que se constituíram estruturas sexuais distintas e a reprodução tornou-se dependente da interação entre os sexos. Ao passar da quinta e sexta fases sem grandes mudanças, pois representaram a consolidação do modelo sexual já estabelecido, foi só na sétima Sub-Raça que a criação intrauterina se tornou universal, consolidando os padrões de reprodução sexual que conhecemos hoje, pois todo o processo reprodutivo humano estava completamente estabelecido de maneira uniforme, sem variações em métodos como os que existiam nas fases anteriores da evolução. As implicações de caráter espiritual, porém, passariam a refletir numa necessidade de progresso humano em direção a um estado mais elevado de consciência e equilíbrio.

Nesse sentido, o aspecto filosófico-esotérico sugere que essa separação passaria a fazer parte de uma experiência transitória no plano físico, pois, do ponto de vista espiritual, o estado de androginia inicial simbolizava uma unidade primordial, onde o ser não estava dividido em polaridades, trazendo a necessidade de que, em futuros estágios mais elevados de consciência, após a evolução material e espiritual, os seres humanos retornariam a essa unidade original. Esse retorno ao "andrógino iluminado", segundo o autor, não implicará na reversão dos sexos físicos, mas sim em um estado de equilíbrio e harmonia interior onde as polaridades masculina e feminina coexistirão novamente e plenamente integrados no ser, quando o mental chegará a tornar-se tão puro quanto o de sua origem, desaparecendo o sexo, pois o mesmo andrógino do começo se manifestará consciente, iluminado ou equilibrado, uno com o Pai (Souza, 2001, p. 55).

Em se tratando da Eubiose, também existem trabalhos acadêmicos que abordaram a sua história e aspectos de maneira geral que serviram como referências na construção da presente obra, como a Tese de Pepita de Souza Afiune apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás – “Do Paraíso Terrestre à Nova Akhetaton: Misticismo e política na



Construção de Brasília (1955 – 1990)”, na qual a autora discorreu sobre a mística de Brasília, abordando por outro lado, de forma não substancial, a respeito da ordem esotérica brasileira, obra esta que será analisada mais adiante. De forma semelhante, não se verificou trabalhos acadêmicos que abordassem de maneira abrangente aspectos gerais e específicos sobre o tema, mas a despeito disso, verificou-se importantes contribuições como o capítulo intitulado "O Brasil Teosófico-Budista na década de 1920", escrito pelo pesquisador Marcelo Vidaurre Archanjo, o qual faz parte do livro "Estudios sobre la historia del esoterismo occidental en América Latina: Enfoques, aportes, problemas y debates", obra esta de 2018. Em seu trabalho, Archanjo reflete uma forte perspectiva regional sobre o tema dentro de um contexto mais amplo de estudos latino-americanos, abordando aspectos da ordem brasileira em seus quatro primeiros anos de operação, de 1924 a 1928, período durante o qual se denominava como Sociedade Dhâranâ.

Nesse contexto, é importante destacar também outros trabalhos como o artigo de Silas Guerriero “A Diversidade Religiosa no Brasil: A Nebulosa do Esoterismo e da Nova Era”, de 2003, que leva em conta o contexto plural da religiosidade no Brasil, no qual a sociedade eubiótica é citada como incursa. O autor usa termos como “novas religiões”, “novas espiritualidades”, “esoterismos” e também o fenômeno da Nova Era, trazendo a discussão de como essa diversidade poderia viver concomitantemente, descrevendo-as como tendo diferentes nomes, porém fazendo parte de uma “mesma religião”, conforme cita o autor:

A Nova Era seria então, ou mais uma religião (pois parece sempre haver lugar para novas) no então rico mas não saturado campo religioso brasileiro, ou apenas uma via (equivocada e endemoninhada para muitos) de se chegar ao mesmo Deus”. O autor ainda cita a Eubiose como incursa nessa heterogeneidade, porém dotada um sistema doutrinário com princípios filosóficos e religiosos definidos (Guerriero, 2003, p. 129).



Consideradas essas bases, passamos a examinar o contexto da fundação da ordem nacional. Vale destacar de antemão que os ensinamentos teosóficos estavam presentes no Brasil desde o começo do século XX, muito antes da fundação da própria Organização filosófica brasileira. Naquele cenário, em 1914, Henrique José de Souza (1883-1963) mudou-se com sua primeira esposa Hercília e seus filhos para o Rio de Janeiro, Capital da República, ocasião na qual, em 1916, participou da fundação de grupos esotéricos e ocultistas, como a Comunhão Esotérica Samyama. Em seguida, no ano de 1921, em São Lourenço - MG, era lançada a pedra fundamental do movimento eubiótico no Brasil, sinalizando os primeiros passos de um projeto que ganharia contornos mais definidos nos anos seguintes. Assim, só em 1924, na cidade de Niterói/RJ, estando em um local alugado e provisório, Henrique de Souza deu início à ordem esotérica que veio a ter o primeiro nome da Eubiose, a Sociedade Dhâranâ - Sociedade Mental Espiritualista, ocasião em que foram firmados seus estatutos sociais.



Figura 55: Quadro de HJS, Fonte: semeandoconhecimento.com.br, 2014.

Entretanto, conforme anteriormente mencionado, antes da criação da Sociedade Dhâranâ, Henrique participou da constituição de outras organizações esotéricas nas quais se realizavam estudos teosóficos, o que mostrava a forte permeabilidade entre as duas filosofias espiritualistas e a influência dos ensinamentos de Blavatsky sobre o Professor. O pesquisador Marcelo Vidaurre Archanjo, expondo a trajetória pioneira de Henrique José de Souza, destaca a influência teosófica nos primeiros movimentos associativos:



Antes da criação da Sociedade Dhâranâ em 1924, Henrique José de Souza participou da constituição de duas outras organizações semelhantes. A primeira foi no ano de 1905, na cidade de Salvador (BA). Henrique tinha 22 anos e, junto com dois amigos fundou uma associação Teosófica com o nome de Loja Theosófica Alcyone. Inicialmente esta associação Teosófica funcionou na residência do próprio Henrique, sendo depois transferida para a residência de Marcolino Magalhães. (Archanjo, 2018, p. 133).

Um fato curioso é que, segundo os membros do Departamento local, HJS teve três grandes romances. O primeiro foi na ocasião em que seu pai, Honorato José de Souza, proprietário de vários bens, arrendou o Teatro São João, em Salvador, para uma companhia teatral portuguesa, onde o elenco era constituído de belas musas. Entre as jovens musas do elenco, destacava-se Helena da Silva Neves, com quem Henrique não chegou a se casar, mas, na ocasião, teve uma relação repleta de episódios significativos que se tornariam, mais tarde, parte da tradição espiritual dos eubióticos.



Figuras 56 e 57: O Teatro São João na Bahia, Século XIX, que já não existe, o qual foi destruído em um incêndio. Fonte: cpeubiose.pt, s.d.

Desse modo, logo após o evento do Teatro, em um dia de folga do espetáculo, os enamorados foram então para Itaparica, Ilha onde o pai de Henrique possuía uma fazenda. No local, a relação de Helena Neves e Henrique se estreitou num lampejo místico, o que na tradição eubiótica, encetaria a tarefa primordial dos gêmeos espirituais, dando início a uma missão divina de grande estatura no mundo. Na visão eubiótica, duas almas espirituais são almas que reúnem uma



unidade essencial, separada anteriormente, mas depois unidas para atuar como pólos complementares de uma missão cármica. Essa dinâmica espiritual se desdobra ao longo do tempo e das encarnações, permitindo que os envolvidos realizem etapas distintas de uma jornada evolutiva, sempre alinhadas a um plano superior. Esse fato, segundo a tradição do grupo, iniciou-se com Helena Neves em Itaparica e, mais à frente, se personificaria com os outros dois grandes romances da sua vida, suas esposas Hercília Gonçalves e Helena Jefferson.

A inusitada história com Helena Neves continua, repleta de episódios simbólicos e marcantes, tendo porém um desfecho inesperado, mas que contribuiu para moldar o caminho espiritual de Henrique José de Souza. Assim, embora o afastamento de Helena, que faleceu em um acidente em Lisboa, tenha deixado em Henrique um sentimento de abandono e perda, ele representou uma etapa necessária para que ele pudesse prosseguir com a missão que o aguardava na Índia. O encontro com os “mestres” do Norte daquele País não apenas contribuiria para uma expansão espiritual, mas também reforçaria a sua trajetória, em decorrência dos ensinamentos teosóficos que passariam a marcar sua vida e obra. Curiosamente, a separação com Helena Neves e a subsequente conexão com os gurus indianos pareciam traçar um paralelo com os próprios passos de Blavatsky, que também atravessou os caminhos do Oriente em busca da sabedoria universal. Assim, a história com Helena Neves, além de um episódio pessoal, é vista, segundo os membros, como uma chave cármica que conectou Henrique a um propósito maior.



Figura 58: Henrique e Hercília Gonçalves. Fonte: comunidadeurgicaportuguesa.wordpress.com, 2017.



Ademais, a história da fundação do grupo, que teve início em 1924, destaca o indispensável papel de seu fundador, que era conhecido em seu círculo íntimo como 'Professor Henrique', o qual nasceu em Salvador, Capital da Bahia, em 1883 e, embora tenha iniciado os estudos em medicina, precisou abandoná-los devido a dificuldades financeiras. Profundo estudioso do esoterismo ocidental, com especial interesse na Teosofia, Henrique foi membro de várias ordens esotéricas antes de fundar a Eubiose. Sua primeira experiência nesse meio ocorreu em 1905, ainda em sua cidade natal, quando, junto com amigos, fundou uma associação teosófica chamada Loja Theosófica Alcyone, que funcionava em sua própria residência.

Posteriormente, em 08 de maio de 1928, a ordem esotérica alterou sua denominação para a Sociedade Teosófica Brasileira (STB). Em 1932, transferiu sua sede para a cidade do Rio de Janeiro, então Capital do Brasil, e, mais tarde, em 1944, para a estância turística hidromineral de São Lourenço (MG), onde permanece até hoje. A partir de 1969, o grupo mudava novamente sua denominação, passando a utilizar o nome atual de Sociedade Brasileira de Eubiose (SBE), cuja liderança era fortemente centralizada na personalidade carismática de HJS. Em 1963, após seu falecimento, a liderança formal da associação foi transferida para sua segunda esposa, Helena Jefferson de Souza e em 1969 a liderança passou a ser exercida pelos quatro filhos do casal, Hélio, Selene, Jefferson e Hermes (Archanjo, 2018, p. 131).

Convém destacar que o grupo nacional, embora se reivindique como uma vertente teosófica, não possui vinculação orgânica com a Sociedade fundada por Helena Blavatsky e sediada em Adyar, na Índia. Não obstante, influenciado por seus princípios, seu fundador interpretou essa iniciativa como uma continuidade dos seus estudos, agora ressignificados no contexto sul-americano e especificamente brasileiro, propondo uma leitura própria e localizada dessa corrente filosófico-esotérica.



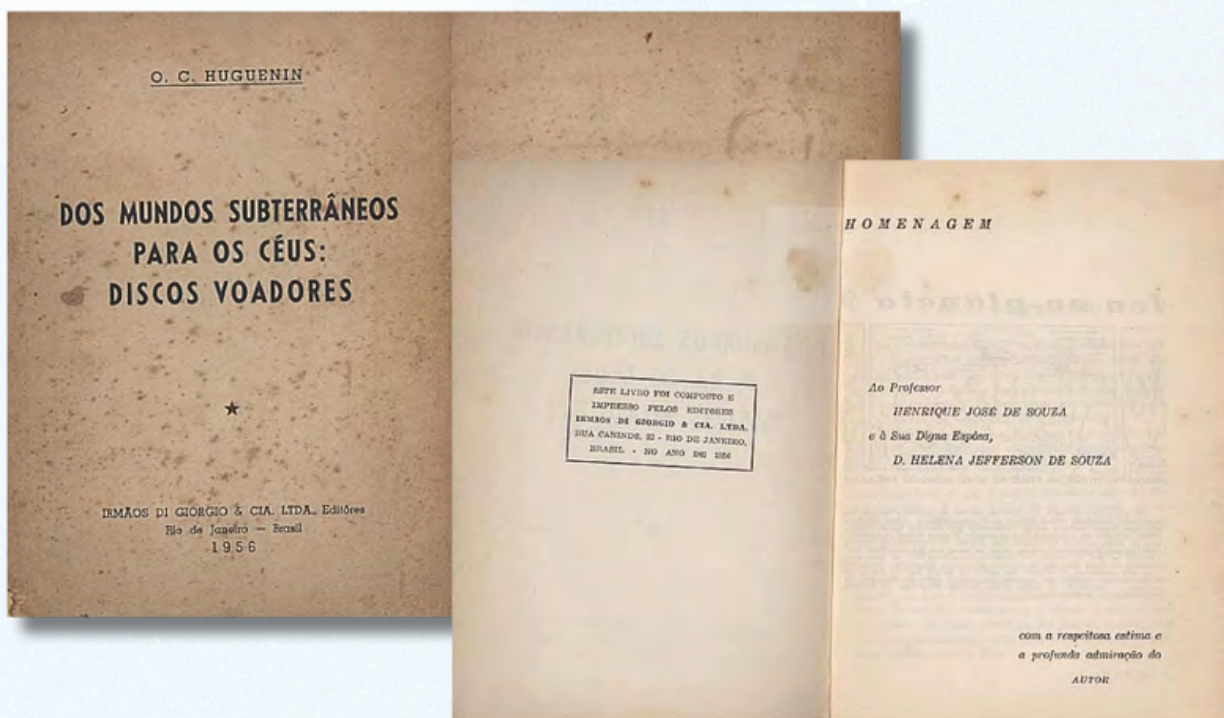
Por outro lado, se comparado com a sociedade teosófica tradicional, a Sociedade Teosófica Brasileira, como era conhecida a Eubiose até 1968, possui visões distintas quanto aos ensinamentos teosóficos. A primeira diferença é percebida quanto à existência de graus de iniciação, algo que não existe na sociedade fundada por Blavatsky que enfatiza o autodesenvolvimento espiritual sem hierarquias. Outra distinção diz respeito à crença da SBE quanto à existência de um mundo subterrâneo e oculto, habitado por seres não humanos, que é chamado de “Agharta”.

Nesse quadro, em 1950, Henrique José de Souza, então presidente da Sociedade Teosófica Brasileira, propôs um novo conceito sobre a Teoria da Terra Oca. Para HJS, na superfície interna da Terra Oca ficaria Agharta, com sua capital em “Shamballah”, da qual estariam emergindo das aberturas nos polos norte e sul seres mais evoluídos que já estariam há algum tempo fazendo contato com nossa civilização. Em função dessa crença, a Sociedade Teosófica Brasileira, na época, construiu, em sua sede de São Lourenço, Minas Gerais, um templo em estilo grego-clássico dedicado a Agharta. Esses ensinamentos, repercutiram em diversos círculos sociais, alcançando diversas personalidades, como por exemplo o cantor Tim Maia que em entrevista ([link na p. 168](#)) destacou a Eubiose como referência principal no estudo desses mistérios esotéricos e mencionou a existência de seres intraterrenos no mundo (Disciplina dos Arcanos, 2013).

Seguindo a tendência, em 1957, o jornalista carioca Orlando Carlomagno Huguenin, discípulo do Professor Henrique, popularizou sua teoria no livro “Dos mundos subterrâneos para o céu: os discos voadores”. Da mesma forma, o alvorecer do movimento da Nova Era na década de 1960 reavivou o interesse pelo assunto, e o livro preferido dos curiosos chamava-se, previsivelmente, “The Hollow Earth” (A Terra Oca), publicado em 1963, escrito pelo Dr. Raymond Bernard, um estudioso esotérico. Esse detalhe reforça como as ideias sobre a Ter



ra Oca atraíam intelectuais de diferentes áreas, conectando ciência alternativa e espiritualidade. A título de curiosidade, as figuras 59 e 60 abaixo mostram a contracapa do livro de Huguenin de 1956, destacando a dedicatória do autor ao Professor Henrique José de Souza, provando que era simpático aos ensinamentos da Sociedade da Eubiose.



Figuras 59 e 60: Foto da contracapa do Livro “Dos mundos subterrâneos para os céus: Discos voadores”, 1956. Fonte: scribd.com, 2023.

Tal referência sobre o assunto não foi desenvolvida por outros movimentos esotéricos, que apenas mencionam *Shamballah* ou Agharta de forma simbólica ou como conceito menos estruturado, diferente da ordem brasileira que tratou esse tema de maneira concreta e detalhada, integrando-o à sua cosmovisão e práticas espirituais. Outra diferença marcante da SBE sobre as demais ordens esotéricas aqui tratadas, como já mencionado, é o forte laço cultural com o terri



tório e o povo brasileiro. Essa diferença, inclusive, é notória em se tratando de outras ordens esotéricas existentes no território nacional. O Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, fundado no Brasil, e a Ordem Rosacruz – AMORC, por exemplo, não têm a crença de que o Brasil seria o despontar de uma nova civilização. A Eubiose, ao contrário, crê nesta tradição, que tem como finalidade preparar o indivíduo para a Era de Aquário, período este, inclusive, que colocaria o Brasil como local sagrado neste aspecto.

A Fundação Cíclica da Eubiose (1899)

A despeito da fundação oficial do grupo ter ocorrido em 1924, a Eubiose desdobra sua trajetória em três momentos singulares, considerados marcos essenciais da tradição esotérica nacional. Assim, conforme os ensinamentos da ordem eubiótica, estes momentos fundamentais compreendem: a Fundação Cíclica da Obra em 24 de junho de 1899, na Ilha de Itaparica, Bahia, a Fundação Espiritual da Obra em 28 de setembro de 1921, em São Lourenço, Minas Gerais e a Fundação Material da Obra em 10 de agosto de 1924, em Niterói, no Rio de Janeiro. Dentre essas três, a ordem detém a crença de que a primeira, a Cíclica, seria um tipo fundação mística, por conta dos eventos que envolveram a data.

Nesse sentido, a fundação cíclica é considerada pelos eubióticos como o marco inaugural da sociedade, sendo a primeira fundação da sociedade da Eubiose do ponto de vista tradicional. Essa perspectiva se fundamenta num evento, já aludido anteriormente (p. 87), envolvendo HJS e Helena Neves na Ilha de Itaparica, local onde, em fevereiro de 1899, chegava em Salvador uma companhia teatral vinda de Goa, Estado no Oeste da Índia. Esse grupo era composto por jo



vens artistas que, nas diversas cidades por onde passavam, representavam cenas da “mitologia ocidental”, nas quais se destacava uma jovem de nome Helena (Carmem Roldan era o seu nome artístico). (Vidal, 1992, apud Archanjo, 2018, p. 135). Marcelo Vidaurre Archanjo descreve assim este momento:

Henrique, então com 15 anos de idade, fez amizade com o elenco e passou a frequentar os ensaios da companhia teatral que aconteciam no teatro de propriedade de seu pai. Certo dia o ator principal faltou ao ensaio e Henrique substituiu-o. Este acontecimento aproximou-o de Helena. Os dois foram passear em Ilhota (uma praia localizada na Ilha de Itaparica), onde morava o avô de Henrique. O passeio dos jovens resultou em um encontro amoroso, denominado pelos membros da associação como fundação cíclica ou histórica da obra do eterno na face da terra (24 de junho de 1899)”. (Archanjo, 2018, p. 135).

Conforme acreditava seu fundador, naquela ocasião era dado o pontapé inicial para a criação do movimento eubiótico, os eventos posteriores seriam todos consequências daquele 24 de junho de 1899, motivo pelo qual é chamada de fundação cíclica. Uma das razões para a valorização dessa data e do encontro de Henrique e Helena, foi que, ao visitar Itaparica, Helena justificava sua vinda para o país como uma missão divina revelada junto com H.J.S. Dessa forma, relata Archanjo que os mesmos:

Realizaram a fundação cíclica da obra, à guisa da formação da 1ª Veste do Buda do Ciclo, denominada de Dharmakaya. Ela, então, revelou-lhe que o verdadeiro motivo de sua vinda ao Brasil era encontrá-lo e falou-lhe da missão que ambos deveriam realizar. De volta a Salvador, ele decidiu acompanhá-la a Portugal, de onde deveriam seguir viagem até o Norte da Índia e de lá, para Agartha, (Vidal, 1992, apud Archanjo, 1992, p. 9).

Seguindo a sua missão mais adiante, HJS, já sem Helena, migraria para outros países, entre eles a Índia, a fim de adquirir conhecimentos específicos, com percurso que chegaria até a cidade da Cachemira, passando também por diversas cidades locais como Allahabad, Delhi, Simllah e Leh, alcançando depois



Srinagar, trajetória esta feita durante o mês de setembro de 1899. A narrativa dessa viagem à Índia, para alguns membros da Associação, é envolta de mistérios, dado o caráter esotérico, mas, para os eubiotas, o fato de ela ter “realmente acontecido” não é algo que coloque em dúvida os simbolismos enquanto uma “viagem iniciática”. Para os membros da SBE, estes acontecimentos constituem sua História, a de Henrique e da Associação e, para eles, ser recheada com eventos considerados enigmáticos e misteriosos é algo que agrega valor aos acontecimentos (Archanjo, 2018, p. 138).

Para os membros da ordem eubiótica, há da mesma forma, um evento considerado místico, em que HJS teria feito viagens a mundos sobrenaturais, considerado possível na crença da Eubiose, pois, de acordo com seus adeptos, eles acreditam que o professor Henrique José de Souza mantinha contato com seres sobrenaturais, fator este que fomentou, também, a construção da base e do pensamento da sociedade. Segundo Marcelo Vidaurre Archanjo,

É atribuída a Henrique a capacidade de estabelecer e manter contato com o sobrenatural, com o mundo espiritual, com os “mundos interiores” (termo utilizado pelo grupo). De fato, a atribuição e a capacidade de estabelecer e de manter os vínculos entre esses dois mundos: o “material” e o “espiritual”, o “aqui e agora” e o “além”, a “face da terra” e os “mundos subterrâneos” é o que sempre fundamentou e sustentou a posição singular de Henrique na associação”. (Archanjo, 2018, p. 141).

Nesse sentido Henrique personificava o arquétipo de um mestre esotérico e sua liderança não apenas fomentou o desenvolvimento de uma rede de discípulos no Brasil, mas também integrou forte representação cultural, e uma identidade singular dentro do campo da tradição do Esoterismo Ocidental. Na crença da ordem, HJS seria um dos avatares desses mundos que estaria no planeta Terra. O termo avatar, por sinal, é uma manifestação corporal de um ser imortal. Krishna



é um exemplo clássico do conceito de avatar como uma encarnação de um ser que, no Hinduísmo, veio para transformar e guiar a humanidade. Sua figura também transcende o conceito de um avatar comum, ao ser venerado na Índia por muitos como um deus supremo.

Ademais, elementos da Fundação Cíclica da ordem são reverenciados em rituais e cerimônias da Eubiose, como, por exemplo, o conhecido “Ritual da Fogueira”. A figura 62 abaixo mostra o Ritual sendo realizado no departamento de Recife/PE.



Figura 61: Estátua de Shree Krishna no Templo Sri Mariamman, Singapura. Fonte: Wikipedia, 2020.



Figura 62: Ritual da Fogueira no Departamento da Eubiose na cidade do Recife/PE. Fonte: Dpto Local, 2022.

Além disso, no histórico de sua fundação, a tradição mística se destaca também no hinário “O Alvorecer do Novo Ciclo” e no trecho da famosa saudação “Salve o dia 24 de junho de todos os tempos!”, de Henrique José de Souza, nos quais são destacados os elementos que simbolizam a identidade e os valores espirituais da Sociedade Brasileira, com expressões que revelam a sua essência, a conexão profunda entre o espiritual e o cultural, exaltando tanto a renovação mística quanto a valorização das tradições na



cionais, integrando espiritualidade e patriotismo. Esses elementos reforçam a proposta única da ordem de unir o esoterismo universal à identidade cultural do Brasil.

No mesmo sentido, levando-se em conta o aspecto cultural da tradição, presente nas correntes esotéricas, podemos estabelecer um paralelo do comentário que Diego Chaves faz a respeito da AMORC, com respeito à Eubiose, especialmente nos eventos iniciais de sua fundação. Chaves utilizou o termo “invenção das tradições”, associado ao historiador Eric Hobsbawm, que se refere a práticas simbólicas projetadas e sustentadas no passado, mas que foram cuidadosamente reinventadas para se adequarem às necessidades específicas do presente, legitimando sua autoridade na construção das tradições, como continuação de cada passado histórico respectivo. Nesse sentido, se referindo às origens da Ordem Rosacruz, Chaves pontuou:

Entendendo a AMORC pela ótica da tradição inventada e analisando a sua trajetória durante a nova era, identificamos que este elemento em fazer referência a sua origem antiga, apesar de compor um elemento histórico e mítico da tradição rosacruz, por outro lado, foi utilizado não apenas como uma auto apresentação que a AMORC fazia de si mesma: tornou-se, ao mesmo tempo, um artifício que foi explorado pela própria AMORC em favor da sua expansão na nova era. É o exemplo do organismo afiliado da AMORC na cidade do Recife, entre 1959-1980, que em meio a esta trajetória na capital pernambucana, notam-se os usos frequentes desta tradição inventada que procurava ratificar a sua origem antiga para o público geral, através de matérias em jornais que tratavam de explicar qual a ligação da AMORC com eventos do antigo Egito. (Chaves, 2020, p.21).

Nesse sentido, esse conceito pode se aplicar à Sociedade Brasileira de Eubiose, pois a mesma também utiliza narrativas míticas e históricas, quando, por exemplo, alude a ligação com o sistema geográfico de Itaparica para legitimar seus ensinamentos e criar uma identidade que conecta o esoterismo universal à



cultura brasileira. O local assinalado exemplifica o conceito de invenção das tradições, porque foi reinterpretado e ressignificado pela Sociedade Brasileira de Eubiose como um espaço sagrado, associado a narrativas espirituais que o vinculam à missão esotérica da instituição. Essa ligação, embora construída, apresenta-se como um elemento contínuo dos ensinamentos da Eubiose e com a geografia simbólica do Brasil. A Ilha de Itaparica dispõe até mesmo de um templo atual da Eubiose, cujos membros costumam visitar para rituais de iniciação, como mostrado na figura 63 abaixo, conhecido como Templo do Obelisco.



Figura 63: Foto do Templo do obelisco na Ilha de Itaparica, Fonte: eubiose.org.br. 2020.

Fundação Espiritual da Obra (28 de setembro de 1921, São Lourenço, MG)

A Fundação Espiritual da ordem é composta de intrigantes narrativas. Uma dessas é um fenômeno ocorrido em 28 de setembro de 1921. Este evento extraordinário, segundo os registros históricos da sociedade, envolve manifestações e experiências místicas que foram testemunhadas por diversos membros presentes na ocasião.



Esses relatos estão contidos na edição trimestral da revista Dhâranâ de junho/julho/agosto de 1927, no artigo “Contribuições para a Futura História da Sociedade Dhâranâ”, artigo este escrito por Antônio Castaño Ferreira, um engenheiro agrícola que, nesse período, tinha sido um colaborador intelectual da Associação Dhâranâ e que organizava diversos cursos sobre a ordem para os associados (Archanjo, 2018, p. 138). Um fato curioso a destacar é que Ferreira era filho do português João Augusto das Neves Ferreira e da espanhola Agostinha Castaño Ferreira, tendo como uma de suas irmãs Helena Jefferson Ferreira, que mais tarde, se casaria com Henrique José de Souza, passando a chamar-se Helena Jefferson de Souza, futura cofundadora da SBE.

Ferreira relatou no artigo vários fenômenos extraordinários que teriam acontecidos com HJS em sua residência, na Rua Martins Pena, nº 3, na Capital da República, Rio de Janeiro na época, na qual foram relatadas, por exemplo, mensagens espirituais noturnas, a aparição repentina de pétalas de rosas sobre o fundador da ordem, como também retratos de Henrique e mensagens encontrados dentro de cristaleiras fechadas a chaves, com estas pelo lado de dentro. Uma das mensagens era de que o casal precisava sair imediatamente da casa onde estavam e se mudar para Niterói, onde ficariam, assim, na Rua Santa Rosa, nº 426. Porém, antes da mudança, teriam que ir para São Lourenço - MG, onde ficariam na Pensão São Benedito, de um senhor chamado Antônio, vulgo “Antoninho”, um comerciante de porcos muito conhecido na região.

No local, foi relatado que se fizeram sentir, já na chegada de HJS, os fenômenos espirituais que o cercavam e que deixavam todos admirados. Em outro evento relatado, enquanto estava recolhendo recibos dos hóspedes, o Sr. Antoninho viu uma grande pedra que tinha recentemente caído sobre a mesa, onde estava HJS sentado, entre as jarras que a ornavam, sem causar dano algum, fato que o fez procurar pelo lado de fora da pensão se tinha sido alguém que tinha atirado o objeto, mas não havia ninguém no lugar.



Assim, os fenômenos tomaram tanta dimensão que o sr. Antoninho começava a atribuir a HJS, visto que nada daquilo acontecera antes. Numa outra ocasião Helena lembrou-se de que não trouxera por esquecimento um objeto importante consigo, porém o mesmo foi logo materializado na frente de todos.

Esses acontecimentos foram descritos por Marcelo Vidaurre Archanjo na Obra “Estudios sobre la história del esoterismo occidental en América Latina”: enfoques, aportes, problemas y debates, na qual é debatido acerca do tema: “O Brasil teosófico-budista na década de 1920 – Considerações a respeito da sociedade Dhâranâ de Henrique José de Souza, o qual expõe trechos da revista Dhâranâ, edição de 1927, como pode ser lido na íntegra na figura 64 abaixo.

N'uma noite estando o dono da casa extraindo recibos dos hospedes e Henrique do outro lado conversando, uma grande pedra cahiu sobre a mesa entre as jarras que a ornavam, sem causar damno algum. Olham assombrados para Henrique, que nessas ocasiões fica um pouco alterado, e incontinenti correm à janela para ver se havia alguém do lado de fora. Ninguém havia allí. A pensão era situada no plateau de um morro afastado do centro da cidade. Tomaram tal vulto os phenomenos, que o dono da pensão affirmou serem elles produzidos por Henrique, porque até então nada de anormal allí succedera. Nessa occasião, um dos hospedes aterrorisado abandonou São Lourenço. Certa vez, após o jantar, Helena lembrou-se de que não trouxera um objecto necessario, que ficara por esquecimento em Martins Penna. O resultado não se fez esperar, pois o objecto foi materializado allí na frente de todos.

Figura 64: Relato de fatos extraordinários em São Lourenço (1921).
Fonte: Marcelo Vidaurre Archanjo, Estudos sobre a história do esoterismo ocidental na América Latina: Enfoques, aportes, problemas y debates, 2018.

Além desses fatos, vários fenômenos espirituais eram atribuídos à infância de HJS, como a capacidade de estabelecer e manter contato com o sobrenatural, com o mundo espiritual, com os “mundos interiores” (termo utilizado pelo grupo), fatos estes que tornava a posição de HJS única na ordem e que fortalecia sua imagem, como de um homem diferenciado.



Segundo Marcelo, existiram outros eventos e narrativas que sustentam a Fundação Espiritual da ordem. O mesmo cita, por exemplo a publicação de uma série de fotografias da terceira visita de Henrique à “Montanha Sagrada”, em São Lourenço, lugar este para o qual Henrique e Helena foram direcionados por seres espirituais, para os orientarem para dar início, à época, à missão em que a Sociedade Teosófica do Brasil, nome que tinha até então, se encontraria empenhada. Assim, pelos diversos acontecimentos sobrenaturais e pelas características transcendentais, os eventos de 1921 em São Lourenço forneceram elementos místicos, como foi na Fundação Cíclica, que fundamentaram tradicionalmente a Fundação Espiritual da Eubiose.

Fundação Material da Obra, 10 de agosto de 1924, Niterói - RJ

Depois de retornar de São Lourenço - MG, Henrique e sua família se mudaram para a cidade de Niterói - RJ. Nesta Capital, ocorreu a terceira das Fundações e a criação jurídica da Associação, denominada e conhecida pelos seus membros como Fundação Material da Obra, a instituição do que viria a ser “Dhâranâ Sociedade Mental Espiritualista”, primeiro nome que teve a Sociedade Esotérica Brasileira.

Apesar do caráter institucional, de forma semelhante são descritas manifestações espirituais, como por exemplo, o jantar na casa de H.J.S, em que um dos convidados, o Tenente C. Colens, ao entrar na residência de Henrique, tinha se deparado com um misterioso ancião sentado em um banco rústico, no jardim que dava para a rua, com um anel brilhante de esmeralda em uma de suas mãos. Esse ancião, conforme relatado pelo tenente, tinha uma aparência de mé



dico. Porém, após esse avistamento, o Tenente Colens narraria subitamente para HJS o caso, o qual, logo em seguida, verificando o fato no local, percebeu que o personagem, misteriosamente teria sumido. Os eubiotas creditaram o fato às manifestações do que eles chamavam de “djins”, excelsos seres reconhecidos na Eubiose como “*Dhyanís*”, seres estes que, segundo os membros, mantinham contato com o professor Henrique.

Além disso, em um dado domingo, na casa do professor, foi relatado um evento envolvendo a filha de Colens, chamada Osiris. A mesma, numa sessão espiritualista, estando em êxtase sob a influência de um espírito de uma sacerdotisa tibetana, teria entregue uma mensagem psicografada para HJS, na qual continha a frase: “é chegado o momento”, aludindo à missão do Professor Henrique na ordem, como mostrado na figura 65 abaixo.

Seguindo a sequência desses acontecimentos, em um determinado domingo, uma vibração singular emanada por Osiris levou Henrique a aproximar-se de uma imagem do Buddha. Naquele momento, relatou-se que o professor JHS foi tomado por um êxtase espiritual semelhante ao anterior, passando a proferir palavras de sabedoria que explicavam tanto o motivo da presença da entidade naquele lugar, quanto o papel que ele, Henrique, desempenharia no mundo. Em seguida, receberia a instrução de estabelecer em Niterói um centro espiritualista, que deveria se nomear Dhâranâ, conforme relatado na revista daquela época.

As demais reuniões foram idênticas, até que, em certo domingo, uma vibração diferente por Osiris, convida com asanas e gestos a Henrique para ir até junto da imagem do Buddha. Ahí chegando, ele é tomado por idêntica vibração e diz palavras de sabedoria, explicando o motivo da vinda das sacerdotizas e do papel que ele, Henrique, ia representar no mundo. Ordenou que se formasse em Niteroy um centro espiritualista cujo nome devia ser Dharana.

A Entidade, ao terminar abençoou aos que allí se achavam e retirou-se.

Figura 65: Relato de fatos extraordinários em São Lourenço (1921). Fonte: Marcelo Vidaurre Archanjo, Estudos sobre a história do esoterismo ocidental na América Latina: Enfoques, aportes, problemas y debates, 2018.



Um fato curioso é que em Niterói a ordem não detinha uma sede própria. A foto abaixo (Figura 66) tirada em 1924 com os primeiros membros e simpatizantes presentes, apesar de ter sido tirada em São Lourenço, local dos acontecimentos narrados anteriormente, é relativa à Fundação Material, iniciada em Niterói. Neste local, logo mais tarde, seria construída a sede da instituição, estando assim até os dias atuais. Na imagem destaca-se a Pensão São Benedito que, tempos depois, foi adquirida pelo grupo para construção do Templo Sede. Na foto também pode-se ver JHS empunhando uma das bandeiras, tendo ao seu lado Helena Jefferson de Souza, sua segunda e última esposa, trajando um vestido branco.



Figura 66: Foto tirada em São Lourenço/Sul de Minas Gerais, 1924. No local foi erguido o atual Templo Sede da Eubiose, em 1928. Atrás a Pensão São Benedito. Fonte: eubiose.org.br, 2024.



Figura 67: Vista aérea da Esplanada dos Ministérios em Brasília-DF. Fonte: flickr.com, 2015.

O Crescimento da Eubiose no Brasil

Neste item, analisa-se a consolidação da ordem eubiótica como movimento esotérico no Brasil. A ordem tem forte relação com o rico misticismo de Brasília, onde há episódios que fazem desse local, tão importante para nós, ter um significado esotérico especial para a ordem. A Capital, segunda a crença eubiótica, detém protagonismo nas mudanças que irão ocorrer a nível planetário, sendo considerada de forma convencional, como a Capital da Era de Aquário.

O misticismo em torno de Brasília já começava em seu projeto moderno, concebido em meados de 1956, quando a cidade começou a ser idealizada como a Futura Capital do país. Na obra "Brasília Secreta: Enigma do Antigo Egito", da Egíptóloga Iara Kern e do Pesquisador Ernani Figueiras Pimentel, são descritos os egípcios como aqueles que consideravam as pirâmides eternas moradas e locais de energia cósmica. Não por acaso, os autores, aludindo a esse fato, suscitaram um provocativo questionamento sobre o Museu JK: " Será coincidência que a forma da eterna morada do presidente Juscelino Kubitschek seja uma estrutura piramidal egípcia? "



Os autores também estabelecem uma analogia com a Pirâmide de degraus de Saqqara, no Egito, que era, segundo a crença dos egípcios, destinada a armazenar energia cósmica e regular a energia vital daqueles que se aproximavam, inclusive para fins medicinais. Não casualmente, em Brasília, há uma pirâmide escalonada, a Pirâmide da CEB - Centrais Elétricas de Brasília, figuras 68 e 69 abaixo, construída para controlar e supervisionar o sistema de energia elétrica da Cidade, coincidentemente nas mesmas dimensões da Pirâmide egípcia citada (Kern e Pimentel, 2000, p. 41).



Figuras 68 e 69: Companhia energética de Brasília em 2016 e Pirâmide de Saqqara, a primeira do Egito antigo. Fonte: gl.globo.com, 2022.

Kern e Pimentel ainda destacam em sua obra, a respeito do traçado de Brasília, que pode ser visto sob o ponto de vista da Numerologia, do Tarô Egípcio e da Cabala Hebraica. Eles explicam, por exemplo, que, na Numerologia, a letra “H” assume dois significados diferentes conforme sua orientação: na posição horizontal, simboliza o homem mortal; na vertical, representa o homem espiritual. Os autores ilustram essa explicação ao analisar, por exemplo, a Rodoviária do Plano Piloto, cujo formato remete à letra “H” na posição horizontal, simbolizando o homem mortal. Já o Congresso Nacional (Figuras 70 e 71, próx pág) apresenta a forma de um “H” na posição vertical, representando o homem espiritual. Além



disso, o Congresso está posicionado entre duas estruturas em forma de concha ou semiesfera, cujos polos apontam em direções verticais opostas, que simbolizam no esoterismo a captação da energia de “cima” e da energia de “baixo” — o mundo espiritual e o terreno —, refletindo, segundo os autores, o conceito de “equilíbrio universal”. (Kern e Pimentel, 2000, p. 48).



Figura 70: Rodovia do Plano Piloto, Brasília, Fonte: wikipedia, 2014.



Figura 71: Congresso Nacional. Fonte: wikipedia, 2006.

De forma intrigante, os autores exploram, também, os aspectos numerológicos associados ao Congresso Nacional, levando-se em conta a quantidade de andares dos edifícios principais, 28 andares cada um. Eles explicam que a soma dos andares de ambos os prédios ($28 + 28 = 56$) está relacionada ao número de arcanos menores do Tarô Egípcio e da Cabala Judaica, simbolizando o ponto de convergência de interesses e vontades. Além disso, o número 56, quando limitado numerologicamente ($5 + 6 = 11$), resulta no número mestre, que na visão cabalística, denota evolução espiritual elevada, significando também grande responsabilidade. Nesse contexto, esse simbolismo está profundamente relacionado às decisões de grande impacto tomadas na Cidade (Kern e Pimentel, 2000, p. 58).



Outro fato interessante é o Memorial JK, construído em homenagem ao Fundador de Brasília, o Presidente Juscelino Kubitschek (Figura 72 abaixo), cuja estrutura apresenta o formato de uma pirâmide. Ressaltam os autores que, assim como nas pirâmides do antigo Egito se guardavam os sarcófagos dos faraós, no memorial, também se guardou o sarcófago de JK, considerado, segundo os espiritualistas e esoteristas, a reencarnação do Faraó Akhenaton da XVIII Dinastia do Egito Antigo.



Figura 72: Memorial JK. Fonte: Wikipedia, 2009.

Paralelos extraordinários entrelaçaram as biografias de Akhenaton e Juscelino. Ambos edificaram cidades-capitais em um interstício de quatro anos - Akhetaton como centro de transição político e religiosa na região do antigo Egito; Brasília, por seu turno, como marco de transformação social brasileira. As semelhanças vão mais além, conforme os autores, pois os dois não tiveram filhos varões e, após a inauguração de suas cidades, viveram apenas 16 anos, findando suas trajetórias com mortes igualmente violentas (Kern & Pimentel, 2000, p. 64).



Segundo creem os eubiotas, Juscelino veio para consolidar aquilo que Akhenaton se destinou a fazer em sua época, o intuito de “construir para o futuro” e que Brasília representaria o que a cidade de Akhetaton deveria ter representado para aquele tempo. Por isso, como acreditam seus membros, Juscelino era a reencarnação de Akhenaton; um predecessor do ideal do futuro da humanidade.

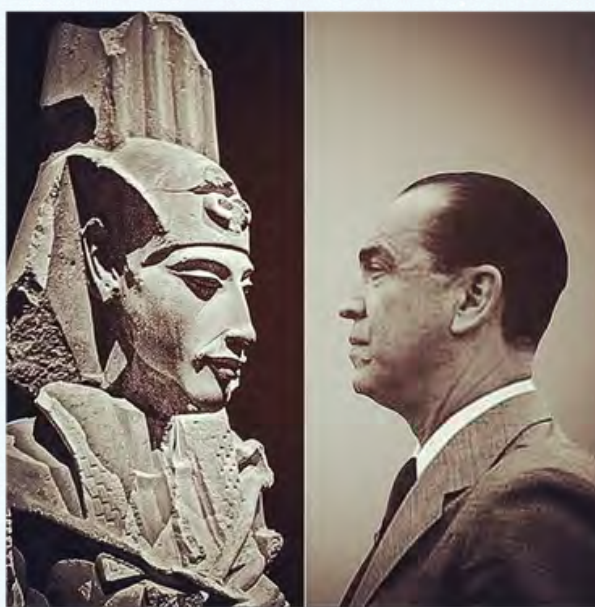


Figura 73: Busto de Akhenaton, oriundo da XVIII Dinastia Egípcia e JK, como sua reencarnação, conforme atribuem os eubiotas. Fonte: recantodoescritor.com.br, 2021.

Nesse sentido, a Sociedade Brasileira de Eubiose também desempenha um papel significativo nesse legado, interpretando a criação de Brasília como um marco espiritual e um componente de um plano maior de evolução do país e, conseqüentemente do mundo. A organização entende a Fundação da Capital como parte de um projeto transcendental, no qual a localização geográfica, o traçado urbanístico e os princípios que norteiam a cidade, não seriam meras coincidências, mas sim elementos cuidadosamente alinhados com propósitos superiores, refletiam um caminho de renovação espiritual e cultural.



Essa perspectiva encontrou ressonância em estudos acadêmicos, como a tese de doutorado de Pepita de Souza Afiune, intitulada "*Do Paraíso Terrestre à Nova Akhetaton: Misticismo e Política na Construção de Brasília (1955-1990)*". A pesquisadora evocou a contribuição dos irmãos Villas-Boas durante a Marcha para o Oeste, iniciativa de Getúlio Vargas que objetivava desbravar o interior brasileiro e pavimentar o caminho para uma futura capital. Em suas narrativas, destaca-se o reconhecimento de Henrique José de Souza quanto à relevância histórica desse acontecimento para o projeto nacional, bem como mencionado JK como uma figura de destaque.

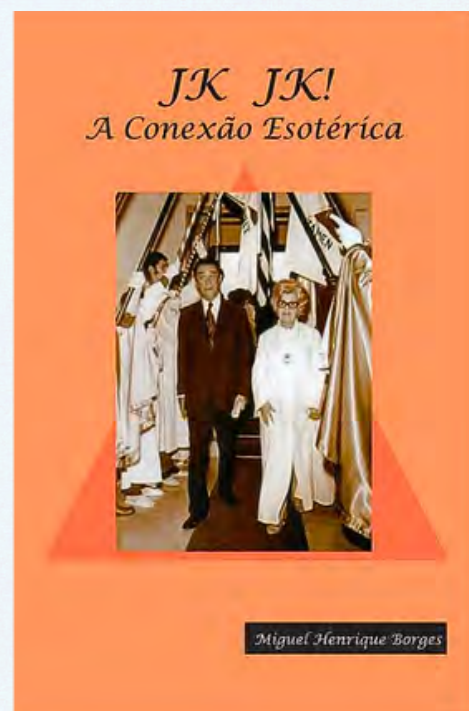
A expedição dos irmãos Villas-Boas em 1945 foi um marco na história da relação entre o Brasil e seus povos indígenas. Ao se adentrarem nas regiões mais remotas do país, incluindo a área destinada à futura Capital Federal, os irmãos estabeleceram um novo paradigma de contato com as comunidades nativas, baseado no respeito e na convivência. Essa iniciativa pioneira não passou despercebida por Henrique José de Souza que enalteceu publicamente a importância dos trabalhos dos Villas-Boas. Interessante salientar que, em reconhecimento à descoberta e com o objetivo de marcar simbolicamente a região, os irmãos Villas-Boas teriam enviado um telegrama ao Presidente JK, curiosamente, propondo a instalação de um marco eubiótico, conforme mencionou Pepita de Souza em seu trabalho (Afiune, 2021, 56). Ainda segundo Afiune, Hélio Jefferson de Souza, filho de HJS, relatou eventos com JK na Sede em São Lourenço, como também participação em alguns rituais na ordem eubiótica, no ano de 1972, fatos estes que comprovam as conexões que JK possuía com a Eubiose (Figura 74 da próxima página)

Ademais, Afiune fez referência a um trecho sobre um desses eventos em São Lourenço, relativo a uma resposta de Hélio Jefferson ao Jornalista Miguel Henrique Borges, autor do Livro "JK JK! A Conexão Esotérica", entrevista esta que demonstrava o misticismo de JK. Na entrevista Hélio relatou que JK, ministrando



uma palestra na Sede da Eubiose proferia palavras de preocupação com a sua situação política e a sua certeza de que realizara ações espirituais em prol do Brasil, destacando Brasília como Civilização do Terceiro milênio:

Eu me sinto, neste momento, profundamente emocionado, porque vejo em torno de mim homens, mulheres e crianças que me saúdam com um afeto especial, afeto que tem se transformado numa verdadeira proteção contra os temporais que me assaltaram neste mundo e na minha vida pública. [...] erguemos a cidade que vai ser a sede espiritual da civilização no Terceiro Milênio”. “Considero-me feliz porque pude realizar, em vida, profecia de um Santo, feita em 1882, na qual se afirmava que, na terceira geração, surgiria naquele Planalto, entre os paralelos onde justamente se encontra Brasília, a cidade que viria a ser a capital do mundo latino no Terceiro Milênio. (Afiune, 2021, p. 190).



Figuras 74 e 75: Juscelino Kubitschek e Helena Jefferson de Souza em ritual no Templo da Eubiose de São Lourenço em 1972 e ao lado na capa da revista JK! JK! A Conexão Esotérica. Fonte: Ed. Dhâraná , 2002.

A admiração e reverência por Juscelino Kubitschek era tanta que, em 1960, o mesmo recebeu da Sociedade Teosófica do Brasil, na época, a mais alta honraria, a Comenda e Grã-Cruz da Ordem do Santo Graal, na ocasião, presenteado pelo Diretor da Sociedade Teosófica Brasileira, no período, Dr. César do Rego Montei-



ro Filho, em uma cerimônia realizada no Palácio Guanabara, conforme está registrado na Figura 76 abaixo.



Figura 76: Foto do Dr. César do Rego Monteiro Filho, então Presidente da STB, condecorando JK. (SBE, 1963). Fonte: eubiose.org.br, s.d.

Além disso, de acordo com a crença da ordem, de tempos em tempos, existe um foco de evolução no mundo, que muda de uma região para outra. No atual momento, este foco estaria no Brasil, especificamente no seu centro, como irradiador de vida espiritual no Planalto Central brasileiro, crença esta que fez o local ter recebido a bênção apostólica do Papa Pio XII através de Dom Armando Lombardi, embaixador do Vaticano no Brasil, que, na época de sua visita, disse para a senhora Sara Kubitschek: “Na certeza de que a Igreja Nossa Senhora de Fátima, de Brasília, será o centro irradiador de intensa vida cristã, concedemos a Vossa Excelência e demais pessoas presentes nossa bênção apostólica” (Silva, 1971, p. 117 apud Afione, 2021).



A ordem preconiza que o importante destaque para a localidade era o fato de que essa irradiação mística partia de um movimento que vinha do oriente para ocidente, a fim de impulsionar a Capital em um futuro próximo, cujo objetivo seria difundir a paz e protagonizar um novo ciclo sobre as suas ruínas materiais (Trombelli, s/d, p. 173 apud Afiune, 2021).

Interessante destacar que, sob uma perspectiva esotérica, a ordem brasileira elabora uma interpretação numerológica sobre Brasília, destacando o significado místico dos dados de sua fundação não casual, em 21 de abril de 1960. Pela numerologia e significado esotérico-teosófico, os dados resultam em 23 ($21 + 4 + 1960 = 1985$, com redução: $1 + 9 + 8 + 5 = 23$), coincidentemente relacionado ao primeiro arcano menor, que no Tarô define o trabalho, a constância e a atividade que evoluem a Terra (Gnosisbrasil, s/d). Esse incidente numérico ganha ainda mais relevância quando se observa que Roma - considerada uma "cidade eterna" - também foi fundada em 21 de abril, no ano 753 aC, como se tal paralelo quisesse sugerir que uma nova capital brasileira também se eternizará para a concretização de seus altos desígnios (Dhâranâ, 1960).

No aspecto geográfico, Afiune discorreu também sobre esclarecimentos que um adepto da Eubiose trazia sobre as questões locais, como Brasília sendo um ponto de intersecção de três polos sagrados (Itaparica, Roncador e São Lourenço). Assim sendo, a confluência desses três sistemas geográficos, faria de Brasília ter uma energia diferenciada, bem como papel, social, político e espiritual de destaque na construção de um país melhor. A Capital Federal, portanto, exerceria papel importante na "orquestração cósmica", ou seja, a busca consciente de promover avanços individuais e coletivos que permitiriam a realização dos valores da Era de Aquário no Centro-Oeste brasileiro, um polo de atração mística. Talvez o fascínio se deva à geografia (região distante dos centros urbanos) ou à fixação de grupos portadores de visões não convencionais, como seitas e movimentos esotéricos (Afiune, 2021, p. 173).



O Planalto Central, região onde se encontra a Capital Federal, para os esoteristas é imbuído por uma espiritualidade ascética. O Conceito de centro para eles é visto como algo sagrado, um lugar de encontros, sínteses e simbioses, como um vórtice com centro que neutraliza as forças contrastantes, visando, ao fim, coordenar e gerar sínteses; um todo coerente. Para os esotéricos, a centralidade acontece espontaneamente na natureza, e, na sociedade humana, isso necessita ser organizado e gerenciado. Nessa questão, o Planalto Central Brasileiro deteria essa força, por ser a Plataforma “Aghartina” da nova Era de Aquário, como creem também os eubióticos (Salvi, 2010, p. 617).

Nesse sentido, o Filósofo perenialista Luis Augusto Weber Salvi explica que um centro geográfico pode ser um núcleo de poder político como Brasília, de poder material como São Paulo ou então um centro de “poder espiritual” como Alto Paraíso, a cidade mais mística do Brasil, localizada no Nordeste de Goiás, região central do Brasil, por isso considerada detentora de grande espiritualidade (Salvi, 2010, p. 618).

Por esse motivo, a região é constantemente visitada e ocupada por vários grupos espiritualistas como igrejas católicas tradicionais, centros budistas, templos de yoga e meditação, movimentos *hãre k̄rysnhã*, templos de ayahuasca e o Vale do Amanhecer (Figura 77 ao lado), um movimento religioso fundado na década de 1960, centrado em torno de um templo mãe localizado no Distrito Federal.



Figura 77: Membros do Vale do Amanhecer, doutrina originada em Brasília. Fonte: terra.com.br/noticias, 2019.



Os esoteristas ainda acreditam que Brasília é a porta de entrada para mundos subterrâneos, crença esta que também está contida nos ensinamentos de Henrique José de Souza, conforme já discursado. Para os adeptos da crença, isso é explicado porque, há profecias que aguardam a vinda dos aghartianos, habitantes das regiões interiores da Terra, quando a humanidade estiver em uma grave crise. Estes povos se deslocarão para locais remotos, que serão portadores do desenvolvimento do mundo. Por isso a criação de muitas cidades nestas regiões, como é o caso de Brasília, que tem se interligado com outros centros urbanos através de linhas telúricas. Esse intercâmbio, que será estabelecido pelos aghartianos, prioriza o acoplamento de culturas, pois acredita-se que o choque cultural é capaz de renovar o homem através da união de elementos opostos, resultando em uma síntese fecunda (Salvi, 2010).

No contexto de Brasília, desse modo, a Sociedade Brasileira de Eubiose encontrou um terreno fértil para expandir sua missão, em razão da singularidade mística local, reconhecida como um centro estratégico de energia espiritual, o que fez a ordem incorporar-se em sua visão, relativa a um Brasil destinado a liderar a renovação espiritual planetária. A partir de sua localização geográfica privilegiada e das simbologias que permeiam sua construção, a Capital se tornou um ponto de convergência de estudos e práticas voltadas à transição para a Nova Era, que se faz até os dias atuais, reforçando ideais de fraternidade universal e evolução da consciência. Dessa forma, Brasília não apenas consolidou sua posição como referência mística, mas também projetou o papel do Brasil no cenário esotérico global, ampliando da mesma forma o alcance e a relevância dos ideais eubióticos.



A Trajetória da Eubiose na cidade do Recife



Fonte das imagens 78, 79 e 80 na lista de figuras

IV

As representações do Esoterismo Ocidental e da Contracultura na cidade do Recife

O Recife, cidade historicamente marcada por suas múltiplas expressões culturais e religiosas, testemunhou durante as décadas de 1960 e 1970 um florescimento singular de correntes esotéricas que transformaram significativamente sua paisagem espiritual. Este período, que o pesquisador Diego Chaves chamou de "um Recife esotérico", coincidiu com o movimento da contracultura e viu a Eubiose estabelecer-se como uma das principais vertentes do esoterismo ocidental na Capital de Pernambuco.

Uma das maneiras como as diferentes ordens esotéricas conseguiram penetrar no tecido social da cidade, foi a utilização estratégica dos principais veículos de comunicação da época - especialmente os jornais de grande circulação - para a divulgação de suas atividades e filosofias. Essa difusão pública ajudava a romper com o tradicionalismo das sociedades iniciadas, permitindo que os recifenses tivessem acesso a conhecimentos e práticas anteriormente restritas a círculos fechados. A presença da Eubiose, em particular, contribuiu para formar um mosaico místico-espiritual único na cidade, onde diferentes correntes do esoterismo ocidental encontraram solo fértil para se desenvolver, atraindo um número significativo de simpatizantes, interessados por novos paradigmas espirituais em um momento de profundas transformações sociais e culturais.

O cenário recifense da década de 1960 também apresentou uma efervescência cultural peculiar, onde o misticismo oriental encontrou ressonância através de uma juventude engajada e transformadora. A cidade respirava as ares da mudança que ocorria no mundo, nas quais a estética psico



délica invadia os anúncios publicitários nos jornais locais. A paisagem sonora das composições deste período caracterizaram-se por letras que entrelaçavam referências da cultura popular nordestina com elementos psicodélicos, criando uma linguagem única que servia como forma de resistência cultural.

A fusão musical do período encontrou sua expressão em trabalhos pioneiros e revolucionários, desde a abordagem tropicalista dos Mutantes até as criações vanguardistas que emergiram da cena pernambucana que, no contexto regional, destacaram-se obras emblemáticas como a colaboração mística-experimental entre Lula Côrtes e Zé Ramalho no disco "Paêbirú", as ousadas explorações sonoras do grupo Ave Sangria e as composições psicodélicas-regionais de Flaviola e O Bando do Sol.

Este caldeirão cultural, entretanto, fervilhava sob a sombra austera do regime militar, que governava o país com mão de ferro através de atos institucionais e um aparato repressivo modificado. Era neste contexto paradoxal - entre a liberdade criativa e o autoritarismo político - que a contracultura pernambucana encontrava seu espaço de expressão e resistência. José Dário dos Santos, citando a estética do Tropicalismo Nordeste destacou:

Pernambuco por sua vez ocupa um espaço importante na profusão dos ideais contraculturais. A cena onde se desenvolveu toda ambientação da contracultura em Pernambuco é tomada pela inserção de elementos de movimentos estéticos e experimentalista que já existiam a nível local. É desse modo que entenderemos as presenças de figuras como Zé Ramalho, Flaviola, Robertinho de Recife e outros integrantes de movimentos anteriores, como o Laboratório de Sons Estranhos ou o Tropicalismo nordestino (Santos, 2019).

O escritor pernambucano que viveu na época, Jomard Muniz de Britto, figura central na contracultura pernambucana, cunhou o termo "Pernambucália", que buscava reinterpretar a cultura local sob uma ótica contemporânea e contestado



ra. A "Pernambucália" simbolizou uma tentativa de subverter as tradições religiosas e regionalistas, como as promovidas pelo Movimento Armorial de Ariano Suassuna, e de conectar a cultura estadual às tendências universais e modernas, como as propostas pelo tropicalismo. O conceito refletia uma busca por um Pernambuco plural e dinâmico, que pudesse abraçar a experimentação artística e dialogar com a contracultura nacional e internacional, rompendo com os paradigmas hegemônicos no âmbito regional.

Interessante é que Jomard Muniz de Britto foi um dos signatários do manifesto tropicalista de 19 de Abril de 1968, intitulado "Por que somos e não somos tropicalistas". Esse documento expressava uma crítica ao "marasmo cultural" da época, atacava o regionalismo tradicionalista e apontava para uma nova perspectiva cultural, alinhada ao experimentalismo. Quando lemos o manifesto de 1968, percebemos traços da cosmovisão contracultural da época em frases como: "o sexo contra os dogmas"; "a radicalidade contra o comodismo"; "recusamos o "comprometimento" com nossos "antigos professores"; porque eles continuam mais "antigos" do que nunca". Percebemos, assim como nos poemas juvenis americanos, uma crítica de toda forma de estabelecimento e de apologia do comportamento anti-establishment e a loucura, a vanguarda, o sexo, a radicalidade como categorias oferecidas de aptidões criativas. A resistência ao tradicionalismo era mostrada, inclusive, nos jornais da época, que da mesma forma não omitiam o período arbitrário em que passava a sociedade local. Nesse sentido Fábio Leonardo Castelo Branco Brito:

Senhoras com laquê no cabelo e senhores engravatados, ambos com convicções tradicionais tão firmes quanto o penteado das senhoras, devem ter ficado atônitos ao ler o Jornal do Commercio de 20 de abril de 1968, num sábado como hoje, há exatos 45 anos. Na página 3, ao lado dos filmes do dia, um título inusitado provocava os leitores de um Recife essencialmente conservador: Porque somos e não somos tropicalistas. Circulava na cidade o primeiro manifesto tropicalista do Brasil contra as repressões e caretices vigentes em um país cercado pela ditadura militar [...] (Brito, 2016).



Naquele contexto, a figura do *Hippie* e da geração “beat” começava a ganhar contornos e começava a ganhar espaço nos meios de comunicação de Pernambuco. Em uma das matérias, como do Diário da Manhã de 08 de abril de 1968, p. 5 (Figura 81 ao lado), por sinal, se destacou o choque entre os discursos entre “o dizer” e o “direito de dizer”. A reportagem destacava que o que era certo para alguns, não era para muitos e essa controvérsia estava evidente no discurso *Hippie* que suscitava os mais diferentes comentários no Brasil, como dizia a matéria. De um lado via-se o discurso entre dois cidadãos da época. Joaquim sabino dos Santos por um lado lamentava que se desse tanta publicidade ao *Hippies*, caracterizados pelo mesmo mero personagens barbudos e cabeludos, além de moças seminuas pintadas dos pés à cabeça que, na visão de Joaquim, contrastava com o intenso progresso científico da época. O mesmo ainda colocava em termos a seguinte indagação: Será que cada um desses Hippies não vê que a sua omissão perante a sociedade significará menos braços produtivos para o bem da própria humanidade que eles clamam defender?

Por outro lado, estava o discurso de Joana Bernardes, uma cidadã de Santa Maria - RS que os ideais e as práticas dos *Hippies* eram modelos a serem seguidos pela juventude do mundo inteiro. Joana enaltecia o movimento como um obstáculo ao mundo corrompido de autoritarismo e guerras e defendia sua visão



Figura 81: Diário da Manhã de 08 de abril de 1968, p. 5. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.



que, segundo ela, estava baseada no paradoxo que o movimento exercia em todos os setores da sociedade, estando patente em livros, correntes, revistas e jornais, que contavam a história baseada numa visão anarquista.

O fenômeno *Underground* era da mesma forma percebido em livros que ocupavam na época os postos de mais lidos e vendidos no país e em Pernambuco, visto que a palavra contracultura era tendência no período. Um desses emblemáticos foi “A Contracultura”, *The making of the counter culture - Reflections on the Technocratic Society and Its Youthful Opposition* (A criação da contracultura - Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e sua oposição jovem), em Inglês (Figuras 82 e 83 abaixo).

No Diário de Pernambuco do dia 7 de maio de 1972, 2º caderno, p. 11 (Figura 84 da pág. seguinte) há uma menção ao livro, cujo autor é Theodore Roszak, um acadêmico e romancista americano que capturou no período o sentimento de vários manifestantes da Guerra do Vietnã, desertores e rebeldes, encontrando um ponto em comum entre os estudantes radicais dos anos 1960 e os hip



Figuras 82 e 83: Livro “A Contracultura” de 1972 da editora vozes e sua versão em inglês de 1970. Fonte: amazon, s.d e abebooks.com, s.d.

pies abandonados na rejeição mútua do que ele chama de tecnocracia — o regime de expertise corporativa e tecnológica que dominava a sociedade industrial. Em sua Obra, ele destaca os fundamentos intelectuais dos dois grupos evidenciados nos escritos libertários de autores como Herbert Marcuse, Norman O. Brown, Allen Ginsberg e Paul Goodman.



A matéria do Diário destacava o livro como “o mais importante lançamento da semana”, destacando que o trabalho excluía os jovens mais conservadores. Para o autor era necessário para os jovens da época menos previdência social e mais religião à antiga (uma alusão às religiões orientais), as quais bastariam para concretizar a Grande Sociedade. Em seu livro Roszak descreve que por mais drasticamente que se desejasse rejeitar a cosmovisão dos “mestres Zen como Buda numa sociedade em

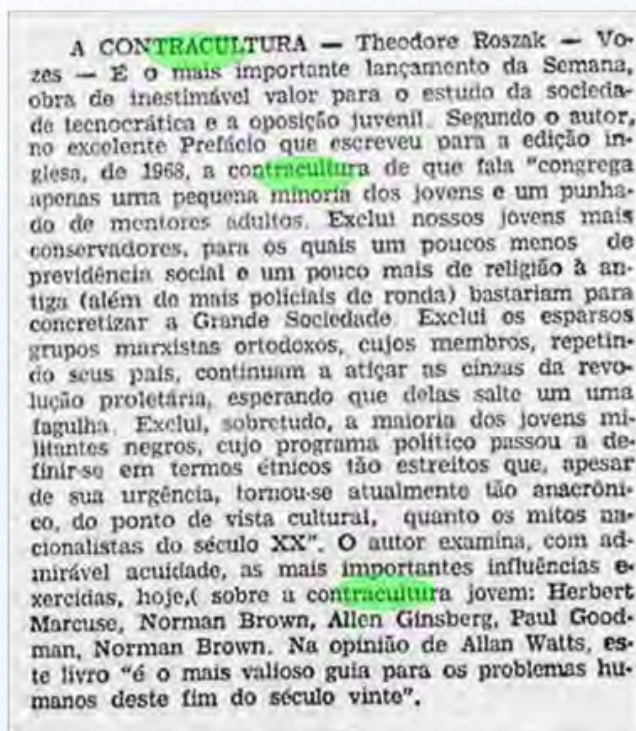


Figura 84: Matéria sobre o Livro “A Contracultura” de Theodore Roszak, DP, 07 de maio de 1972. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.

crescente modernidade, ao mesmo tempo não se podia determinar que os mesmos seriam carentes de intelecto. O autor afirmou, pelo contrário, que tais mestres e suas filosofias não deixavam de frutificar na juventude rebelde e tornou-se um dos traços mais fortes da contracultura, pois, ao contrário da religião estabelecida, eram dotadas de pacífica e de consumada civilidade (Roszak, 1972, p. 54)

Foi nesse cenário de difusão esotérica que se encontrava a cidade de Recife no período, pois já tinham se instalado na cidade do Recife diferentes ordens esotéricas, a exemplo da Sociedade Teosófica, a Antiga e Mística Ordem Rosacruz (AMORC) e, o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, além de práticas transcendentais que já faziam parte do cotidiano dos pernambucanos, pelo menos no quesito divulgação.



A sociedade pernambucana diariamente via conteúdos que remetiam ao assunto esoterismo, seja através de um autor esotérico, seja através de matérias que descortinavam um horizonte antes desconhecido. O Diário de Pernambuco de 1974, por exemplo, edição 00074, era divulgado o Tarô como: “O jogo milenar de adivinhação e profecia, que apaixonou hoje toda a Europa”. Na imagem ao lado (Figura 85 ao lado) é ainda destacada a frase “um baralho com o poder de decifrar os segredos do passado, do presente e do futuro”.

Por outro lado, no Diário de Pernambuco de 16 de junho de 1973, de-se destaque a um importante autor esoterista, Papus, cujo verdadeiro nome seria Gérard Encausse, um médico a quem se atribuiu curas milagrosas, sendo uma figura central no movimento esotérico europeu do final do século XIX e início do século XX. Foi também um dos principais responsáveis pela fundação e estruturação da Ordem Martinista, um movimento místico de caráter cristão que buscava a iluminação interior e a regeneração espiritual, baseada em princípios herméticos e gnósticos, os quais propuseram uma reinterpretação do cristianismo, valorizando o desenvolvimento espiritual individual através de rituais de iniciação.

Na matéria é ainda relatado que o mesmo foi autor de várias obras esotéricas e fazia uso da Cabala, o Tarô, a astrologia e outras formas de ocultismo ocidental. Na sua obra: “Tratado Elementar de Ciências Ocultas”, oferecido e divulgado no período pela Biblioteca Planeta, Papus explicava com detalhes o método analógico do ocultismo. No seu entendimento o homem seria análogo ao Univer-

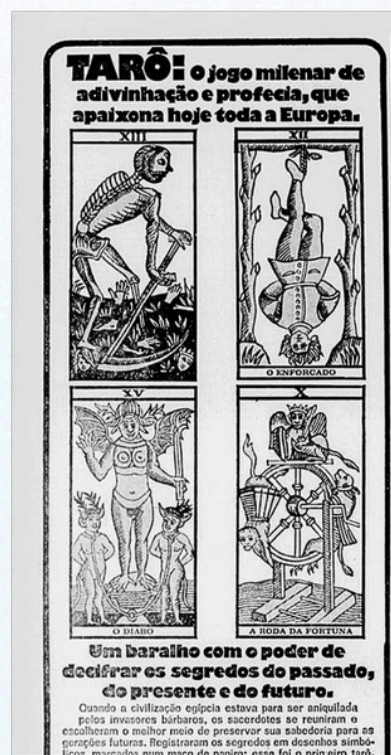


Figura 85: Matéria sobre o Tarô, DP de 1974, edição 00074. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.



so, personificando o microcosmo, ou pequeno mundo e o Universo, o macrocosmo ou grande mundo, por isso se conclui que para bem se conhecer a vida no universo é importante estudar a vida no homem, citando a “Tábua de Esmeralda” de Hermes Trismegistos que destacava a verdade de que “o que está em baixo é como o que está no alto, e o que está no alto é como o que está em baixo, no milagre de uma só coisa”. Papus, segundo a reportagem, fazia frente ao cientificismo na época e se esforçava para provar o mundo mágico por detrás de todo conhecimento humano, ou em outras palavras, para destacar que a ciência moderna e os pilares esotéricos como a cabala, a magia e a astrologia, entre outros, nada mais eram do que campos de conhecimento muito próximos, porém regidos por leis diferentes.

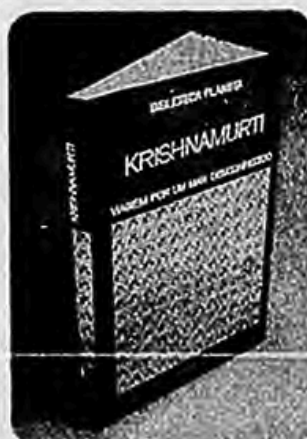


Figura 86: Matéria do DP, 16 de junho de 1973, caderno classificados, p. 6. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.

Corroborando o que se foi exposto, percebeu-se que na mesma época era corriqueiro a divulgação de livros que ensinassem sobre temas como parapsicologia, ciências ocultas, espiritualismo, Teosofia, magia e Teosofia. Essas publicações, mostravam um período marcado por uma forte liberdade religiosa, característica da Nova Era no Estado, a qual gerava um público cada vez mais interessado em conhecimentos alternativos e místicos. O livro de Papus, inclusive, figurava como uma das obras frequentemente anunciadas (Figura 87, próx. pág).



PARAPSIKOLOGIA, ESPIRITUALISMO, CIÊNCIAS OCULTAS, TEOSOFIA, MAGIA BIBLIOTECA PLANETA



KRISHNAMURTI

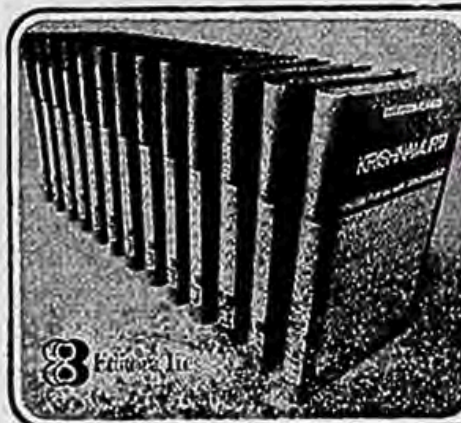


PARACELSO



ALLAN KARDEC

TODA QUINZENA, UM LIVRO NAS BANCAS



BIBLIOTECA PLANETA

- 1 — KRISHNAMURTI: Viagem por um mar desconhecido
- 2 — PARACELSO: A chave da Alquimia
- 3 — ALLAN KARDEC: O Evangelho Segundo o Espiritismo
- 4 — NOSTRADAMUS: Os segredos das Centúrias
- 5 — HELENA PETROVNA BLAVATSKY: A chave da Teosofia
- 6 — PAPUS: Tratado de Ciências Ocultas
- 7 — PAPUS: Tratado de Ciências Ocultas
- 8 — ROSA DE LUNA: O livro que mata a morte
- 9 — BHAGAVAD GITA: Reviravolta Borral
- 10 — SUBMUNDO, MUNDO, SUPRAMUNDO: Visconde de Fiquelero

**UMA COLEÇÃO IMPRESCINDÍVEL
NA SUA ESTANTE.
VOLUMES LUXUOSAMENTE ENCA-
DERNADOS E GRAVADOS A OURO.
APENAS CR\$ 14,00**

Figura 87: Anúncio comercial do DP, 05 de abril de 1973, 1º caderno, p. 5. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.

Na imagem da matéria acima, também é possível ver a divulgação, além da influência de vários autores e filósofos esotéricos no Estado, considerados símbolos do esoterismo ocidental como Jiddu Krishnamurti (1895–1986) e o filósofo renascentista Paracelso. Krishnamurti detinha uma abordagem única sobre questões espirituais, psicológicas e existenciais. Ele rejeitou afiliações a reli



giões organizadas, sistemas filosóficos e práticas tradicionais, enfatizando a liberdade individual, a autoinvestigação e a busca por uma transformação interna sem intermediários, todas essas características da espiritualidade da época, que fazia a sociedade abandonar as igrejas e buscar em outras religiões uma resposta mais direta às suas necessidades (Pereira, 1972, p. 213).

A matéria do Diário de Pernambuco de 29 de maio de 1973 (Figura 88 abaixo), seguindo essa linha de mudança enalteceu a influência da cultura oriental sobre o Ocidente, que há tempos já começava a se adentrar no Brasil. Nas palavras do escritor e professor Murilo Nunes de Azevedo, entrevistado do jornal, que na época lançava o livro de sua autoria “O Olho do Furacão”, obra que trazia um panorama do pensamento do extremo oriente, o mesmo dizia que na transformação social de hoje, o Ocidente e Oriente eram simples nomes que seriam destruídos no mundo moderno global e ressaltava que a revolta dos jovens, a contracultura e os *Hippies* eram sinais de uma verdadeira renascença do espírito humano que se vivia.

Mestre falará sobre a cultura oriental

Uma entrevista feita com Dalai Lama, em 1966, para alguns órgãos de comunicação social do Brasil, aproveitando uma viagem de estudos à Índia e Japão, levou o professor e escritor Murilo Nunes de Azevedo ao estudo da cultura oriental que, no seu entender, ainda é um assunto pouco conhecido entre nós, devido à nossa formação greco-romana.

O professor Murilo Nunes chegou ontem ao Recife para pronunciar conferência hoje, às 20,00 horas na Universidade Católica de Pernambuco, oportunidade em que fará o lançamento do seu livro “O Olho do Furacão” (Um Panorama do Pensamento do Extremo Oriente), editado pela Editora Civilização Brasileira. Trata-se da primeira obra em literatura portuguesa, abordando esse tema.

— Na transformação social de hoje — acrescentou — o Ocidente e Oriente são simples nomes que serão destruídos no mundo global que se aproxima — a revolta dos jovens, a contracultura, os “hippies”, são sinais dessa verdadeira renascença do espírito humano que estamos vivendo. O interesse despertado pelo Oriente no Ocidente é de tal ordem que já em vários países europeus existem comunidades budistas para ocidentais. E são inúmeras as universidades que já possuem departamentos especializados nessa área. O movimento editorial é intenso. E, entre nós, o interesse despertado por esses temas é enorme. Um exemplo é a extraordinária difusão da obra de Herman Hesse, cujo romance “Sidarta” já se encontra na 10.ª edição.

Figura 88: Matéria DP de 29 de maio de 1973, primeiro caderno, p. 1. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.



Mais uma vez o Jornal Diário de Pernambuco de 28 de julho de 1973 (Figura 89 ao lado), sob o Título “Volta à magia”, destacava o cenário espiritualista em que se encontrava o Estado, como na cidade do Recife. Foi descrito na matéria que cada vez mais as pessoas pareciam estar procurando práticas mágicas. A imprensa da época enfatizava, segundo a reportagem, a crescente mania pelas ciências ocultas, como astrologia e a quiromancia.

A matéria ainda descrevia que a magia, relegada durante séculos como superstição primitiva, revelava seu fascínio por diferentes classes sociais. A contracultura foi usada como expressão análoga à falta de explicação racional e como um meio de caminho fora do tradicionalismo ainda vigente em várias camadas daquela sociedade.

Ademais, um dos maiores símbolos do Esoterismo Ocidental estava estampado quase que totalmente em uma única folha do Diário de Pernambuco de 12 de janeiro de 1973. A “Era de Aquário” era o assunto principal que passava a ser de conhecimento da sociedade pernambucana daquela década, marcada de expectativa por mudanças. A própria reportagem trazia em si um forte apelo ao novo e uma perspectiva de que algo aconteceria para justificar que o mundo estaria prestes a virar uma página de décadas que estavam marcadas por desca

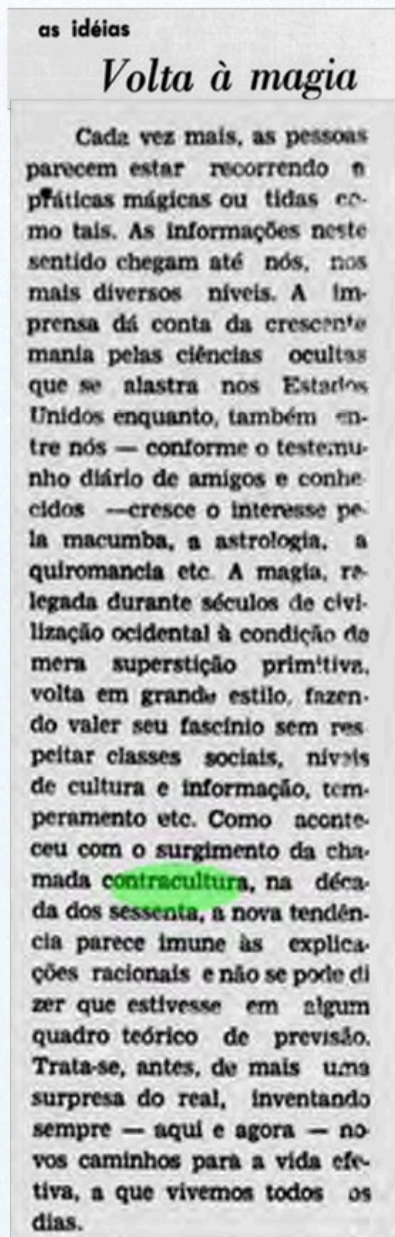


Figura 89: Matéria DP, 28 de julho de 1973, p. 6. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.



dos predecessores da própria humanidade. Assim, a matéria enaltecia que aquela sociedade estava se dirigindo para uma nova era de felicidade, conforme a imagem abaixo (Figura 90 abaixo).



Figura 90: Matéria de 12 de janeiro de 1973.
Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.

A Era de Aquário, um dos símbolos mais poderosos e influentes do pensamento esotérico moderno, estaria prestes a emergir, marcando uma transição cósmica significativa quando, em 1975, o Sol deixaria a Era de Peixes após 2.150 anos de influência, segundo ensinamentos da entrevistada na época, Paola Pacífico, e que havia fundado em Milão na Itália o Centro Era de Aquário e mostra-



va devido à dimensão que tomava o assunto, que não existia barreiras territoriais para que a filosofia aquariana penetrasse nas mentes de cada pessoa daquela sociedade, tendo os jornais locais o papel do rompimento desses limites, mostravamndo, por suas publicações, quais eram os assuntos que recebiam mais importância naquele período, entre eles a Era Aquariana, que nas palavras da fundadora do centro holístico representava o fluir da “harmonia universal”.

Naquele contexto de efervescência espiritual e busca por novos paradigmas de vida, a matéria ainda destacava, que o espaço localizada em Milão tinha um espaço dedicado ao desenvolvimento holístico que integrava diversas práticas alternativas, entre elas a Macrobiótica, uma filosofia alimentar oriental que buscava uma harmonia com os ciclos naturais, refletindo perfeitamente os ideais da Nova Era que se iniciava: a integração entre corpo e espírito, a sabedoria oriental e ocidental, e a busca por um modo de vida mais consciente e equilibrado. O movimento da Era de Aquário, portanto, representou muito mais que uma simples mudança astrológica - foi um momento de profunda transformação cultural que influenciou diversos aspectos da vida de várias sociedades no mundo, entre elas a pernambucana.

O início da trajetória em Recife

O cenário de forte propagação do esoterismo ocidental fomentou o caminho para que, na cidade do Recife, o Departamento da Sociedade Brasileira de Eubiose fosse fundado em 1954, com o nome de “Instituto Cultural Aquários”. A documentação histórica que atesta esse fato é um boletim informativo interno, publicado em uma revista semestral para os membros da ordem, chamada Dhâ



ranã – cujas edições podem ser encontradas nos acervos dos departamentos e virtualmente no site do grupo. A Figura 91 abaixo mostra o boletim que informava aos membros daquele ano a fundação de um novo departamento no Recife.

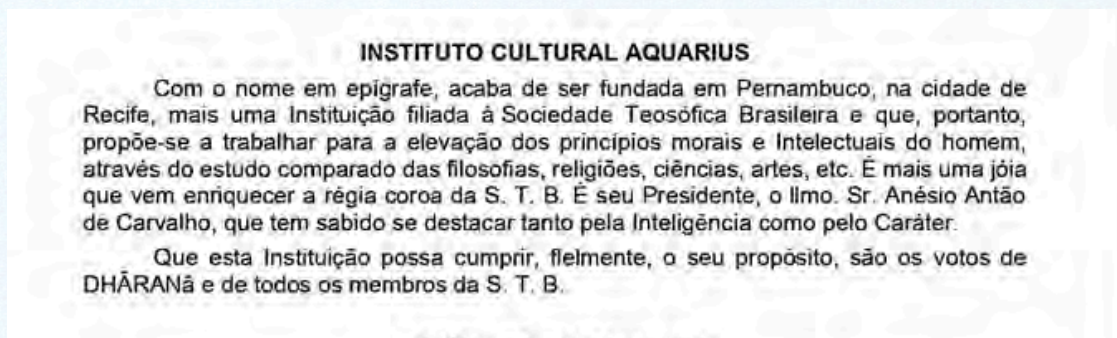


Figura 91: Boletim da Fundação da Eubiose no Recife. Dhâranã nº 03 – julho - agosto de 1954 – Ano XXIX p. 10. Fonte: comunidadeurgicaportuguesa.wordpress.com, s.d.

Como o próprio boletim acima destaca, segundo seus ensinamentos, a Eubiose difunde o ensinamento e conseqüentemente a busca do viver em perfeita harmonia com as leis universais. Em outras palavras, é a ciência da vida, cujos termos significam destacam o processo de bem viver consigo e com todo o universo como natureza viva considerada. Seu significado, embora abrangente, relaciona-se com o processo de evolução humana. Importa destacar também que o instituto era ligado às Sociedade Teosófica Brasileira, nome este, que ainda detinha a ordem, visto que só em 1969, a STB passou a ser chamada Sociedade Brasileira de Eubiose, fato este que fica evidenciado principalmente pela data a que alude ao documento, sendo este de 1954, segundo a revista oficial da ordem.

Com trajetória na cidade do Recife iniciada em 1954, a ordem da eubiose percorreu diversos locais, marcando sua presença em pontos históricos e significativos da capital pernambucana. Ao longo dos anos, deslocou sua sede por diversos endereços, começando pela Rua do Hospício, onde ocupava espaço no



tradicional edifício Yeda (Figuras 92 e 93 abaixo), local que testemunhou as reuniões iniciais e estudos do grupo. Posteriormente, distribuiu-se na Rua São Gonçalo e na Rua da Glória, pontos que desenvolveram para as consolidações de sua presença na cidade, até finalmente fixar-se no endereço atual, Rua do Sossego, nº 101, no histórico e culturalmente rico Bairro da Boa Vista (Figura 95 abaixo).



Figura 94. Foto do Departamento de Eubiose, localizado na Rua do Sossego, nº 101, ano 2024. Fonte: Dpto local, 2023.



Figuras 92 e 93 acima Uma das sedes anteriores da Eubiose, o Edifício Ieda. Fonte: Dpto local, 2023.

Ademais, importante frisar o fato de que, como o próprio boletim acima destacou, já no momento de sua fundação, o Instituto Cultural Aquarius deixava transparecer seus profundos laços com os preceitos teosóficos. Naquela ocasião, a Eubiose, Sociedade Teosófica Brasileira na época, fez questão de enfatizar essa conexão estreita, ressaltando o trabalho do grupo para elevação dos princípios morais e intelectuais do homem, através das filosofias, religiões, ciências e das ar



tes, fato este também que constitui base para se buscar e absorver os princípios da filosofia espiritualista instituída por Helena Blavatsky.

Uma das figuras mais importantes da história do Departamento em Recife foi Antônio Leolino Silva (Figura 95, abaixo), nascido em Propriá, Sergipe, em 08 de julho de 1928. Era formado em Geografia e História. Em sua cidade natal, trabalhou como locutor na Rádio Difusora de Sergipe.

Em 1954, Leolino iniciou sua trajetória na Capital Pernambucana, quando se comprometeu na instalação da Casa Capitular “Instituto Cultural Aquarius” na cidade. O Instituto de estudos teosóficos, aplicados ao cenário brasileiro, detinha a presidência na época através de Anésio Antão de Carvalho e se consta na história do Departamento que, com frequência, Carvalho saía do Rio de Janeiro acompanhado de Leolino, com destino à Cidade do Recife, a fim de trabalhar na implantação do futuro departamento.

No mesmo sentido, habitualmente, Leolino acompanhava o Presidente em suas idas e vindas entre Sergipe, Recife e o Rio de Janeiro, perfazendo esse trajeto até o ano de 1959, quando foram concluídas as obras do Instituto Aquarius. Nesse mesmo ano, a pedido do professor Henri Henrique José de Souza, Antônio Leolino fixou estadia em Recife para dar continuidade aos trabalhos da ordem eubiótica, mostrando assim seu destaque e reconhecimento pelo próprio fundador da STB.



Figura 95: Foto de Antonio Leolino (esquerda da foto), início dos anos 1960. Fonte Biblioteca do Dpto local



No Departamento local, inclusive, há um destacado registro feito em 1959, uma carta de recomendação, na qual era concedido por HJS distintas homenagens para membros considerados importantes. Nela era relatado a respeito de considerados trabalhos dedicados à instituição. Numa dessas cartas Henrique José de Souza teceu importante elogio ao esforço exercido por Antônio Leolino na tarefa de tornar realidade algo que existia no coração do fundador da STB: difundir os ensinamentos da Eubiose por todo o território brasileiro, conforme se lê:

“Cr. 1959 - p. 387: “Ainda ontem, um membro correspondente da STB, filho de Sergipe, veio visitar-me. E disse que ‘eu vivia em seu coração, donde jamais sairia.’ Agora, depois de o conhecer, digo a mesma coisa, porque sei que vai trabalhar muito por nossa Obra. E ele disse que a Rádio Sergipe, do mesmo modo que um jornal daquele lugar, estavam às nossas ordens. Pelo que se vê vamos tomando conta do Brasil”. (Registro feito por Cristina Souza ex-membro, Depto, Recife-PE, 1959).

Este registro, feito por Cristina Souza, então ex-membro do Departamento em Recife-PE, em 1959, não apenas refletiu o reconhecimento da dedicação de Leolino, mas também evidenciou sua habilidade em mobilizar recursos e apoios importantes para a causa. Sua atuação, por sinal, assegurou o envolvimento de veículos de comunicação influentes, como a Rádio Sergipe e um jornal local respectivo, o que serviu de apoio para uma ampla divulgação da missão da STB no período e que, certamente, contribuiu significativamente para a expansão e fortalecimento da obra na Capital Pernambucana. O irmão Antônio Leolino Silva, como era chamado, não teve filhos e tampouco se casou, vivendo em prol dos trabalhos da ordem na Capital, e, ainda, trabalhou da mesma forma na implantação da STB (SBE) na cidade de Aracajú, no Estado de Sergipe.



Figuras 96 e 97 Fotos ilustrativas dos jornais Diário da Manhã e Diário de Pernambuco. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.

As Representações da Eubiose no Recife

A Eubiose, embora tenha sido fundada em 1954 no Recife, encontramos as menções na mídia referentes ao grupo somente a partir da década de 70, o que torna evidente o contexto de rompimento em que vivia a sociedade local. As matérias que retratam a Eubiose são dos jornais Diário de Pernambuco e o Diário da Manhã, além de documentações internas do grupo que aludem à influência na Capital Pernambucana, expondo sua trajetória e respectivas atividades desenvolvidas, a frequência com que eram realizadas, os locais que a Eubiose utilizava, as personalidades em evidência que faziam parte e demais fatos que mostram como esse grupo se desenvolveu na Capital.

A Eubiose, como uma sociedade esotérica, tem como uma de suas funções preparar o homem para a “Era Aquariana”, a qual, segundo os esotéricos, propiciará à maioria dos seres humanos a descoberta da verdadeira vivência e plenitude espiritual e que resultará no advento de uma nova raça, a qual, para os eubiotas, terá vez no Brasil. Em matéria do Diário de Pernambuco de 12 de outubro de 1972, terceiro caderno, p. 12 (Figura 98 pág. seguinte), essa função foi exposta para a população local, isso mostrava que, desde a década de 70, recru



desciam os ensinamentos esotéricos no Brasil e, especificamente, no Estado de Pernambuco. Para isso, a sociedade eubiótica realizava palestras com o intuito de divulgar seus ensinamentos em lugares muitas vezes cedidos, como restaurantes e associações, como se constata no trecho do noticiário abaixo: uma palestra no salão nobre da Associação dos Exatores de Pernambuco.

No mesmo sentido, verificou-se também reportagens do Jornal Diário de Pernambuco, nas quais há a menção ao já citado Jornalista e contribuidor da fundação da ordem na capital, Antônio Leolino, o qual, pela data da matéria, ou seja há 26 anos, trabalhava em prol da causa eubiótica, difundindo seus ensinamentos e mostrando sua importância no Departamento local. Nas

SOCIEDADE DE EUBIOSE
A Sociedade Brasileira de Eubiose, com sede na cidade mineira de São Lourenço, tem um de seus associados realizando palestras, aos domingos, às 16 horas, no salão nobre da Associação dos Exatores de Pernambuco, gentilmente cedido pela sua diretoria, sob o tema «A Eubiose ou Ciência da Vida». Segundo explica o conferencista, a «Eubiose», também denominada «Ciência Inicial das Idades», é aquela que ensina os meios de se viver em harmonia com as leis Universais, por isso mesmo raiz do Supremo Conhecimento. A Sociedade Brasileira de Eubiose tem como principal finalidade preparar o homem para o advento da nova raça na «era de Aquários», e o vem fazendo desde longos anos.

Figura 98: Matéria do Diário de Pernambuco de 12 de outubro de 1972, terceiro caderno, p. 12. fonte Hemeroteca Digital, s.d.

matérias do Diário de Pernambuco, edições de 13 e 21 de maio de 1980 respectivamente (Figuras 99 e 100 da próxima página) é destacado o papel e os ensinamentos de HJS na ordem, mencionada como “Ciência de integração do homem com o “Todo Universal”, equilibrando o sistema cósmico-humano evolucionar, finalidade da Eubiose.

Essa ideia é fundamentada na crença de que o universo é regido por leis universais que refletem a unidade do Todo. Na perspectiva eubiota, o ser humano é uma expressão limitada dessa unidade maior, mas, ao mesmo tempo, contém dentro de si o potencial para compreender e se integrar ao infinito. Assim, o finito (o indivíduo, a vida física) é uma projeção ou manifestação temporária do infinito, ou vida espiritual. Percebe-se também numa dessas reportagens que o Departamento local servia-se das palestras como uma oportunidade para divulga



ção de futuros cursos para aqueles que viessem a ter interesse em virtude das exposições.

Jornalista explica a importância da Eubiose

"Eubiose", a Ciência das Idades é o tema central de uma série de palestras que começarão a ser proferidas e prosseguirão nas sextas-feiras, às 20 horas, na Rua 24 de Maio, 74, primeiro andar, sede do restaurante "A Macrobiótica".

Segundo o divulgador Mário dos Santos, "o assunto será mais uma oportunidade de tomarmos conhecimento de coisas que tocam tão profundamente dentro da gente, como "o mistério do finito dentro do Infinito".

As palestras serão ministradas pelo jornalista Antônio Leolino da Silva, que está ligado à Sociedade Brasileira de Eubiose. Esta sociedade é filosófica-espiritualista que tem por finalidade orientar o homem em seu caminho evolutivo, segundo "releasse".

Foi criada em São Lourenço, Minas Gerais, em 28 de setembro de 1921, pelo professor Henrique José de Souza e sua esposa d. Helena Jefferson Souza. Segundo seu criador a "Eubiose" é a ciência de integração do homem com o Todo Universal, equilibrando o sistema cósmico-humano-evolucionar, que funciona como uma grande unidade. Isto no plano cósmico.

"No plano humano, diz o criador da Eubiose — ela é a ciência de Homogeneização da humanidade dentro dos princípios universais. Ela é traço comum de União. Único fator capaz de harmonizar os homens entre si".

Figura 99: Matéria do Diário de Pernambuco de 13 de maio de 1980, caderno B, p.8. Fonte Hemeroteca Digital, s.d.

Explicado Mistério Infinito

O jornalista Antônio Leolino Silva, instrutor de Eubiose, está proferindo palestra, todas as sextas-feiras, às 20h, na Rua 24 de Maio, nº 74, 1º andar, sobre "O Mistério do Finito dentro do Infinito", para as quais convida todas as pessoas interessadas "em conhecer coisas de níveis superiores".

As palestras são parte de um ciclo de estudo da Eubiose (ciências das idades), e referem-se ao "poder oculto do homem e suas faculdades interiores". O assunto das palestras será temário de um curso a ser promovido, brevemente.

Figura 100. Matéria do Diário de Pernambuco de 21 de maio, 1980, caderno B-8. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.

Do mesmo modo, em palestra aberta ao público em geral, é feito o convite a interessados mais uma vez sobre o tema "O ser e o infinito interior". A constância do assunto, por sinal, era consequência da difusão do misticismo das décadas anteriores, que estimularam a divinização do homem e da necessidade do auto-conhecimento.

Em mais uma ocasião, atuava como palestrante Antônio Leolino Silva que, segundo matéria do Diário de Pernambuco de 01 de junho de 1978 (Figura 101 da página seguinte), abordava o tema retro citado e o local escolhido à época era o restaurante "Shanti House", local tido como macrobiótico, o que faz ser importan



te tecer alguns comentários a respeito da macrobiótica, a fim de esclarecer aos futuros leitores a ligação da Eubiose com o restaurante citado. A macrobiótica é um regime alimentar e de vida oriundo da Índia e China, em que se acredita que a má alimentação é a causa principal de todas as doenças e de todos os problemas humanos, demonstrando, assim, a importância da escolha do referido lugar para a difusão de ensinamentos eubióticos, visto ser também um local de alimentação de base holística. O regime alimentar sustenta que, fazendo-se escolhas diárias corretas, elas contribuem para uma melhor qualidade de vida ambiental, social e espiritual. Esse princípio é amparado por Francisco Varatojo, em seu livro “Os alimentos também curam”, ao discorrer sobre o conceito do “Yin e Yang”, um dos pilares do pensamento filosófico e espiritual chinês, que representa a dualidade fundamental que existe em todas as coisas no universo. Na macrobiótica, o conceito de Yin e Yang é aplicado como uma base para equilibrar a alimentação e, conseqüentemente, a energia vital do corpo. Essa filosofia, quando aplicada ao tema, vê os alimentos como portadores de energias que precisam ser harmonizadas para manter a saúde e o bem-estar. Segundo Varatojo:

“Todos os fenômenos, alimentos incluídos, têm qualidades energéticas e metafísicas, e a harmonia relativa é conseguida quando “equilibramos” estes dois polos, “Yin e Yang”, nas nossas vidas. Por isso a macrobiótica defende que, ao mudarmos a nossa alimentação, mudamos automaticamente a nossa qualidade vibracional (...)” (Varatojo, 2015, p. 23).

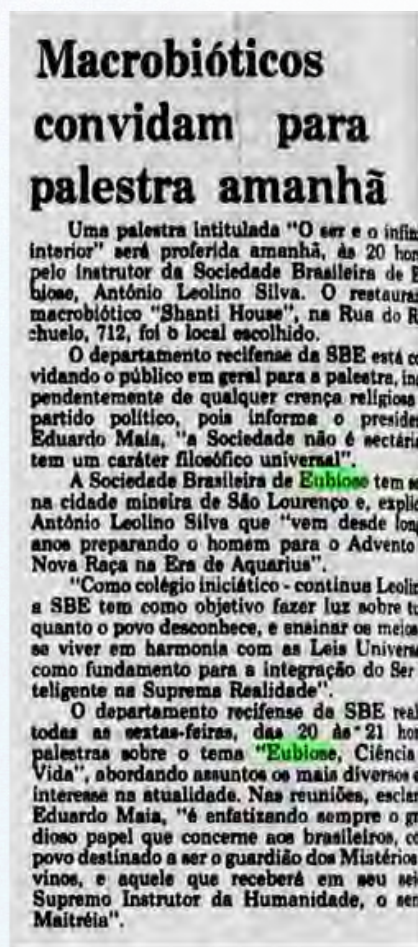


Figura 101. Matéria do Diário de Pernambuco de 01 de junho de 1978, P.8, caderno E. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.



Dessa forma, percebe-se a Eubiose tinha uma conexão com a filosofia e práticas macrobióticas. A macrobiótica enfatizou a importância do equilíbrio e harmonia entre opostos, bem como a conexão entre alimentação, saúde e espiritualidade. Ambas as filosofias compartilham uma visão holística do bem-estar, onde a saúde física e o desenvolvimento espiritual são vistos de forma interconectada. Isso sugere que a Eubiose provavelmente divulgava a macrobiótica em suas atividades e cursos.

Um outro membro importante que atuou para a difusão da instituição na cidade do Recife foi Ivane Oliveira dos Anjos. De acordo com a matéria do Diário de Pernambuco de 1979 (Figura 103, próx. pág), Ivane dos Anjos foi apresentada como palestrante convidada pelo Departamento local da Sociedade Brasileira de Eubiose (SBE) para um evento no restaurante Shanti House. A reportagem menciona que o tema de sua palestra seria "Eubiose, Ciência Iniciática das Idades", que para eubióticos, significa a ciência secreta, oculta, o "Conhecimento Perfeito", "original" ou "atemporal", o conhecimento divino em si que sempre existiu e que transpassa o tempo através dos trabalhos de iniciação. A entrada franca também evidenciava o esforço em divulgar os ensinamentos da ordem nacional.



Figura 102: Ivane dos Anjos, Década de 90 - Sede da Eubiose em São Lourenço/MG. Fonte: Dpto local, 2023.

Um questão interessante que vale aludir é que a Teosofia, que surgiu no século XIX, utilizou inicialmente o conceito de Sabedoria Inicial das Idades. A Eubiose, por ser corrente derivada da Teosofia, incorporou posteriormente



esse termo em sua base de ensino. A Sabedoria Iniciática das Idades, é um conhecimento transmitido de geração em geração por Escolas de Mistério que operam dentro da Lei Justa e Perfeita e procura tornar vivos os conhecimentos, atitudes e práticas esotéricas legadas por dezenas de Avatares ao longo dos séculos, sendo destinada a uns poucos que possam assimilar a essência desses aprendizados (Revista Dhâranâ, ano 2, nº 6, 2013, p. 2).

Ademais, na reportagem ao lado (Figura 104 ao lado) apresentava a divulgação de um curso promovido pelo Departamento recifense da Sociedade Brasileira de Eubiose, onde a instrutora Ivane dos Anjos era convidada para ministrar uma série de palestras sobre o “estudo sistemático do espiritualismo”. Ivane e outro instrutor local da organização, difundia a ordem, abordando temas que direcionava ao autoconhecimento e à evolução espiritual. O curso, ainda, enfatizava que a Eubiose não era uma religião, mas promovia um estudo comparativo das e espiritual de várias religiões, com o objetivo de promover a “Filosofia das Idades”, em outras palavras o encontro

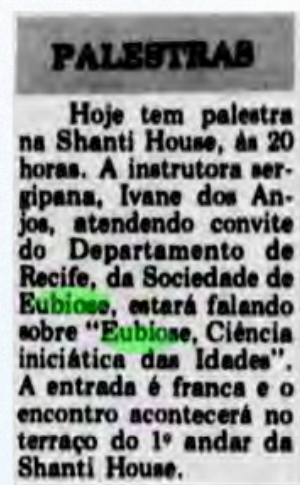


Figura 103: Matéria do Diário de Pernambuco, matéria de 01 de fevereiro de 1979, caderno c. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.



Figura 104: Matéria do Diário de Pernambuco, matéria de 19 de abril de 1979, caderno A-8. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.



da mesma essência que existe entre elas, visando ajudar o indivíduo a alcançar uma integração mais profunda consigo mesmo e com o universo”. O objetivo principal da Filosofia das Idades, fim também da Teosofia, é orientar os indivíduos a se desenvolverem espiritualmente. O termo envolve uma visão cíclica da história e da evolução da humanidade que é marcada por avanços e retrocessos na consciência coletiva, influenciando a cultura, a sociedade e o desenvolvimento espiritual.

Verifica-se pelas representações dos jornais, que, apesar de a Eubiose ser uma ordem fechada e circunscrita a membros iniciantes, ela trabalhava para se fazer-se conhecer para toda a população local, seguindo uma forte tendência de disseminação esotérica, representando uma via de autoconhecimento e espiritualidade independente dos dogmas religiosos, questão esta enfatizada nas divulgações das palestras.

Em outro trecho de reportagem (Figura 105 ao lado), ministrada por Ivane, é feita a seguinte inserção: “a Eubiose é a auto sublimação da vontade, da inteligência e do amor. A harmonia desses três princípios é que torna o homem eubiótico”. De fato, a ordem trabalha o “homem interior”, o ser humano desenvolvendo todas as suas capacidades interiores, adquirindo o “supremo conhecimento” ou “estado de consciência Aghartino”, termo usado pelos eubióticos e que remete à Agharta, já citada neste trabalho. Este local, dotado de seres que personificarão a condição da futura civilização de tempos vindouros, segundo os eubiotas, conseguirão viver em plena harmonia com a natureza e o universo.

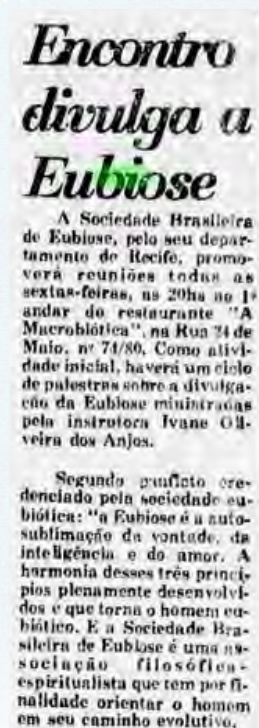


Figura 105: Matéria do Diário de Pernambuco de 07 de julho de 1980. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.



Outro instrutor destacado na ordem foi Moisés Jakobovicz, o qual ministrava palestras ao público sobre a Eubiose, porém dele não obtivemos material biográfico como registros iconográficos, mas a despeito disso, evidenciou-se nos jornais da época seu trabalho, especificamente na década de 70. Num dos registros, há a matéria: “Especialista em Eubiose fala acerca do Teatro Iniciático” (Figura 106 abaixo), que, segundo a matéria de 1977, não se tratava do teatro “tradicional”, mas do teatro iniciático: “síntese de todas as artes, onde as funções do ator são diferentes daquelas às quais se dedica no teatro tradicional”.

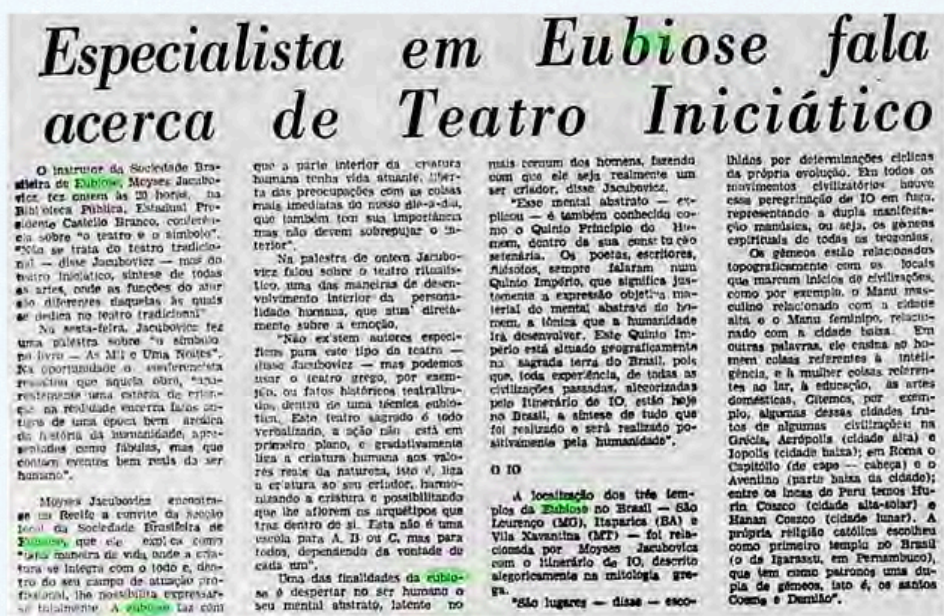


Figura 106: Matéria do Diário de Pernambuco de 21 de julho de 1977. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.

De fato, para a Eubiose, existe um sentido para três expressões, entre as quais está incluído o teatro. Assim, as expressões “Escola, Teatro e Templo” são conhecidas nos eubióticos como “tripé filosófico da Eubiose”. Para eles, a escola representa os estudos, funcionando a ordem como escola iniciática, onde eles são realizados. O Templo, por sua vez, representa as práticas internas de meditação realizadas pelos membros, com a finalidade de se ter um efeito físico e mental nos iniciados, preparando-os para suas missões em sociedade.



O Teatro, por seu turno, ou como os eubiotas costumam chamar, o “Teatro da Vida”, consiste na prática na sociedade de tudo aquilo que foi assimilado na Escola e no Templo. Nesse sentido a Eubiose, então, caracteriza-se como uma escola iniciática de cunho científico-espiritualista que, por meio de estudos específicos amplificados pelas práticas espiritualistas e alquímicas internas, harmonizam a interação homem e natureza.

Durante a fase de pesquisa do presente trabalho também foram evidenciados algumas matérias no Diário de Pernambuco que mostravam, por vezes, convites para membros S.B.E para participarem de uma Convenção Nacional (Figura 107 abaixo), evento que até hoje é realizado alternadamente e anualmente em São Lourenço, interior de Minas Gerais, Nova Xavantina, no Mato Grosso e Itaparica, na Bahia. Nos três principais centros do grupo, eram realizadas além da Assembleia Geral da ordem, atividades esportivas, culturais e artísticas. Numa dessas convenções, teve-se acesso a um importante registro de membros da ordem local junto à Helena Jefferson de Souza, esposa de H.J.S, que estava próxima ao lustre (no topo ao centro) da residência onde morava, como é mostrado na foto abaixo (Figura 108 da próxima página).

Figura 107: Matéria do Diário de Pernambuco, 10 de fevereiro de 1977, p. 6. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.

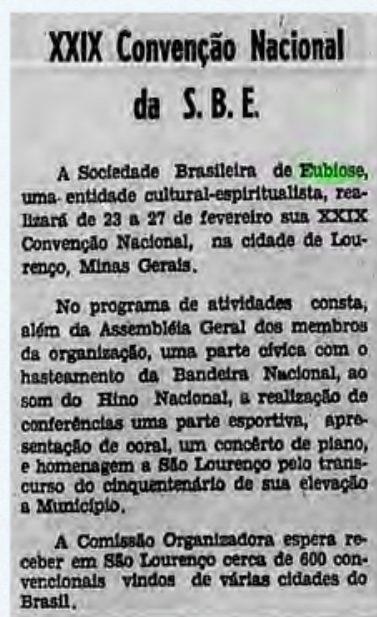




Figura 108. Membros do Departamento local, na Convenção Nacional na Cidade de São Lourenço/MG no ano de 1993 .
Fonte: Depto local, 2023.

Quanto à Helena Jefferson, inclusive, conforme reportagem no Diário de Pernambuco, é registrada sua participação em palestra local no Recife. No trecho do representado no DP, a Sra. Helena (Figura 109 abaixo) é citada como “uma das fundadoras do “movimento eubiótico”, tendo, mais uma vez, a Associação Macrobiótica de Pernambuco como local escolhido.

*** Às 20 horas, na Associação Macrobiótica de Pernambuco, Rua 24 de Maio, 74, será realizada mais uma conferência promovida pelo Departamento do Recife, da Sociedade Brasileira de Eubiose, pela sra. Helena Jefferson de Souza, uma das fundadoras do movimento eubiótico. Entrada franca.**

Figura 109: Matéria do Diário de Pernambuco, 19 de novembro de 1979, A-2.. Fonte: Hemertoteca Digital, s.d.



Em outra matéria (figura 110 ao lado), Moysés Jakubovicz, instrutor do Departamento do Rio de Janeiro, como convidado e palestrante no Recife à época, trouxe um ensino sobre a origem da Pré-História oculta do Brasil, começando a justificar que “a Eubiose é tão antiga quanto a humanidade” e, segundo os eubióticos, a gênese de toda a história do mundo está conectada com a história do cosmos, existindo obrigatoriamente uma sequência em que a consciência mais densa (menos evoluída) vai se transformando, aos poucos, numa consciência mais refinada (mais evoluída), ou, em outras palavras, o

ser humano passa de um estado de consciência menos evoluído para outro mais evoluído. Nesse sentido, enquanto escola, a Eubiose estuda o engendramento humano ou a “anatomia oculta das coisas”, levando em conta todos os estados de sua evolução.

Assim sendo, a ordem entende existir uma sequência lógica de evolução no planeta, obediente às regras da natureza, as quais, para os eubiotas, são, basicamente, as regras divinas de equilíbrio entre ela e os seres. Segundo a Eubiose, os seres humanos, estando dentro desse processo, pertencem a um determinado tipo de hierarquia que depende de si mesma, através dos estudos e



Figura 110: Matéria: Eubiose, uma filosofia da pré-história, Diário de Pernambuco de 6 de outubro de 1978. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.



práticas iniciáticas, para ir se ajustando na cadeia evolutiva. Na prática, de tempos em tempos, há períodos em que o físico também acompanha uma mudança de consciência, dentro de um contexto de várias fases humanas, como acreditam os adeptos do estudo. Infelizmente, as guerras que conhecemos, os surtos de peste e as catástrofes estão inseridas nessas fases e são consideradas pela crença eubiótica como necessária à tarefa de conscientização humana.

Nesse sentido, a eubiose sustenta que, dentro de uma cadeia evolutiva, houve a primeira fase, chamada de adâmica, ou “primeira humanidade”; a segunda, chamada Hiperbórea; a terceira, “Lemuriana”; a quarta denominada “Atlante” e a quinta, chamada “Ariana”, esta última pertence à raça humana atual. Segundo estudos dos membros, haveria ainda mais outras duas, a sexta chamada de “Bimânica” e a sétima, a “Atabimânica”, as quais ainda estariam em formação (Souza, 2001, p. 54)

Na matéria, os eubiotas entendem que os seres citados, cujos nomes são “Badezir”, “Ietbaal” e “Ietbaal-Bel” estariam dentro desse contexto evolutivo, pois seriam conhecedores desse processo, portanto considerados “iniciados”. De acordo com os eubiotas, personagens como Cabral e Colombo sabiam o que estavam fazendo, pois pertenciam às escolas iniciáticas e estavam envolvidos nesse projeto de expansão pela evolução do mundo. O Personagem Badezir, citado na matéria, era um rei fenício e um grande navegador que, na verdade, segundo os membros da ordem, foi quem, muito provavelmente, há muitos anos antes pisou em terras brasileiras, o que, no contexto da tradição, considera-se uma fraude atribuir tal fato à Cabral. Para a Ordem, Badezir, um grande conhecedor das “verdades universais”, teria chegado ao Brasil cerca de 800 anos antes de Cristo para justamente dar início ao processo evolutivo no território, trazendo com ele uma equipe com a mesma missão de povoamento e, entre eles, estariam seus dois filhos Ietbaal e Ietbaal-Bel, que, segundo os eubiotas, eram espécies de gêmeos espirituais, dotados da mesma consciência evolutiva.



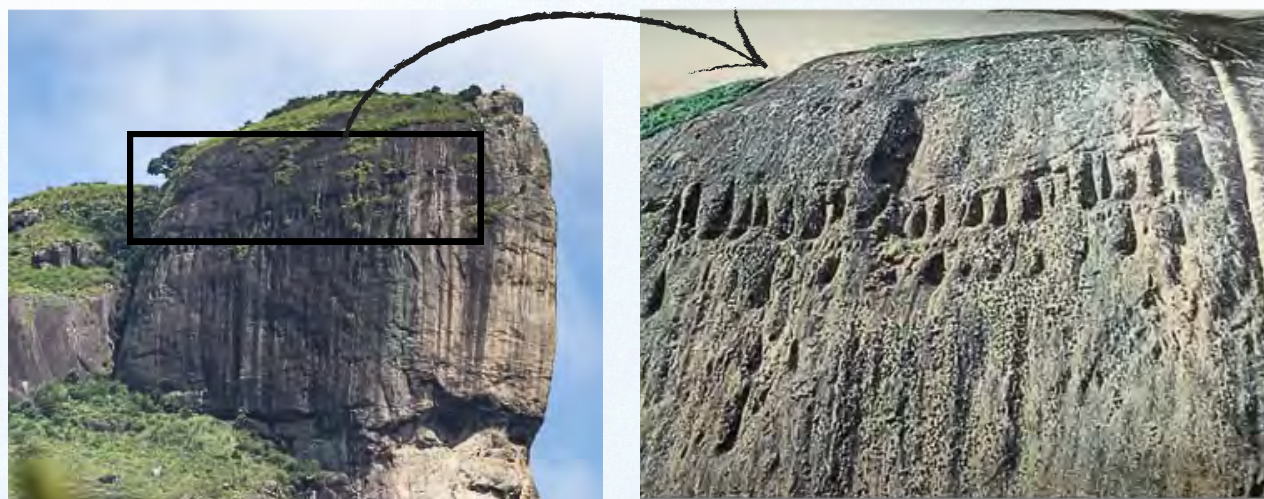
Para os eubiotas, Badezir, ao passar a governar, criou os dos hemisférios ligados ao país, “Brasil do Norte e Brasil do Sul”, sendo ele o administrador da parte norte e seus filhos seriam os administradores da parte sul. Como serem dotados de grande consciência, ao se estabelecerem no Brasil, cumpriam uma tarefa específica na sequência evolutiva da terra, estando naquele tempo em terra brasileira. Badezir e seus filhos, assim, trabalhavam no itinerário da evolução, assim como outros trabalharam em diferentes contextos como Mancacapá e Mama-Coya no Peru e Kunatou e Nefertite no Egito, conforme mencionados por Jacobovicz na matéria.

Ademais, Jukubovicz ensinava que o ciclo evolutivo estaria atualmente no Brasil e que teve seu início quando, aos 16 anos, o jovem Henrique José de Souza fugiu de casa em Salvador, dirigindo-se à Índia “para trazer de lá valores superiores da humanidade que lá se encontravam custodiados”. Mais tarde, viria a fundação material da ordem em Niterói pelo casal Henrique e Helena, para cumprir aquilo que teria sido interrompido por volta de 850 anos a.C, em virtude do afundamento da barca que conduzia os gêmeos espirituais Ietbaal e Ietbaal-Bel, quando estavam na missão anteriormente relatada. A vinda destes seres de origem fenícia, inclusive, segundo os eubiotas, é provada numa inscrição existente na Pedra da Gávea, que contém a frase: “Trio Fenícia Ietbaal primogênito de Badezir”, conforme figuras 111 e 112 da página seguinte.

A Pedra da Gávea, para os eubiotas, dentro desse contexto histórico oculto, é considerada o maior monumento feito pelo homem para adorar a divindade, e, na crença eubiótica, no local também estaria sepultado o Rei Badezir. A escritura que existe na pedra, como afirmam, foi cunhada pelos fenícios e, segundo relata a matéria, foi traduzida pelo arqueólogo Bernardo Azevedo da Silva Ramos, sendo mais tarde confirmada, como dotada de veracidade, pelo Instituto do Amazonas no início do Século XX. Assim, Bernardo Azevedo, prova



ria, segundo seu trabalho, que haveria um povoamento anterior ao chamado “descobrimento”, realizado pelos fenícios.



Figuras 111 e 112: Pedra da Gávea e a suposta inscrição fenícia “Ietbaal primogênito de Badezir” na parte lateral. Fonte: comunidadeurgicaportuguesa.wordpress.com, 2021.

Bernardo Azevedo, em sua obra de 1939 “Inscrições e Traduções da América Pré-Histórica, especialmente do Brasil”, já debatia sobre a autenticidade da inscrição na Pedra da Gávea, a qual, segundo ele, traduz-se como: “Trio Fenícia Badezir primogênito de Ietbaal” (figura 113 abaixo). Para os membros da ordem, a inscrição foi corrigida depois por H.J.S para “Trio Fenícia Ietbaal primogênito de Badezir”.



Figura 113: Tradução da inscrição da Pedra da Gávea. Fonte: commons.wikimedia.org, 2013



Ao lado, encontra-se a referida obra de Bernardo Ramos Obra, na qual o autor discorre sobre eventos pré-históricos do Brasil, como a Pedra da Gávea. Para Jacobovicz, que era membro da ordem na época há 10 anos, o mesmo defendia que a Eubiose, devido aos registros históricos encontrados, “encontrava seu suporte na própria história”, fato este que comprova e fortalece o caráter identitário com o território brasileiro. Jakubovicz também destacava na matéria estudos sobre a pré-história do Estado de Pernambuco, cunhado pelo mesmo como “um Estado Alienígena”. Explicando o termo, o mesmo destacava que na conjuntura do Brasil Holandês, “a figura do príncipe, o Conde João Maurício de Nassau, era ímpar, haja vista a riqueza heráldica que ele nos legou”. Aqui, certamente, Jacobovicz refletia sobre a consciência espiritual elevada de Nassau, como um ser que trabalhou em prol da evolução espiritual de Pernambuco.



Figura 114: Obra "Inscrições e Tradição da América Pré-histórica Especialmente do Brasil. Fonte: ecoamazonia.org.br, 2022

No que diz respeito a documentos internos da ordem local, as principais informações são disponibilizadas em acervos das revistas Dhâranâ e Aquarius. A revista Dhâranâ (Figura 115 da próx. pág.) foi a primeira criada pela Eubiose, no ano de 1925, tendo hoje exemplares divulgados de forma on-line e encontrados no site oficial. Por sua vez, a revista Aquarius foi criada em 18 de dezembro de 1974 e que, assim como a Dhâranâ, possuía edições trimestrais, não sendo mais produzida pela Sociedade, porque foi substituída pelas edições Dhâranâ. Na ordem local, houve a oportunidade de registrar uma foto da primeira edição da Revista Aquarius, conforme ilustramos na Figura 116 da página seguinte.



Curiosamente, na imagem da primeira edição, percebe-se, logo abaixo da imagem da sede da Eubiose na capa, centro da revista, as seguintes citações: “Trabalhamos para o Avatara Maitreya” e “A Humanidade só será feliz quando reconhecer o ”Avatara”, ambas afirmações do fundador da ordem, Henrique José de Souza. Os eubióticos creem na vinda de um ser de grande estatura espiritual que guiará a Humanidade na reconstrução de um novo mundo, atividade esta que eles mesmos já fomentam desde sua instituição, como destacado na imagem da Aquarius.

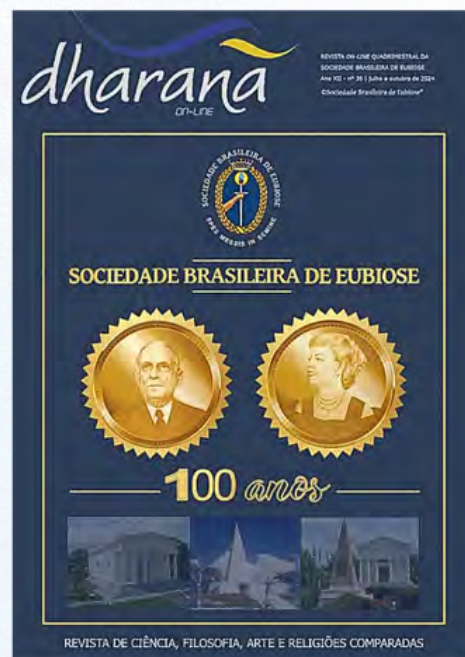


Figura 115: Revista Dhârana on-line - Edição dos cem anos da Eubiose. Fonte: eubiose.org.br, 2022.

Para os eubióticos, na verdade, a crença na vinda de um Messias para os tempos de transição, como na Era de Aquarius, é inerente a todas as tradições esotéricas. A este que virá com toda essa eficácia espiritual, eles denominam do grande “Avatara *Maitreya*”. Os eubiotas, assim como os esotéricos de forma geral postulam a crença do surgimento de um ser capaz de combater os atrasos sociais e operar, desse modo, mutações para inaugurar novos ciclos de evolução humana. A Sede da Sociedade em São Lourenço, inclusive, foi construída em homenagem a esse futuro ser.



Figura 116: 1ª edição da Revista Aquarius. Fonte: Dpto local, 2023



No mesmo sentido, vale frisar os grandes avatares que na crença da Eubiose e das ordens esotéricas de modo geral foram personagens que vieram para trabalhar em prol da evolução humana, dentre os quais estariam Jesus, chamado na ordem de “Jeoshua”, Krishna, a entidade mais cultuada na Índia e o famoso Buda. Na Eubiose local, por sinal, há uma galeria no corredor do departamento, na qual estão, além dos personagens citados, a imagem de outros que, de forma semelhante, são considerados como “grandes Iniciados”, a exemplo do profeta Moisés, Kunaton, os filósofos Plotino e Pitágoras, e curiosamente Henrique José de Souza e Helena Blavatsky, que, para eles, concluíram, dentro dos seus respectivos contextos, de forma cíclica e continuada, a tarefa de auxiliares e salvadores de toda raça humana no caminho da evolução (Figura 117 abaixo), mas que, a despeito do trabalho contínuo, ainda não lograram o projetado resgate moral ou espiritual de toda a Humanidade, fato este que se concluirá com o Avatara *Maytreia*.



Figura 117 . Mural dos grandes Iniciados na sede local, entre eles H.J.S e H.P.B. Fonte: Dpto local, 2023.



Durante a realização da pesquisa para a conclusão do presente trabalho, obtivemos ainda trechos de representações do Jornal Diário da Manhã (Figura 118 abaixo), em que era descrita a cessão do Salão da Associação dos exatores de Pernambuco de forma indeterminada. Na matéria, a SBE agradecia ao Presidente daquela Associação, através das seguintes palavras: “O Salão para palestras fora gentilmente cedido por tempo indeterminado pelo MD. Presidente da Associação dos Exatores, Sr. Nonato Magalhães, cujo gesto primoroso e elevado que muito nos sensibilizou, só poderia partir mesmo de homens do seu quilate, de caráter bem formado e mente intuitiva, o que tanto honra e dignifica a família brasileira. Atitudes como essa demonstram eloquentemente que no Brasil das “Bramas de Agni” e de “Badezir” medram admiravelmente espíritos de escol, ídimos cidadãos deste País grandioso, onde crepitam, realmente, chamas redentoras do novo ciclo Avatarico, forte razão para que nos convençamos do fulgurante destino do Brasil, que será, num futuro não muito distante, o farol das demais nações suas irmãs”.

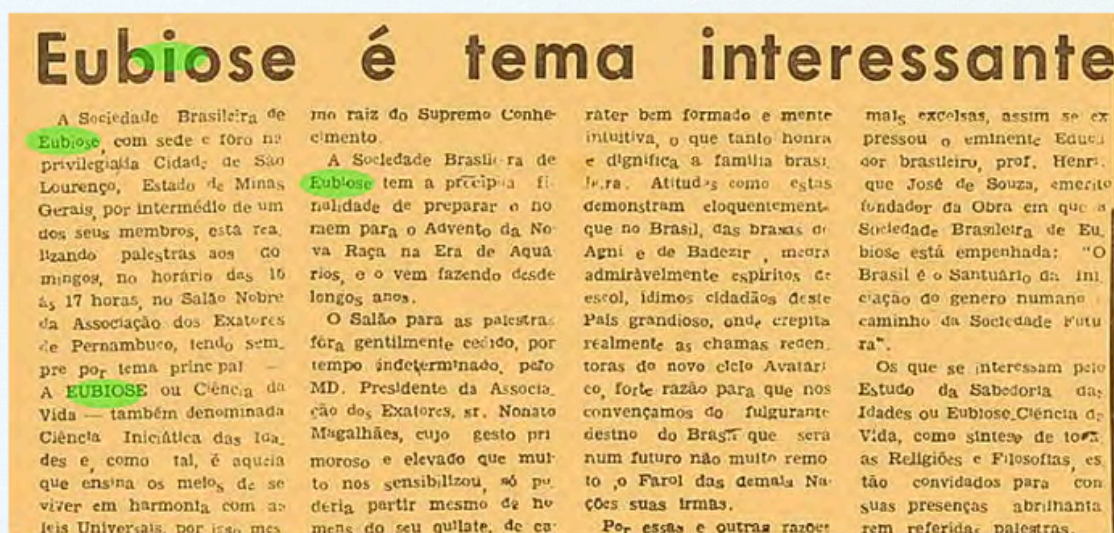


Figura 118 . Matéria do Diário da Manhã, 16 de outubro de 1972, p. 10. Fonte: Hemeroteca Digital, s.d.



Isso já mostrava que a Eubiose ganhava adeptos e simpatizantes, principalmente pelo caráter da cessão do espaço para palestras por tempo indeterminado de uso, o que demonstrava também respeito, reverência e interesse pelos ensinamentos eubióticos que se difundiam, mais uma vez frisando o contexto de plena difusão esotérica não apenas no Brasil, mas também no Estado de Pernambuco. No trecho, também se percebe o departamento descrevendo o Presidente como um “espírito de escol”, ou, em outras palavras, de maior estatura e qualidade, justificando logo após que determinado gesto só poderia vir de alguém cujo país será o farol das demais nações.

As representações da Eubiose no Recife, assim, evidenciaram sua influência na disseminação dos ensinamentos da Eubiose e do Esoterismo Ocidental durante as décadas de 1970 e 1980. A ordem da Eubiose, através de palestras abertas, artigos publicados na mídia local e documentos internos do grupo, ficou claro que a Eubiose desempenhava um papel que se destacava na vida da comunidade pernambucana, propagando suas ideias e perspectivas sobre temas esotéricos sobre evolução espiritual que seguiam uma linha de tendência gerada pelos movimentos libertários, dentre eles a Contracultura. Embora certamente tenha provocado curiosidade, quanto diferentes interpretações naquele tempo, a Eubiose se localizou como um movimento significativo na vida cultural e intelectual da região.



Linha do Tempo

Em 31 de julho de 2000, morre a senhora Helena Jefferson de Souza., deixando a Sociedade Brasileira de Eubiose órfã de uma das maiores personalidades sobre o assunto no Brasil.



Figura 119: Foto de Helena Jefferson de Souza. Fonte: [facebook.com/mestrejhs](https://www.facebook.com/mestrejhs), 2014.

Foi criado, no dia 27 de dezembro de 2017, o “Dia Nacional da Eubiose”, comemorado em todo dia 10 de agosto de cada ano. Leonardo Faria Jefferson de Souza, Filho de Hélio Jefferson de Souza Filho, em 2022, em Reunião na Câmara Legislativa do Distrito Federal/Brasília.



Figura 120 . Foto de Leonardo Faria Jefferson de Souza,. Fonte: www.cl.df.gov.br, 2022..



Centenário da fundação material
da Eubiose em 10/08/2024



Figura 121 . Selo Comemorativo do Centenário de Fundação Material da Sociedade Brasileira de Eubiose. Fonte: eubiose.org.br, 2024.

24 de agosto de 2024, comemoração dos 70 anos do Departamento da Eubiose na cidade do Recife. No Estado de Pernambuco, a data de 10 de agosto é reconhecida como “Dia da Eubiose”, Lei 15216, conforme placa ao lado, que se encontra na entrada do Departamento local.



Figura 122: Placa da Eubiose na entrada do Departamento local. Fonte: Dpto local, 2024.



Considerações finais

Este estudo a respeito do esoterismo evidenciou a necessidade de maior atenção acadêmica, especialmente no campo da História, em que, tradicionalmente, esse tema foi tratado sob uma perspectiva religiosa ou filosófica. A análise realizada revelou como o esoterismo ocidental, em especial no contexto brasileiro, evoluiu, institucionalizou-se fora das religiões tradicionais, contribuindo para a compreensão das transformações culturais e sociais ao longo do tempo, especialmente em um contexto de forte tensão e transformação em que se passava a sociedade nas décadas de 70 e 80.

Nesse sentido, o trabalho e o estudo sobre o tema ajuda a dar mais ênfase por parte dos historiadores, uma vez que compõe uma área de ensinamentos novos e em desenvolvimento no Brasil e no mundo. O estudo também contribui para a compreensão da história cultural das religiões, respeita cada tradição, o tempo histórico e as transformações que a sociedade enfrentou, bem como o desenvolvimento do Esoterismo Ocidental nos locais onde ocorreu sua difusão, entre eles, o espaço recifense.

Além disso, a criação do produto em formato digital, como um e-book, foi uma escolha estratégica para tornar o conteúdo mais acessível a um público mais amplo, ultrapassando as barreiras acadêmicas e técnicas que normalmente restringem o interesse de leitores não especializados. Essa abordagem também tentou inovar ao cruzar fontes tradicionais, como jornais e documentos privados, como metodologias de pesquisa, o que enriqueceu a compreensão sobre a Eubiose e seu impacto no Brasil e na Capital Pernambucana.



Portanto, o trabalho não só ampliou o campo de estudo do esoterismo no Brasil, mas também criou mais um recurso para análise que poderá ser utilizado por pesquisadores e interessados no tema em futuras investigações.



REFERÊNCIAS

Figura 123: Brasão da SBEna entrada do Templo sede em São Lourenço - Minas Gerais (MG), 2023.



BIBLIOGRAFIA

AFIUNE, Pepita de Souza. Lugar de outro mundo: O Reencantamento do mundo e as narrativas ufológicas em Alto Paraíso (GO). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2016.

AGNOLIN, Adone. História das Religiões: Perspectiva Histórico-Comparativa. São Paulo: Paulinas, 2013.

ANES, José Emanuel. Uma introdução ao esoterismo ocidental e suas iniciações. Lisboa: Arranha Céus, 2014.

BARZA, Valdênio Simões. Sociedade Teosófica e sua trajetória no Recife (1920-1990). [Ano]. Disponível em: Biblioteca Digital da Universidade Católica de Pernambuco. Acesso em 25/09/2024.

BENATTE, Antonio Paulo . A história cultural das religiões: contribuição a um debate historiográfico. Missão e pregação: a comunicação religiosa entre a história da igreja e a história da religião. 1ªed.São Paulo: FAP-Unifesp, 2014, v. 1, p. 59-79.

BUBELLO, Juan Pablo; CHAVES, José Ricardo; MENDONÇA JÚNIOR, Francisco de (orgs.). Estudos sobre a história do esoterismo ocidental na América Latina: abordagens, esportes, problemas e debates . Cidade Autônoma de Buenos Aires: Editorial da Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de Buenos Aires; México DF: Universidade Nacional Autônoma do México, 2018.

BLAVATSKY, Helena Petrovna. A doutrina secreta: síntese de ciência, filosofia e religião. Tradução de Raymundo Mendes Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 1969. Volume I, Cosmogênese.



BRITO, Fábio Leonardo C. B. A fabricação da Pernambucália em Recife (1967-1973): configurações históricas do “movimento tropicalista” em Pernambuco. *História* (São Paulo), ISSN 1980-4369, v. 37, 2018, e2018037. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1980-4369e2018037>. Acesso em: 15/10/2024.

CAMPOS, Marcelo Leandro. *História da religião e esoterismo: uma síntese historiográfica e metodológica*. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA REGIONAL DA ANPUH-RIO, XVI, 2014, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPUH-Rio, 2014.

CECATTO, Adriano; MAGALHÃES, Antônio Germano Jr. *A Iconografia e o Ensino de História: Potencialidades e Possibilidades*. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20870/3/2011_eve_acecattoagmagalhaesjunior.pdf. Acesso em: 12 de maio de 2024.

CERTEAU, Michel de. *Livro: A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Algés: Difusão Editorial, 2002.

CRANSTON, Sylvia. *Helena Blavatsky: A Vida e a Influência Extraordinária da Fundadora do Movimento Teosófico Moderno*. Tradução de Murillo Nunes de Azevedo. Revisão técnica de Carlos Cardoso Aveline. 3ª ed. Brasília: Editora Teosófica, 2022.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *Breves notas sobre o estudo de religiões seculares, com menção ao caso das ciências naturais*. *Paralellus – Revista Eletrônica em Ciências da Religião*, Recife, v. 6, n. 13, p. 309-330, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/issue/view/38/7>. Acesso em: 11 abr. 2024.

FAIVRE, Antoine. *O esoterismo*. São Paulo: Papyrus, 1994.



GUERRIERO, Silas. Esoterismo e astrologia na Nova Era: do ocultismo à psicologização. *Reflexão*, Campinas, v. 41, n. 2, p. 211-224, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3650/2382>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

HANEGRAAFF, Wouter J. Espiritualidades da Nova Era como uma religião secular: perspectiva de um historiador. Tradução de Fábio L. Stern e Carlos Bein. *Religare*, Brasília, v. 14, n. 2, p. 403-424, dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/37587/18960>>. Acesso em: 20 DE Julho de 2024. Originalmente publicado como: New Age spiritualities as secular religion: a historian's perspective. *Social Compass*, v. 46, n. 2, p. 145-160, 1999.

HANEGRAAFF, Wouter J. *New Age Religion and Western Culture: esotericism in the mirror of secular thought*. Albany: State University of New York Press, 1998.

HANEGRAAFF, Wouter. O Movimento da Nova Era. Tradução de Fábio L. Stern e Carlos Bein. In: JONES, Lindsay (Org.). *Encyclopedia of Religion*. 2. ed. Farmington Hills: Thomson Gale, 2005. v. 10, p. 6495-6500. Disponível em: https://www.academia.edu/19672972/O_movimento_da_Nova_Era_tradu%C3%A7%C3%A3o_. Acesso em: 12 ago. 2024.

HANEGRAAFF, Wouter. *Esotericism and the Academy: Rejected Knowledge in Western Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

HEELAS, Paul. *The New Age Movement: the celebration of the self and the sacralization of modernity*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1996. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/651815923/Paul-Heelas-The-New-Age-Movement-the-Celebration-of-the-Self-and-the-Sacralization-of-Modernity-Blackwell-1996>>. Acesso em: 22 de setembro de 2024.



HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. (Coleção Pensamento Crítico, v. 55).

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KERN, Iara; PIMENTEL, Ernani Figueiras. *Brasília secreta: enigma do antigo Egito*. Brasília: Pórtico, 2000.

LIRA, David Pessoa de. *A volta do hermetismo para a promoção da tolerância religiosa*. *Anais de Filosofia*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 241-262, 2022. Disponível em: <<https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/1267>>. Acesso em: 21 de nov. 2023.

Magnani, José Guilherme Cantor. *O neo-esoterismo na cidade*. *Revista USP*, n. 31. São Paulo, setembro / novembro de 1996. p. 06 – 15. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25951>. acessado em 04 de março de 2024;

Massenzio, Marcelo. *A História das Religiões na Cultura Moderna*. São Paulo: Hedra, 2005.

MOTA, Jaqueline Ferreira da. *História das religiões, uma proposta metodológica*. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 13, n. 1, p. 1-13, jan./jun. 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/26639596/HIST%C3%93RIA_DAS_RELIGI%C3%95ES_UMA_PROPOSTA_METODOL%C3%93GICA. Acesso em: 11 jun. 2023.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. *Da Nova Era à New Age Popular: as transformações no campo religioso brasileiro*. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 141-157, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/1522/996>. Acesso em: 17 de dezembro de 2023.



OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. *Entre caboclos, preto-velhos e cores: a imersão dos sujeitos no universo místico-religioso do Vale do Amanhecer*. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

PAPUS. *Tratado de ciências ocultas*. Tradução de Luís Carlos Lisboa. São Paulo: Editora Três, 1973.

PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é a Contracultura*. Coleção primeiros passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

PETERS, José Leandro. *A história das religiões no contexto da história cultural*. Revista História Cultural, v. 1, n. 1, p. 87-104, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/facesdeclio/article/view/26418/18213>. Acesso em: 23 maio 2024.

POMPA, Cristina. *Rafael Pettazzoni: A religião entre antropologia e história*. Porto Alegre, v. 1, n. 37, p. 217-253, jan./jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.106710>. Acesso em: 17 jul. 2024.

RIFFARD, Pierre. *O Esoterismo: o que é esoterismo? Antologia do esoterismo ocidental*. São Paulo: Mandarim, 1996.

ROSZAK, Theodore. *A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Tradução de Donaldson M. Garschagen. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1972

SALVI, Luís A. W. *Brasil: O livro do tempo. Dinâmicas e perspectivas sócio regionais brasileiras*. Brasília: Thesaurus Editora, 2004.

SALVI, Luís A.W. *O sistema geográfico de evolução de Alto Paraíso*. 1ª ed. Alto Paraíso: Ed. Agharta, 2007.



SALVI, Luís A. W. *Agharta: O Segredo dos Centros – O Mistérios das Terras Centrais*, Volume 2, Editora Agharta, 2010.

SALVI, Luís A.W. *Os centros espirituais brasileiros*. Alto Paraíso de Goiás: Editora Agharta, 2010.

SAMPAIO, Diego Chaves Ramos. *Esoterismo ocidental e Nova Era: a tradição inventada presente na trajetória da antiga e mística Ordem Rosacruz (AMORC) no Recife/PE (1959-1981)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20304?locale=pt_BR>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.

SANTOS, José Dário dos. *O Recife underground: ditos e ritos da contracultura em Pernambuco (1968-1974)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2019.

SILVA, Magnólia Gibson Cabral. *Esoterismo e movimento esotérico no Brasil*. Recife. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

SILVA, Eliane Moura da. *Entre religião, cultura e história: a escola italiana das religiões*. *Revista de Ciências Humanas, Viçosa*, v. 11, n. 2, p. 225-234, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3474/Entre%20Religi%C3%A3o%20Cultura%20Hist%C3%B3ria%3A%20A%20Escola%20Italiana%20das%20Religi%C3%B5e>. Acesso em: 5 ago. 2024.

STUCKRAD, Kocku von. *Western Esotericism: A Brief History of Secret Knowledge*. New York: Routledge, 2014.

SOUZA, Henrique José de. *O Verdadeiro Caminho da Iniciação*. 3 ed. São Lourenço, MG. Ed. Sociedade Brasileira de Eubiose, 2001.



SOUZA, Henrique José de. Os Mistérios do Sexo. 2. ed. São Lourenço, MG: Ed. Sociedade Brasileira de Eubiose, 2001.

VARATOJO, Francisco. Os alimentos também curam: como prevenir e enfrentar os problemas de saúde mais comuns através da macrobiótica. Ed. Esfera dos Livros, 2015.

VIEIRA, Otávio Santana. O esoterismo: uma abordagem hermenêutico-conceitual. *Diversidade Religiosa, João Pessoa*, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dr/article/view/18064/10348>. Acesso em: 30 jun. 2024.

YATES, Frances A. *Giordano Bruno e a tradição hermética*. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Cultrix, 1995.

LISTA DE ACERVOS E FONTES

Jornais consultados

CAVALCANTI, Vanildo Bezerra. *Sociedade de Eubiose*. *Diário de Pernambuco, Recife*, , 12/10/1972, Ed. 00245 - 1972, 3º caderno - *Flagrantes*, p. 12. Acessado via hemeroteca digital em 12 de junho de 2023;

FERRAZ, Marilourdes. *Eubiose*. *Diário de Pernambuco, Recife*, , 30/05/1980, Ed. 00144, 1980, caderno A- - *Flagrantes*, p. 9. Acessado via hemeroteca digital em 15 de junho de 2023;

CAVALCANTI, Vanildo Bezerra. *Exatores promovem palestras*. *Diário de Pernambuco, Recife*, , 12/09/1972, Ed. 00216 - 1972, 2º caderno - *Flagrantes*, p. 6. Acessado via hemeroteca digital em 23 de junho de 2023;



Brasil comandará o mundo por ordem divina. Diário de Pernambuco, Recife, 31/10/1971, Ed. 00252 - 1971, 1º caderno - Nacional, p. 2. Acessado via hemeroteca digital em 11 de julho de 2023;

COUTINHO, Valdi. Mamulengo. Diário de Pernambuco, Recife, 13/01/1976, Ed. 00012 - 1976, 2º caderno -Cena aberta, p. 10. Acessado via hemeroteca digital em 09 de junho de 2023. Acessado via hemeroteca digital em 24 de junho de 2023;

COUTINHO, Valdi. Mamulengo. Diário de Pernambuco, Recife, 13/01/1976, Ed. 00012 - 1976, 2º caderno -Cena aberta, p. 10. Acessado via hemeroteca digital em 05 de maio de 2023

MANZELLA, Lelino. Progresso do mundo Diário da Manhã, Recife, 08/04/1968, Ed. 0408 - 1968. Coluna sem título, p. 05. Acessado via hemeroteca digital em 12 de agosto de 2023;

PRADO, Marcos. A Contracultura. Diário de Pernambuco, Recife, 07/05/1972, Ed. 00104 - 1972, 2º caderno -Letras da Semana, p. 11. Acessado via hemeroteca digital em 30 de agosto de 2023;

Cartaz sobre tarô: O jogo milenar de adivinhação e profecia, que apaixonou hoje toda a Europa. Diário de Pernambuco, Recife, 1974, Ed. 00074 - 1974, p. 11. Acessado via hemeroteca digital em 11 de julho de 2023;

MACIEL, Luiz Carlos. Papus. Diário de Pernambuco, Recife, 16/06/1973, Ed. 00160 - 1973, As idéias p. 6. Acessado via hemeroteca digital em 23 de setembro de 2023

Anúncio da Biblioteca PLaneta - Parapsicologia, espiritualismo, ciências ocultas, Teosofia, Magia. Diário de Pernambuco, Recife, 05/04/1973, Ed. 00090 - 1973, 1º caderno, p. 5. Acessado via hemeroteca digital em 16 de setembro de 2023;

Mestre falará sobre a Cultura Oriental. Diário de Pernambuco, Recife, 29/05/1973, Ed. 00142 - 1973, 1º caderno -Local e Estadual, p. 7. Acessado via hemeroteca digital em 12 de julho de 2023;



MACIEL, Luiz Carlos. Volta à Magia. Diário de Pernambuco, Recife, 28/07/1973, Ed. 00200 - 1973, As idéias p. 8. Acessado via hemeroteca digital em 22 de setembro de 2023;

A Era de Aquário. Diário de Pernambuco, Recife, 12/01/1973, Ed. 00010 - 1973, caderno feminino, p. 3. Acessado via hemeroteca digital em 18 de agosto de 2023;

Jornalista explica a importância da Eubiose. Diário de Pernambuco, Recife, 13/05/1980, Ed. 00127 - 1980, Educação, p. 8. Acessado via hemeroteca digital em 21 de agosto de 2023

Explicado Mistério Infinito. Diário de Pernambuco, Recife, 21/05/1980, Ed. 00135 - 1980, Educação, p. 8. Acessado via hemeroteca digital em 22 de agosto de 2023;

Macrobióticos convidam para palestra amanhã. Diário de Pernambuco, Recife, 01/06/1978, Ed. 00146 - 1978, Educação, caderno E, p. 8. Acessado via hemeroteca digital em 06 de outubro de 2023;

Palestras. Diário de Pernambuco, Recife, 01/02/1979, Ed. 00046 - 1979, Roteiro, caderno C, p. 8. Acessado via hemeroteca digital em 03 de outubro de 2023;

Eubiose promove curso. Diário de Pernambuco, Recife, 19/04/1979, Ed. 00105 - 1979, Local, caderno A, p. 8. Acessado via hemeroteca digital em 18 de junho de 2023;

Encontro divulga a Eubiose. Diário de Pernambuco, Recife, 07/07/1980, Ed. 00152 - 1980, Geral, caderno A, p. 9. Acessado via hemeroteca digital em 12 de maio de 2023;

Especialista em Eubiose fala acerca de Teatro Iniciático. Diário de Pernambuco, Recife, 21/07/1977, Ed. 00225 - 1977, Educação e Cultura, caderno A, p. 8. Acessado via hemeroteca digital em 09 de junho de 2023;

Convite - XXIX Convenção Nacional da S.B.E. Diário de Pernambuco, Recife, 10/02/1977, Ed. 00040 - 1977, Política, caderno A, p.6. Acessado via hemeroteca digital em 19 de agosto de 2023;



Diário de Pernambuco, Recife, 19/11/1979, Ed. 00314 - 1979, Agenda, caderno A, p.2. Acessado via hemeroteca digital em 11 de março de 2023;

Eubiose, uma filosofia da pré-história. Diário de Pernambuco, Recife, 06/10/1978, Ed. 00272 - 1977, Local, caderno A, p.6. Acessado via hemeroteca digital em 14 de maio de 2023;

Eubiose, uma filosofia da pré-história. Diário de Pernambuco, Recife, 06/10/1978, Ed. 00272 - 1977, Local, caderno A, p.6. Acessado via hemeroteca digital em 03 de junho de 2023;

SANTOS, Ferreyra dos. Eubiose é tema interessante. Diário da manhã, Recife, 16/10/1972, Ed. 1016 - 1972, Cortina, p. 10. Acessado via hemeroteca digital em 07 de junho de 2023.

Revistas consultadas

DHÂRANÂ. Revista on-line trimestral da Sociedade Brasileira de Eubiose. Red. Henrique José de Souza. Divulgada por: Comunidade Teúrgica Portuguesa – Site Oficial, idealizado por Vítor Manuel Adrião. [S.l.]: Sociedade Brasileira de Eubiose, ano VII, n. 71, jan./mar. 1932. Disponível em: <https://comunidadeurgicaportuguesa.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/10/71-janeiro-a-març3a7o-de-19321.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024.

DHÂRANÂ. Revista on-line trimestral da Sociedade Brasileira de Eubiose. Red. Henrique José de Souza. Divulgada por: Comunidade Teúrgica Portuguesa – Site Oficial, idealizado por Vítor Manuel Adrião. [S.l.]: Sociedade Brasileira de Eubiose, ano VII, n. 72, Abril a Junho de 1932. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://comunidadeurgicaportuguesa.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/10/72-abril-a-junho-de-19321.pdf](https://comunidadeurgicaportuguesa.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/10/72-abril-a-junho-de-19321.pdf) Acesso em: 02 fev. 2024.



DHÂRANÂ: revista on-line quadrimestral da Sociedade Brasileira de Eubiose. Eubiose, ano IX, n. 26, mar./jun. 2021. Disponível em: <https://www.eubiose.org.br/dharana-online/>. Acesso em: 11 abril 2024.

DHÂRANÂ. Revista on-line trimestral da Sociedade Brasileira de Eubiose. Red. Henrique José de Souza. Divulgada por: Comunidade Teúrgica Portuguesa – Site Oficial, idealizado por Vítor Manuel Adrião. [S.l.]: Sociedade Brasileira de Eubiose, ano II, n. 04, Abril a Junho de 1926. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcgclefindmkaj/https://comunidadeteurgicaportuguesa.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/10/72-abril-a-junho-de-19321.pdf> Acesso em: 02 fev. 2024.

DHÂRANÂ. Revista on-line trimestral da Sociedade Brasileira de Eubiose. Edição em homenagem a Hélio Jefferson de Souza Filho - Ano III, n. 9, out. 2014-jan. 2015. Curitiba: Sociedade Brasileira de Eubiose, 2014. Disponível em: https://sbcuritiba.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/08/mid-14_dharana-ol-9.pdf. Acesso em: 28 abr. 2024.

DHÂRANÂ. Revista on-line trimestral da Sociedade Brasileira de Eubiose. A origem dos mistérios. N. 17. Ano V. junho a setembro de 2017. Disponível em: https://www.eubiose.org.br/revista-dharana-online/#_. Acesso em 28 de dezembro de 2023.

DHÂRANÂ. Revista on-line quadrimestral da Sociedade Brasileira de Eubiose. Redatores: Eng. Hernani Portela, Dr. Horácio P. Faria e Silva, Dr. Raul F. Cruz. Ano XXXV, n. 13 e 14, jan./jun. 1960. [S.l.]: Sociedade Brasileira de Eubiose, 1960. Divulgada por: Comunidade Teúrgica Portuguesa – Site Oficial, idealizada por Vítor Manuel Adrião. Disponível em: <https://comunidadeteurgicaportuguesa.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/10/13-e-14-janeiro-a-junho-19601.pdf>. Acesso em: 12 out. 2023.



DHÂRANÂ. Revista on-line quadrimestral da Sociedade Brasileira de Eubiose, Ano VI - Número 20: outubro de 2018 a janeiro de 2019. Disponível em: https://drive.google.com/drive/u/O/folders/1glttP4foTRV_BLqfzZuQA0gzD653faoG. Acesso em 03 julho de 2024.

AQUARIUS, Revista. Trabalhamos para o Avatara Maitreya. A Humanidade só será feliz quando reconhecer o Avatara. Prof. Henrique José de Souza. Edição trimestral, n. 1. São Lourenço: Sociedade Brasileira de Eubiose - Departamento local.

DHÂRANÂ. Redatores: Dr. Raul F. Cruz, Eng. Hernani Portela, Dr. Diogo Paes de Barros, Eunice Catunda, Paulo M. Albernaz. Ano XXXII, n. 3 e 4, jul./out. 1957. [S.l.]: Sociedade Brasileira de Eubiose, 1960. Divulgada por: Comunidade Teúrgica Portuguesa – Site Oficial, idealizada por Vítor Manuel Adrião. Disponível em: <https://comunidadeteurgicaportuguesa.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/10/3-e-4-julho-a-outubro-de-19571.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2024.

DHÂRANÂ. Revista on-line quadrimestral da Sociedade Brasileira de Eubiosel. A Ciência da Vida. Ano IX - número 26 , março a Junho de 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/O/folders/1EwJCF3ld-6AxT5AUmxOp8ilNnlmGB7q3>. Acesso em 18 de julho de 2024.

DHÂRANÂ. Revista on-line quadrimestral da Sociedade Brasileira de Eubiose. A Ciência da Vida. Ano IX - número 26 , março a Junho de 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/O/folders/1EwJCF3ld-6AxT5AUmxOp8ilNnlmGB7q3>. Acesso em 18 de julho de 2024.

DHÂRANÂ. Revista on-line quadrimestral da Sociedade Brasileira de Eubiose. Teosofia e Ciência. Ano VI nº 19 - maio a agosto de 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/12u6f5Mzu8wwjCtIpT2LldO3LESRoZ4JG>. Acesso em 22 de set. 2024.



DHÂRANÂ. Revista on-line quadrimestral da Sociedade Brasileira de Eubiose. **Brasil Fenício**. Ano XI, nº 34 - Novembro de 2023 a 23 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/O/folders/1yY3Gy6Dn1Yud3BCD4x48PP17FeSRATEv>. Acesso em 07 de junho de 2024.

DHÂRANÂ. Revista on-line quadrimestral da Sociedade Brasileira de Eubiose. **O que é religião?**. Ano IX nº 27 - julho a outubro de 2021;. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/O/folders/12JpSn1-APu4sFLmnwK8MDTVtstDnAqnX>. Acesso em 13 de julho de 2024.

DHÂRANÂ. Revista on-line quadrimestral da Sociedade Brasileira de Eubiose. **Amenophis IV ou Kunaton**. Ano X - no 31, novembro de 2022 a fevereiro de 2023;. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/O/folders/12JpSn1-APu4sFLmnwK8MDTVtstDnAqnX>. Acesso em 13 de julho de 2024.

DHÂRANÂ. Redator: Henrique José de Souza. Ano II, n. 18 a 20, jul./Ago. 1927. [S.l.]: Sociedade Brasileira de Eubiose, 1960. Divulgada por: Comunidade Teúrgica Portuguesa – Site Oficial, idealizada por Vítor Manuel Adrião. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnibpcajpcgclefindmkaj/https://comunidadeteurgicaportuguesa.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/10/18-a-20-junho-a-agosto-de-19271.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2024.

DHÂRANÂ. São Paulo: Sociedade Teosófica, 1960. Ano X, n. 13-14, janeiro-jun. 1960. Disponível em: <https://comunidadeteurgicaportuguesa.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/10/13-e-14-janeiro-a-junho-19601.pdf>. Acesso em 13 de out. 2024.

DHARANA, Revista. Em homenagem ao centenário de nascimento de Anton Walter Smetak. Curitiba, v. 2, n. 6, 2006. Disponível em: <https://www.eubiose.org.br/revista-dharana-06-em-homenagem-ao-centenario-de-nascimento-de-anton-walter-smetak-outubro-de-2013-a-janeiro-de-2014/>. Acesso em 15 jul. 2024.



GONÇALVES, Olímpio Neves. Homenagem à Venerável Hercília Gonçalves de Sousa. Comunidade Portuguesa de Eubiose, [sd]. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://cpeubiose.pt/wp-content/uploads/2016/03/A_Veneravel_Hercilia_Goncalves-Olimpio_Goncalves.pdf , Acesso em 15 de outubro de 2024

Vídeos consultados

DISCIPLINA DOS ARCANOS. Eubiose - A Terra Oca - Civilizações intraterrenas. YouTube, 5 jan. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=usNb8ZQM3ig&t=10s> . Acesso em: 12 jun. 2024.



Sites consultados

SOUZA, Henrique José de. As Fogueiras Sagradas da Iniciação no Ritual Eubiótico. Teresópolis: Eubiose, 2016. Disponível em: <https://eubioseteresopolis.blogspot.com/2016/06/as-fogueiras-sagradas-da-iniciacao-no.html> . Acesso em: 09 de junho de 2024.

GNOSISBRASIL. Tarô: Arcano 23 – O Lavrador. Gnosis Brasil, 2024. Disponível em: <https://gnosisbrasil.com/taro-arcano-23-o-lavrador/> . Acesso em 22 nov. de 2024.



APONTE A CÂMERA

YOUTUBE



SITE



